

MELINA DE LA BARRERA AYRES  
VALENTINA DA SILVA NUNES  
Organizadoras

# ESTRELAS DO AQUÁRIO

HISTÓRIAS DE QUEM FAZ PARTE  
DOS 40 ANOS DO JORNALISMO UFSC



MELINA DE LA BARRERA AYRES  
VALENTINA DA SILVA NUNES  
(Organizadoras)

# ESTRELAS DO AQUÁRIO

HISTÓRIAS DE QUEM FAZ PARTE DOS 40 ANOS DO JORNALISMO UFSC

VOLUME 1

1ª edição

UFSC  
FLORIANÓPOLIS  
2019

**Edição de texto**

Melina de la Barrera Ayres  
Valentina da Silva Nunes

**Projeto Gráfico**

Ildo Francisco Golfetto  
Sofia Dietmann

**Capa**

Daniela Müller

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

E82

Estrelas do Aquário [recurso eletrônico]:  
histórias de quem faz parte dos 40 anos do  
jornalismo ufsc: volume 1 / Melina de la  
Barrera Ayres, Valentina da Silva Nunes  
(Organizadoras). - 1. ed. - Florianópolis :  
UFSC, 2019.

226 p. : ils.

ISBN 978-65-80460-54-0

E-book (PDF)

Disponível em:

<[jornalismonovo.paginas.ufsc.br/livro-40-anos/](http://jornalismonovo.paginas.ufsc.br/livro-40-anos/)>

1. Jornalismo - História - Santa Catarina.  
I. Ayres, Melina de la Barrera. II.  
Nunes, Valentina da Silva.

CDU: 070(816.4)(091)

Elaborado por Jonathas Troglia – CRB 14/1093

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-65-80460-54-0



9 786580 460540



# SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	10
ADELMO GENRO FILHO – AS MUITAS VIDAS DE ADELMO GENRO FILHO	14
DANIEL KOSLOWSKY HERZ – UMA VIDA DE LUTA PELA COMUNICAÇÃO PARA TODOS	22
SÉRGIO FERREIRA DE MATTOS – SERGINHO VIVE DE LÁ PARA CÁ	29
CARLOS HENRIQUE GUIÃO – ALUNO, PROFISSIONAL, SERVIDOR E ALUNO NOVAMENTE	37
DALTON BARRETO – UM APAIXONADO HÁ 38 ANOS	44
EDUARDO BARRETO VIANNA MEDITSCH – ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	52
FERNANDO ANTONIO CROCOMO – DA ENGENHARIA AO TELEJORNALISMO: UM PERCURSO DE DESAFIOS E INOVAÇÕES	62
FRANK MAIA – PONTOS E TRAÇOS	70
GENI BENTA DOS SANTOS – O “ANJO DA GUARDA” DO JORNALISMO	76

GISLENE SILVA – UMA MULHER DE FRENTE	84
ISABEL COLUCCI – UMA PROFISSIONAL ENGAJADA	92
IVAN GIACOMELLI – QUARENTA ANOS DE CLIQUES	101
JADE GANDRA – (BEM) LONGE DO JORNALISMO	110
JOSÉ HENRIQUE NUNES PIRES – DE SUPER 8 NA MÃO	118
KÍRIA MEURER – “ATÉ ONDE MEU TALENTO ME LEVAR”	125
LARYSSA, LUNA E NAYARA D’ALAMA – UM CURSO FAMILIAR	131
LESLIE SEDREZ CHAVES – REPRESENTATIVIDADE IMPORTA	139
LUÍZA FREGAPANI – A PRINCESA DE ALL STAR E FARDA	146
MARIA JOSÉ BALDESSAR – A OUSADIA DE UMA MULHER FORTE	155
MARIA JULIA DOS SANTOS COSTA – A PEQUENA JULINHA: SONHOS E HISTÓRIAS DO SERTÃO AO LITORAL	164
RAQUEL E LUARA WANDELLI – CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA VIDA E NA PROFISSÃO	171
TATIANA TOMBINI WITTMANN – “MEU PROPÓSITO DE VIDA É COMPARTILHAR CONHECIMENTO”	179
TATTIANA GOLÇANVES TEIXEIRA – “EU SOU CERTINHA, MAS UMA CERTINHA ANÁRQUICA”	188
VALCI ZUCULOTO – A RAINHA DA RÁDIO PONTO	196

VANESSA PEDRO - UMA JORNALISTA  
PROFESSORA EM CONTÍNUA FORMAÇÃO

**203**

AS ORGANIZADORAS

**210**

OS REPÓRTERES

**212**



# PREFÁCIO



## NÃO PRECISA ESPERAR OUTROS 40...

*José Hamilton Ribeiro\**

Foi uma forma criativa e elegante fazer um *e-book* para comemorar 40 anos de um Curso de Jornalismo que é reconhecido em todo o país com textos, áudios e vídeos dos próprios alunos. A gente – leitor, vedor ou ouvidor – tem a gostosa oportunidade de apreciar mais de perto como é a rotina na escola, às vezes até em casa, de figuras referenciais do mundo do Jornalismo no Brasil que se conhecia só de fala ou pela repercussão de seu trabalho.

Que beleza ler, ouvir, e ver, como transcorrem as horas de uma figura doce e profunda como Eduardo Meditsch; de um agitado realizador como Daniel Herz; de filósofos tomadores de chimarrão como Adelmo Genro Filho; de uma cosmopolita e sempre demandada Gislene Silva; da prestançã de Dona Geni, da limpeza, tão útil e disposta no Departamento que até foi chamada de “anjo” do Jornalismo; de um Fernando Crocomo toda hora descobrindo um livro novo ou uma citação de/sobre nossos jornalistas de cabeceira; de uma adorável piradinha como Raquel Wandelli sempre multiocupada com manifestos e libelos contra a polícia nazistóide, a justiça contaminada e preconceituosa e o governo, o governo... – quê governo?! (Salvem-nos as eleições de 2022!!).

A citação de figuras que brilham no *e-book* iria longe. E nem assim talvez fosse justa, pois muitos professores e funcionários, de importância pedagógica ou humana, ficaram de fora. Da pequena amostra que relacionei, alguns já se foram, da escola ou da vida, e deles não se cobrará vitupério por estarem num produto que deles só fala bem. Nem mesmo dos mestres da ativa se cobrará isso – por causa do lance pioneiro e delicado de dar voz aos estudantes para falar das atividades e dos traços psicológicos de personagens – um com pós-doc no estrangeiro, outra que mal sabe ler – cuja sabedoria e entrega ficaram para sempre no coração e na mente dos que estavam ali para aprender.

Sendo trabalho de estudantes há que se relevar um ou outro descuido na edição do texto, algum vacilo na forma ou no conteúdo etc. O que importa é que o produto final cumpre seu objetivo – informar, educar, emocionar. Fiquei tocado, quase até ao choro, diante de histórias de construção humana e compartilhamento que – sejamos sinceros! – não se encontra fácil em órgãos de governo, de qualquer nível.

Tenho por certo que o *e-book* dos próximos 40 anos vai ser melhor que este, mas ninguém precisa esperar tanto porque a história do Curso de Jornalismo da Federal de Santa Catarina não é só a de estar entre os melhores, mas a de melhorar sempre.

Subir usando crítica e autocrítica do próprio resultado cultural para não correr o risco do marasmo, da mesmice, da falta de empolgação. Localizar



os erros, corrigir, e rir deles e de si mesmos. É o melhor jeito de evitar que riam de você...

Sabe de uma coisa: “Viva os 40 anos do Jornalismo da UFSC!” “Viva Santa Catarina!”

“Viva...” “Viva...” (Estamos tendo pouca coisa para viver ultimamente...) Então, “Viva Nós!”



\*José Hamilton Ribeiro é uma grande referência no jornalismo brasileiro. Em seus mais de 50 anos de experiência profissional, trabalhou nas redações das revistas *Realidade* e *Quatro Rodas*, no jornal *Folha de S. Paulo* e nos programas de televisão *Globo Repórter*, *Fantástico* e *Globo Rural*. É autor de quinze livros derivados de suas reportagens. Sua primeira obra, *O gosto da guerra*, relata sua vivência como único repórter brasileiro na Guerra do Vietnã.


# APRESENTAÇÃO

*Melina de la Barrera Ayres & Valentina da Silva Nunes*

**E** *strelas do Aquário*. Este é um título que pode soar inusitado para um livro comemorativo dos 40 anos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, completados em março de 2019. Não fosse o subtítulo, pouca gente entenderia que aqui estão reunidas histórias de quem faz a trajetória deste que há muitos anos está entre os melhores cursos de Jornalismo do país.

Para fazer jus às boas práticas jornalísticas de bem informar o leitor, explicamos por que falar em “estrelas” e “aquário” quando, do mar, são geralmente as focas que se associam a jornalistas. A razão para a brincadeira que virou gíria de quem ajudou a construir o Curso está no espaço que o Departamento de Jornalismo ocupa desde 1981: numa ala lateral e reservada, o Anexo A, do prédio do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), no campus de Florianópolis, cuja entrada é uma porta de vidro.

Lá dentro, onde no final da década de 1970 funcionou a Biblioteca Universitária (BU), circulando pelos seus corredores é que passam ou passaram as estrelas deste livro - e muitas outras que ainda serão perfiladas em novos volumes. São estudantes, professores, servidores e terceirizados que contaram suas histórias a jovens repórteres que, por sua vez, se encarregaram de colocar sua verve em textos, para assim também se inscreverem nesse percurso de 40 anos.



Neste livro ficamos sabendo que a primeira turma do Jornalismo da UFSC entrou em 1979, ocupando duas salas do prédio da Imprensa Universitária, onde hoje é a Agência de Comunicação da UFSC, a Agecom. Em 1981, quando a BU foi deslocada, o Jornalismo se instalou no “aquário”. Por trás das portas de vidro, sempre estiveram latentes as características que fariam dele “vanguarda” entre os cursos de Jornalismo do Brasil. Só para citar uma delas: o JorUFSC se tornou o primeiro do Brasil a oferecer formação específica para profissionais da área. Outra: é reconhecido por formar jornalistas críticos comprometidos com sua função social e o dever de colocar a informação a serviço da construção da cidadania.

Mas há muito mais. Dos 100 docentes efetivos e substitutos que ajudaram a formar alunos e escrever a história do curso, contabiliza-se uma produção notável de livros, artigos, pareceres e pesquisas que consolidam o Jornalismo como importante campo de conhecimento. Os nomes de saudosos professores como Adelmo Genro Filho, Daniel Herz e Sergio Mattos estão entre eles.

Das 36 gerações de alunos que circulam nesse ambiente de aprendizagem e debates, muitos ganham cenários nacionais e internacionais, portando câmeras, microfones, computadores, hoje *smartphones*, e também o bom e velho bloco de anotações. Há quem procure outros caminhos que não o do Jornalismo, mas que ainda assim não esquece os importantes anos de sua formação. E como ter vivido tudo isso sem o comprometimento e o carinho de dezenas de funcionários técnico-administrativos e terceirizados que ajudaram a dar vida ao “aquário”?

O projeto deste *e-book* nasceu com o intuito de contar um pouco desta trajetória, mas com ênfase nos personagens, porque a história de cada um também faz a história desses 40 anos de curso. A escolha dos perfis foi feita pelos próprios estudantes. Inicialmente parte da disciplina Apuração, Redação e Edição III, ministrada na terceira fase, pela professora Melina Ayres, o projeto ganhou novos colaboradores de outras fases e disciplinas, incluindo a professora Valentina da Silva Nunes e a bolsista Sofia Dietmann, que assina o projeto gráfico, a editoração e mais dois perfis. Não podemos esquecer também da colaboração espontânea e sempre tão solícita do professor Ildo Francisco Golfetto. Os textos foram produzidos em sala e extraclasse, com todo o processo de produção supervisionado pelas docentes, respeitando-se as escolhas narrativas e estéticas de cada repórter em seu processo de formação. Cada perfil é fruto, portanto, das escolhas de seu autor.

A produção deste *e-book* certamente gerou muita curiosidade, pesquisa, apuração, desejos de se aprimorar como repórter e redator, e, principalmente, muita interação. Até porque jornalistas nunca trabalham sozinhos, sempre em equipe – e isso se aprende desde cedo no curso.

Os 40 anos do JorUFSC são o resultado do entrecruzamento de trajetórias, como uma obra escrita a múltiplas mãos. A esse grande relato hoje se somam os leitores deste *e-book*, porque, como tão bem sabem os jornalistas, mais do que se dirigir a um público-alvo, leitores são parte pulsante, intrínseca e viva de toda produção jornalística.

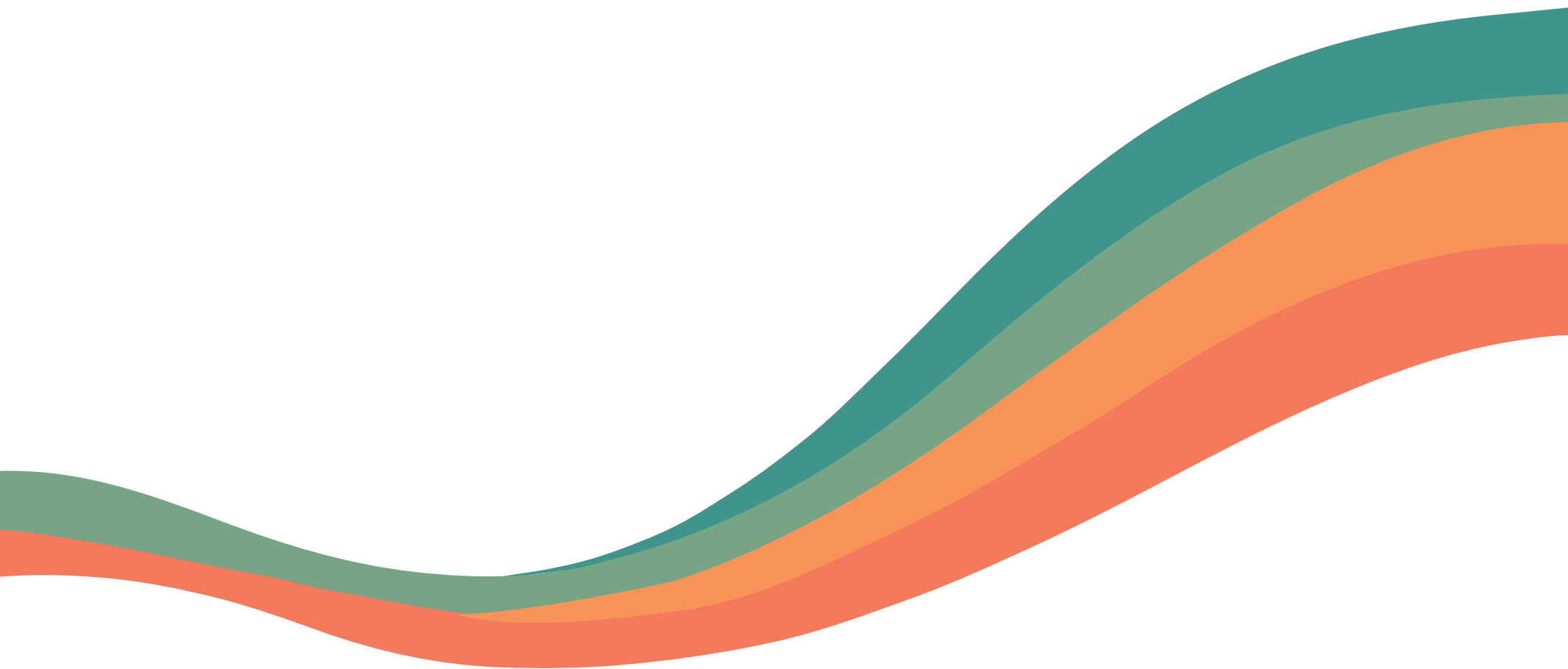


Caro leitor,

Para gerar uma versão mais leve, os recursos multimídia deste livro foram desativados.

Caso queira fazer o download do material completo, acesse:

<https://jornalismo.ufsc.br/livro-40-anos/>





**ADELMO  
GENRO FILHO**

# AS MUITAS VIDAS DE ADELMO GENRO FILHO

*Sofia Dietmann*

Em cima de uma Honda Turuna vermelha, moto popular dos anos 1970, Adelmo e a companheira Márcia viajam de Porto Alegre a Florianópolis. É fevereiro de 1988. O casal decide passar as férias na Ilha para rever amigos de longa data com quem, tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina, dividem saudosas lembranças.

460 quilômetros de estrada não duplicada em cima de uma motinho pode parecer perigoso, ao menos é isso que pensam os amigos. Mas Adelmo considera uma aventura, se diverte com a cara apavorada dos companheiros na sua chegada. Aos 36 anos, ele ainda tem o mesmo jeito engraçado e bem humorado de quando era mais jovem. As piadas irônicas, o humor ácido realmente faziam parte desse “cara baixinho, careca, de barba, óculos fundo de garrafa, meio feio até”, como diria, mais tarde, Gastão Cassel, jornalista e amigo de Adelmo, que acompanhou sua carreira como vereador.

Nascido em São Borja, Adelmo dividia a maior parte de sua vida entre Santa Maria (cidade do interior do Rio Grande do Sul) e a capital catarinense. Político, jornalista, filósofo e militante, ele viveu intensamente sua curta trajetória no mundo. Sua “motoca” vermelha e sua paixão pelo estudo da filosofia política o levaram a percorrer sinuosos caminhos, originando um verdadeiro livro de aventuras.

## LIVRE PENSADOR

A carreira na política ele iniciou logo após o fim da graduação. Ainda na época de estudante — cursou Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) —, Adelmo fez parte do movimento estudantil. Era a década de 1970, e o Brasil passava pelo auge da ditadura civil-militar instaurada pelo golpe de 1964. Ser estudante e membro

ativo dos movimentos que combatiam a ditadura significava estar sempre na mira de um governo repressor. E Adelmo não só fez parte desses movimentos, mas era uma importante liderança do Partido Revolucionário Comunista (PRC). Muito influente em Santa Maria, o PRC era uma organização política clandestina, de orientação marxista. O grupo era formado por jovens comunistas independentes e possuía um jornal semanal, o *Fazendo o amanhã*, no qual Adelmo integrava o conselho editorial.

Ele concluiu a graduação no dia 4 de dezembro de 1975. No ano seguinte, se candidatou pela primeira vez ao cargo de vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Com nome conhecido no cenário político, a família Genro era importante em Santa Maria: Adelmo Simas Genro, o pai, fora vice-prefeito da cidade, até ter seu mandato cassado pela ditadura em 1964; e Tarso Genro, o irmão, seria duas vezes prefeito de Porto Alegre – em 1993 e 2001 – e ministro durante o governo Lula.

Com 2.321 votos, Adelmo se elegeu com a segunda maior votação da história da cidade até então. “Na verdade, ele não foi eleito por conta de promessas, melhorias na infraestrutura e essas coisas”, relata Glauco Marques, engenheiro aposentado e companheiro da época de militância na Universidade, “ele foi eleito se colocando contra dois decretos da ditadura que impediam qualquer participação política dos estudantes: o 228 e o 4.464”.



Adelmo em sala de aula  
no Departamento de  
Jornalismo da UFSC.  
| Foto: adelmo.com



Seu mandato como vereador vigorou até 1982. Nesse período, Adelmo certamente não passou despercebido pela vigilância do governo. Em 1979, foi processado pela Polícia Federal com base na Lei de Segurança Nacional e levado para depor na Justiça Militar. Era acusado de cometer um grave crime contra o Estado: em um discurso proferido para uma rádio local, Adelmo declarou que o então presidente da República, General João Baptista Figueiredo, não tinha condições mentais para governar o país. “Na época, se montou um esquema para ele fugir do Brasil e ir até a Embaixada da Nicarágua, caso fosse condenado. Imagina, ele não ia para a cadeia e morrer de bobagem!”, lembra Gastão.

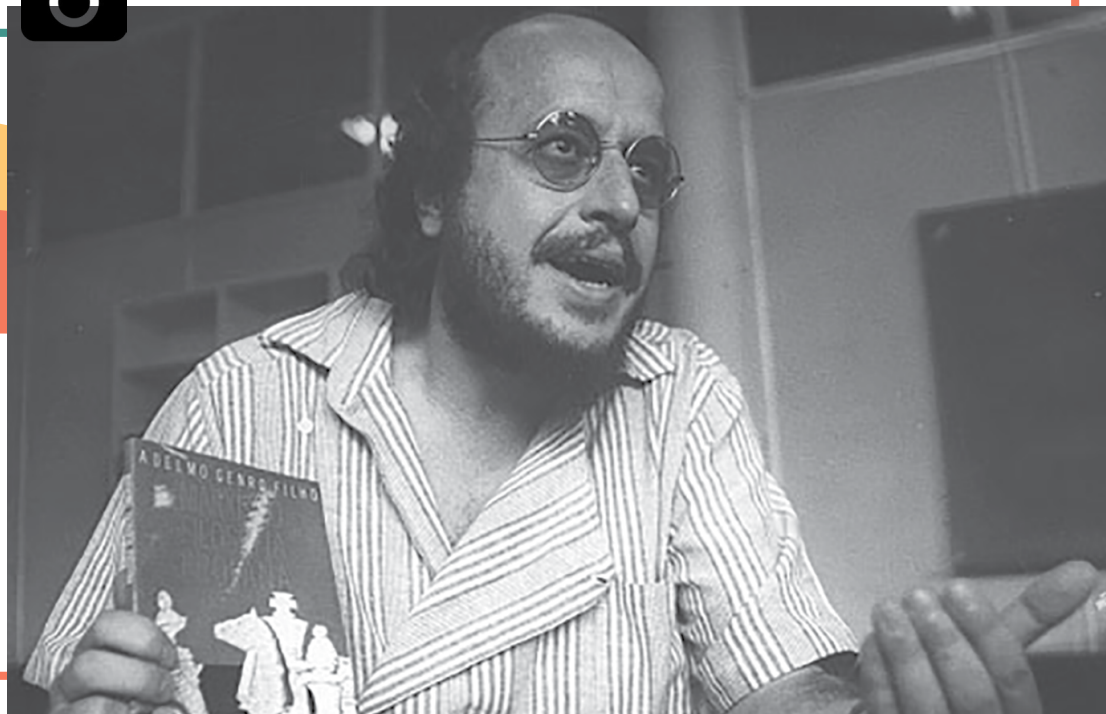
Adelmo depôs e foi absolvido. No dia de seu julgamento, lhe foi perguntado:

- Em qual escola filosófica o senhor se enquadra?
- Excelentíssimo, declaro ser um livre pensador – responde então Adelmo, como fora orientado juridicamente. Após o julgamento, já entre amigos, ele completa sua resposta:
  - O livre pensador é aquele que pensa o que quer. No meu caso, eu penso o marxismo!

## "SERÁ QUE EU ESCREVI MUITA BESTEIRA?"

**E**m 1982, Adelmo decidiu se afastar da política partidária e se dedicar à vida acadêmica. No ano seguinte, mudou-se para Florianópolis e ingressou como professor na UFSC, assumindo as disciplinas de Filosofia da Comunicação e Teoria da Comunicação II. Samuel Lima, aluno egresso e atual professor do Curso, ainda lembra do seu primeiro dia na graduação e da marca deixada pelo querido amigo e professor. “A aula era na segunda à noite, Filosofia da Comunicação. A gente ficou esperando na sala, até que apareceu aquele figurão. Ele entrou e abriu um livro: era uma antologia do Carlos Drummond de Andrade, com o poema ‘Especulações em torno da palavra homem’. Ele disse: ‘Oi boa noite, meu nome é Adelmo Genro Filho, e antes da gente discutir o conteúdo da disciplina, eu queria conversar com vocês sobre o sentido da existência’. Todo mundo ficou se olhando e pensando quem era aquele cara! Foi um primeiro contato arrebatador”.

Lançamento do livro  
*Marxismo, filosofia profana*. |  
Foto: adelmo.com



Durante seu período na UFSC, ele se dedicou intensa e incansavelmente aos estudos. Iniciou, em 1984, o mestrado em Ciências Sociais, resultando, três anos depois, em uma obra considerada por inúmeros profissionais do Jornalismo como uma das mais importantes contribuições para a consolidação da área como uma forma de conhecimento: *O segredo da pirâmide* - para uma teoria marxista do jornalismo.

“O livro se torna uma perspectiva concreta para ser jornalista a partir de uma referência diferente; ele nos mostrou que existia uma possibilidade de realmente fazer Jornalismo, e não propaganda. Ele conseguiu colocar a profissão em um outro patamar de dignidade”, relata Gastão.

Ao divulgar seu trabalho ao público, no entanto, Adelmo não tinha essas convicções. “No dia do lançamento, ele me perguntava: ‘será que eu não escrevi muita besteira? Será que alguém vai refutar, derrubar toda a teoria que eu construí?’. O Adelmo deu a cara a tapa, ele abriu um caminho que, até aquele momento, ninguém tinha arriscado. Ele estava muito inseguro no sentido epistemológico da palavra. ‘Eu não sei se é isso. Eu não sei se de fato o conceito de singular sustenta a teoria do Jornalismo’, ele dizia”, lembra Samuel, que acompanhou de perto o lançamento do livro em setembro de 1987.

## ÚLTIMO CAPÍTULO

Certamente, não só de política e filosofia se faz um homem. Fã de uma costelinha – como bom gaúcho que era – e de fumar um cachimbo esporadicamente, e o que talvez ninguém saiba sobre este grande teórico marxista e revolucionário é que Adelmo Genro Filho era fã de telenovela. “Lembro de uma vez que fomos na casa dele para conversar, ali no condomínio Baía do Sol, na Trindade. Dava para perceber que ele estava aflito com alguma coisa, até que ele pede um minutinho porque ele não queria perder a novela!”, relembra Gastão com um sorriso no rosto. “Apesar de ser um negócio absolutamente *pop* e dissonante da complexidade do pensamento dele, ele curtia para caramba. E ainda por cima criava umas teorias engraçadas sobre as tramas”.

Seus amigos ressaltam a incrível capacidade que tinha para ouvir. “Ele considerava as pessoas. Quando nós nos conhecemos, eu era um adolescente, eu não sabia nada das coisas. Mas mesmo assim ele considerava a minha opinião. Ele perguntava as coisas, e não eram perguntas retóricas, ele queria saber o que eu pensava. E se a minha opinião fosse divergente da dele, de alguma maneira, ele pesava isso”, lembra Gastão.

“Eu diria que ele tinha era muita paciência”, brinca Glauco Marques. “Quando nos reunimos com os membros do PRC, ele promovia muitos espaços de discussão teórico-filosófica. Ele conseguia fazer com que as pessoas se sentissem parte da discussão, independente do nível de familiaridade com os conceitos que ele trazia”.

Apesar do “carimbão marxista”, Samuel lembra da habilidade de Adelmo para dialogar com as pessoas mais diversas. “Era interessante o movimento no curso, de alunos e alunas que eram mais conservadores, mais à direita, e que procuravam o Adelmo para ser orientador porque tinham nele uma referência de diálogo, de respeito, de excelência na relação humana”.

Adelmo Genro Filho acabou carregando consigo um legado muito maior do que seu trabalho. Suas ideias ainda flutuam sobre as discussões na sala de aula, nos corredores, nos congressos e estudos e até mesmo na

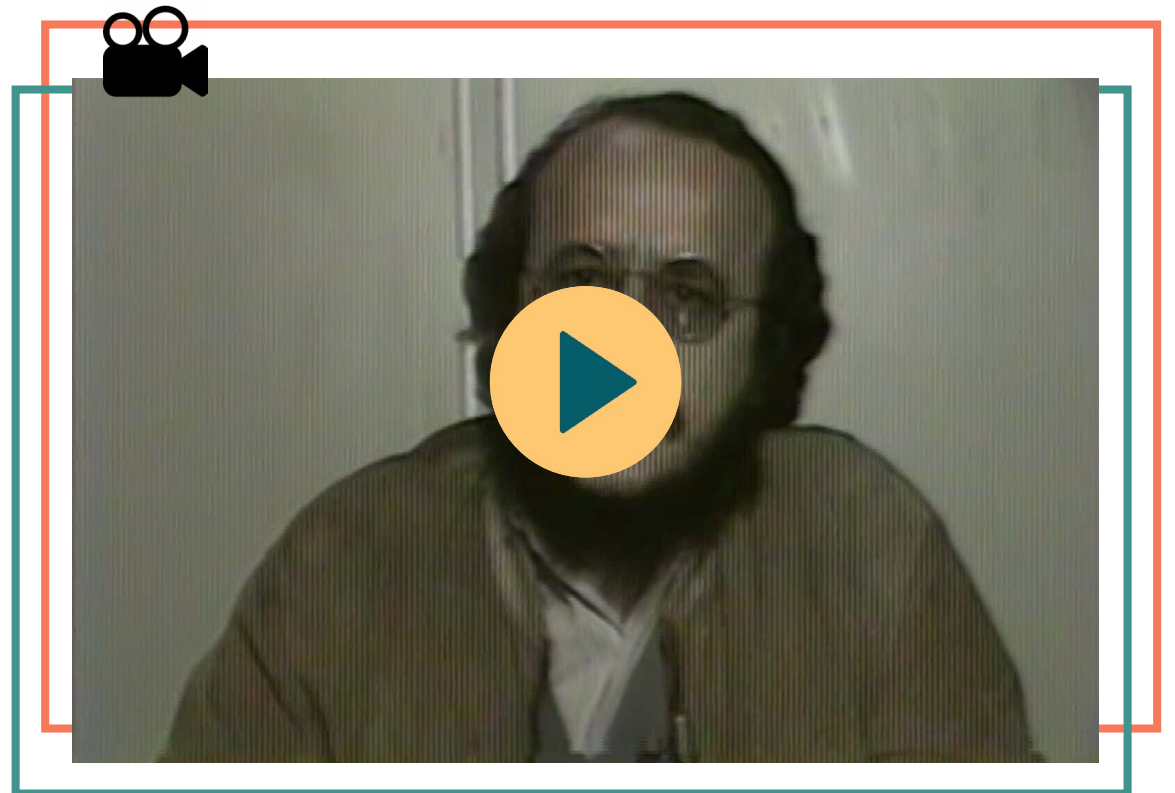
mesa do bar. O CALJ — Centro Acadêmico Livre de Jornalismo da UFSC — que exibe o seu nome na porta, é uma lembrança diária do impacto que causou a sua passagem pelo curso.

Também impactante foi a viagem dele até Florianópolis, naquele fevereiro de 1988. De “motoca” vermelha, ele chegava para dar seu último adeus à cidade. Seu falecimento por conta de uma varicela hemorrágica, em 11 de fevereiro daquele ano, abriu um hiato enorme nos corações amigos e nas futuras mentes pensantes do Jornalismo. No entanto, coincidência ou não, sua morte continua a abrilhantar as palavras por ele mesmo propostas no início da aula daquela segunda-feira à noite, em uma sala cheia de calouros:

“[...]”  
Quanto vale o homem?  
Menos, mais que o peso?  
Hoje mais que ontem?  
Vale menos, velho?  
Vale menos, morto?  
Menos um que outro,  
se o valor do homem  
é medida de homem?  
Como morre o homem,  
como começa aí?  
Sua morte é fome  
que a si mesma come?  
Morre a cada passo?  
Quando dorme, morre?  
Quando morre, morre?  
“[...]”

Trecho de “Especulações em torno da palavra homem”, do livro *A vida passada a limpo*, de Carlos Drummond de Andrade.

Assista a entrevista de Adelmo Genro Filho sobre as potencialidades e riscos do uso da televisão.



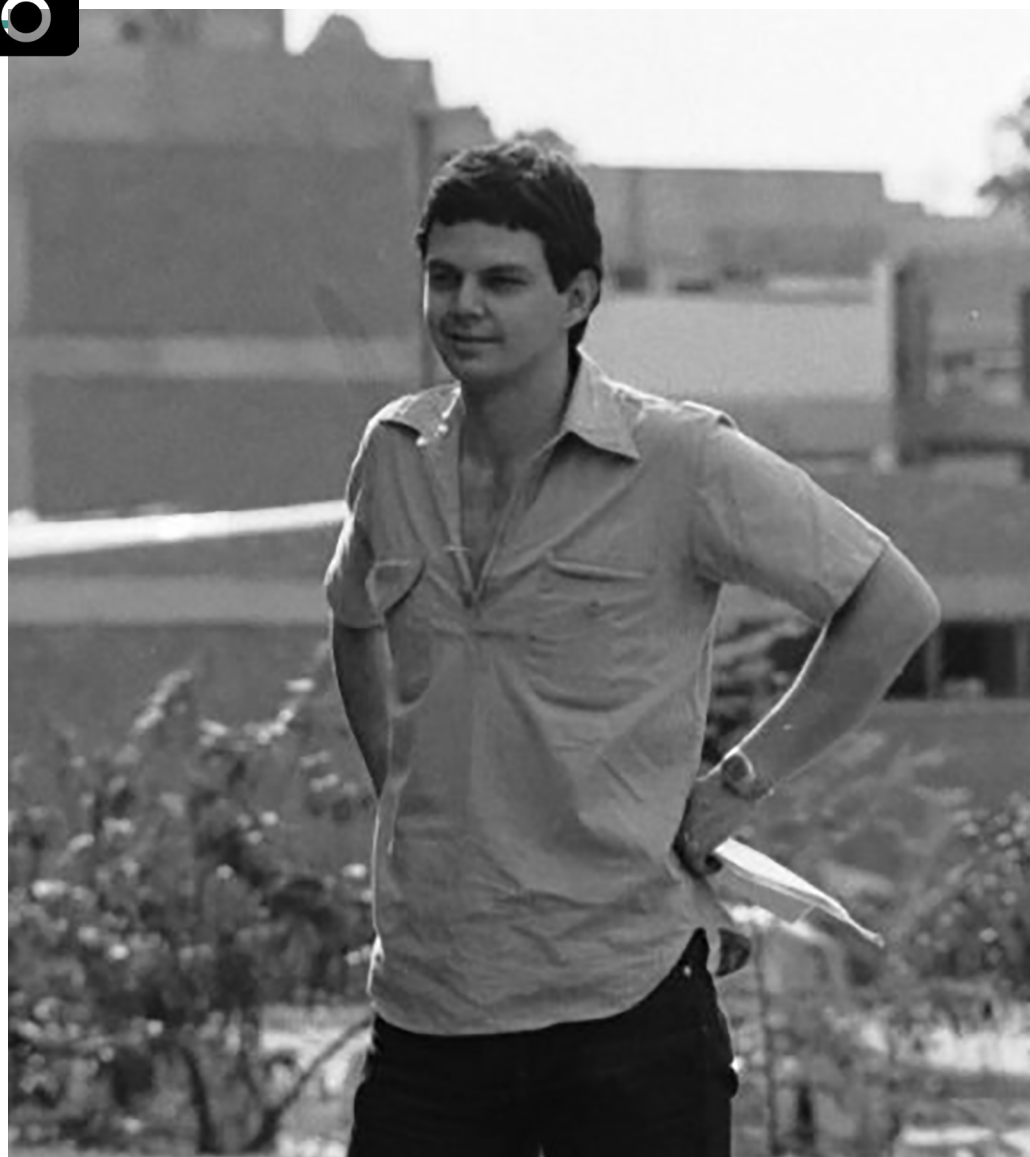


**DANIEL  
KOSLOWSKY HERZ**

# UMA VIDA DE LUTA PELA COMUNICAÇÃO PARA TODOS

*Sofia Dietmann*

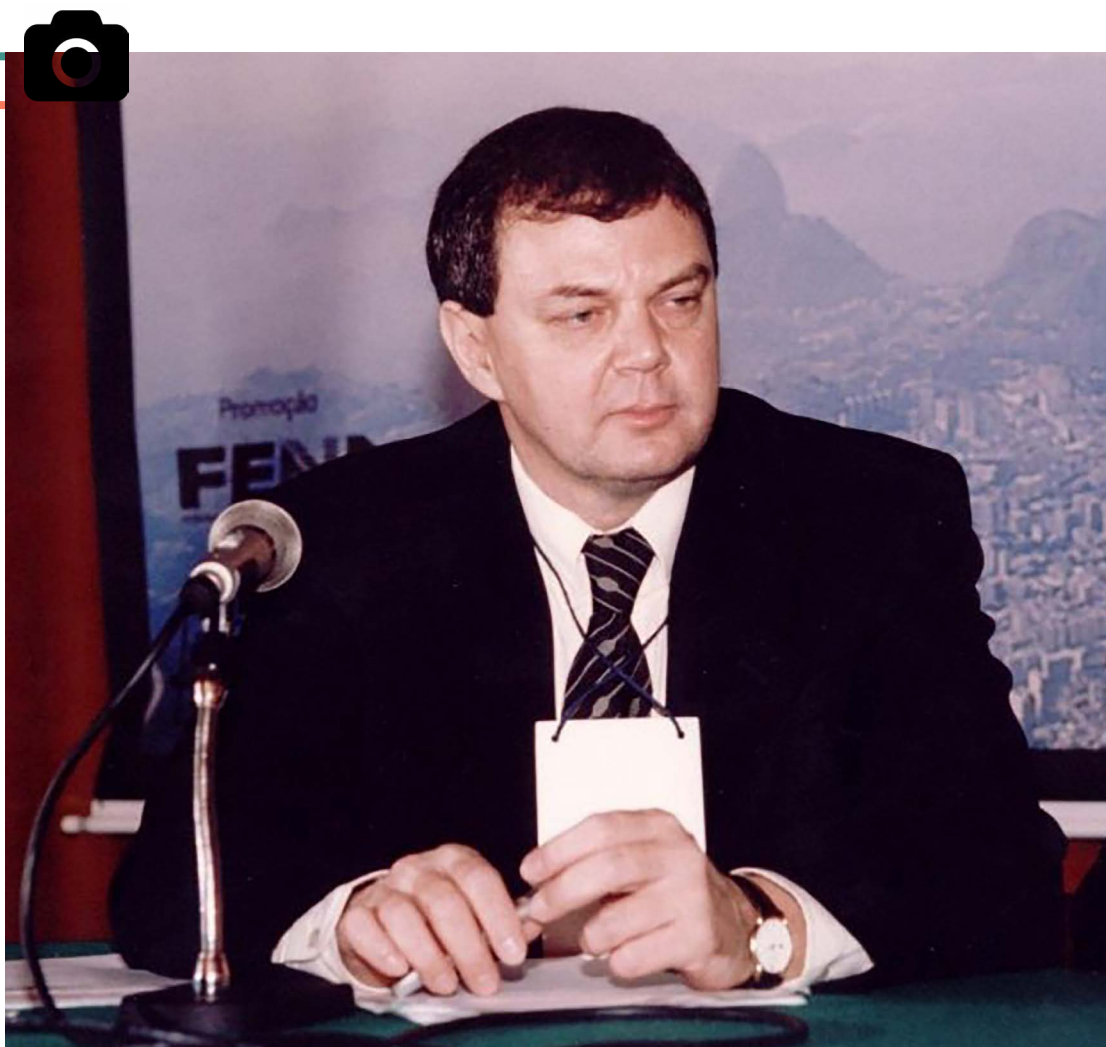
Em julho de 2006, o *Zero*, jornal-laboratório da UFSC, estreava mais uma edição produzida pelos alunos. O jornal, normalmente recheado com os principais eventos da cidade retratando alguma questão ambiental ou problemas de teor político, trazia uma edição especial. Com testemunhos de amigos, colegas de trabalho e familiares, o *Zero* daquele mês era inteiramente dedicado ao professor do Curso Daniel Koslowsky Herz, que havia falecido em 30 de maio.



Daniel Herz, em 1981, na época em que atuou como professor do Jornalismo na UFSC. | Foto: Acervo UFSC

Nascido em Porto Alegre, em 29 de dezembro de 1954, Daniel Herz era o principal herdeiro da empresa Ferramentas Gerais – líder nacional na comercialização de produtos para a indústria. Criado em um ambiente familiar com conforto financeiro, Daniel é muito lembrado pela sua generosidade. “Ele dividia o pão com a gente, muitas vezes”, declarou Pedro Luiz Osório, em entrevista para a equipe do Zero em 2006, “ele usou suas posses na luta pela democracia, especialmente, na democratização da comunicação, causa que nunca abandonou”.

Esse foi o fio condutor do mundo de Daniel Herz no Jornalismo. Durante toda a sua carreira – que se iniciou em 1977, na Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS), no Rio Grande do Sul – Daniel se dedicou à criação de políticas de comunicação que regulamentassem a profissão no país. Foi o redator do Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação Profissional dos Jornalistas e também o principal autor das Diretrizes Curriculares para o Ensino de Jornalismo em 1999.



Daniel no Congresso dos  
Jornalistas (sem data).  
| Foto: danielherz.com.br



“Foi Daniel quem mais enfaticamente propôs, já em 1980, que havia condições de se iniciar aqui uma nova experiência no ensino da comunicação. Mas não seria ele se não apontasse já o caminho: ‘a um só tempo, seria preciso criticar as tendências conservadoras e arcaicas de ensino de Comunicação no Brasil, inventar um novo curso e lutar contra as limitações e a burocracia da universidade para transformá-lo em realidade’” – escreveu o jornalista e também professor do Curso Eduardo Medisch, para aquela edição especial do jornal *Zero*.

Sua luta pela democratização das mídias começou pelo seu encanto pela política. Atuou lado a lado de seu primo, Adelmo Genro Filho – outra importante figura do mundo do Jornalismo e da UFSC – no Partido Revolucionário Comunista (PRC). “Militante incansável”, como descreveu o jornalista Gustavo Gindre, Daniel foi secretário de Comunicação do governo de Olívio Dutra, na prefeitura de Porto Alegre, no final dos anos 1980.




Daniel (à esquerda) e Adelmo: ambos atuaram como professores na UFSC. Alguns anos depois mantiveram juntos um centro de estudos em filosofia política, em Porto Alegre. | Foto: Acervo UFSC

A vida política combinada com a carreira jornalística lhe deram a força e a coragem de dizer o que queria. Daniel é igualmente lembrado por não ter papas na língua. O envolvimento com partidos de esquerda e, ao mesmo tempo, a relação com sua família de industriais, não o impediram de escrever *A história secreta da Rede Globo*, fruto de sua pesquisa de mestrado na Universidade de Brasília (UnB). O livro relata e documenta os métodos antidemocráticos utilizados nas concessões dos canais de rádio e televisão e demonstra como a *Rede Globo* construiu o seu monopólio às margens da lei.

“Eu tive um privilégio na vida, que foi ter iniciado minha carreira acadêmica de pós-doutorado numa circunstância do destino que foi decisiva para mim: orientei a dissertação de mestrado do Daniel. E foi assim que eu conheci o Daniel Herz, numa condição que até hoje não sei se eu fui o orientador dele ou se ele me orientou”, relatou o jornalista Murilo César Ramos.

Não faltam histórias para contar sobre Daniel Herz. O jornalista e amigo Gastão Cassel lembra dos encontros da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em São Paulo, onde os dois comumente dividiam o quarto no hotel. “A gente ficava em uns hotéis de sindicalista, fuleiros para caramba. Eu lembro que tinha um hotel na rua São João, Hotel Cineasta. Eu acho que até pulga tinha naquele lugar”. Para compensar a estadia, Daniel convidava Gastão e os outros colegas de viagem para jantar em restaurantes reservados — e caros — da cidade. Lá, eles experimentavam o melhor da culinária local. Gastão lembra que, ao final do jantar, “a conta nunca chegava na mesa, isso era um momento que não existia. Ele fazia esse momento sumir. Essa era uma peculiaridade dele, ele era um cara muito querido”.

O relacionamento de Daniel com o pai, apesar de conflituoso, gerava bons frutos. Francisco Karam, amigo e colega de trabalho no período em que foram professores do Curso de Jornalismo, lembra que Daniel conseguiu, por algumas vezes, mudar posicionamentos políticos de seu pai. “O pai do Daniel tinha uma visão muito empresarial, enquanto ele tinha outras questões mais importantes na vida. Eles eram, de certa forma, muito parecidos: os dois tinham essa necessidade de trabalhar muito, o tempo todo. Mas mesmo sendo parecidos, eles eram ideologicamente muito diferentes”.




O pai foi um dos últimos a saber sobre sua doença. Em 2000, Daniel foi diagnosticado com mieloma múltiplo – câncer que afeta originalmente a medula óssea –, recebendo então a estimativa de apenas três meses de vida. Seis anos depois, Daniel ainda lutava incessantemente em busca de tratamentos para a sua delicada situação de saúde.

“A última vez que a gente conversou ele disse: ‘eu vivo ainda porque eu sou rico’. Ele foi para os Estados Unidos morar praticamente na porta de um megalaboratório chamado *Little Rock*, onde participava de testes de medicamentos da época”, relembra Gastão. Sua ida para os Estados Unidos se deu através de um avião particular cedido pelo pai, que ficou desesperado ao descobrir a condição de Daniel.

O câncer, entretanto, não alterou ou diminuiu o seu ritmo de trabalho. Pelo contrário. Francisco Karam lembra que a insônia, causada pelas medicações, tornaram as madrugadas momentos de grandes produções.

Sergio Murillo, ex-aluno e grande amigo de Daniel, lembra dele como uma pessoa bem humorada, leal e extremamente solidária, mas reafirma que sua principal característica era a disciplina. “O Daniel era um cara muito disciplinado e muito disciplinador. Era um professor presente e muito sério, sério demais às vezes. Isso era um problema inclusive, porque fazia com que os alunos ou odiassem ou amassem ele”, lembra Sérgio.

A seriedade com que lidava com os alunos também era perceptível nas relações familiares. Sérgio lembra que seu envolvimento com seus três filhos era reflexo claro de sua criação. “Ele tinha um jeito meio frio na relação pessoal. Não era envolvente, carinhoso ou expansivo. Esse foi o jeito com que ele foi criado, os pais o tratavam assim. Não que não se amassem, eles tinham o próprio jeito de amar, mas parecia que não eram próximos porque não expressavam”, conta. Segundo Sérgio, sua criação com certeza influenciou o modo como se relacionava com os filhos. “Ele tinha um carinho imenso pela filha mais nova, chamava ela de pacotinho. Mas mesmo esse apego com a filha parecia sem jeito”.



Inteiramente comprometido com suas visões e posicionamentos, Daniel se dedicou até o fim da vida a sua principal causa: a democratização dos meios de comunicação. Depreciador de salada e amante de um bom churrasco, Daniel é lembrado por Francisco como “um cara exigente, mas solitário”. O jornalista Gustavo relatou: “de Daniel vou guardar a indignação sem jamais perder a educação, o humor discreto, a dedicação germânica ao trabalho, a inteligência arguta e o desprendimento com que largou a herança empresarial da família”.



# SÉRGIO FERREIRA DE MATTOS

# SERGINHO VIVE DE LÁ PARA CÁ

*Gabriel Guimarães*

**I**nquieto e ágil, ele entrava no Departamento de Jornalismo logo cedo. Quem visse aquela figura de baixa estatura passando muito rapidamente poderia pensar que Sérgio Ferreira de Mattos, o professor Serginho, estava sempre atrasado. Mas a verdade é que nunca estava. Pelo contrário: chegava até bem antes de Marco Antônio dos Santos, um dos servidores técnico-administrativos que cuidam do Laboratório de Telejornalismo da UFSC, o LabTele. Lá, Serginho lecionou por quase três décadas, e como num ritual diário, ali esperava todas as manhãs pelo técnico que chegava com as chaves para abrir o estúdio e a sala. Até hoje, ao chegar no trabalho, Marco diz que sente como se fosse encontrar com o professor encostado na porta do LabTele, esperando-o para começar mais um dia de trabalho. Ele até o vê, mas Serginho já não está mais lá.

Seus cabelos em formato de mola se acostumaram a saltar de lá para cá muito cedo, no corre-corre ansioso de um aventureiro por essência. Gaúcho de Porto Alegre, aos 20 anos de idade ele ingressou no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Aquela turma de 1970 não perdia uma chance sequer de fazer uma boa farrá. O local? A casa do mais festeiro de todos: Serginho. Foi nesse casarão histórico, localizado na Rua Vitor Hugo, bairro Petrópolis, em Porto Alegre, que o baixinho teve a ideia da primeira grande aventura: viajar sem rumo e sem dinheiro pela América do Sul. Os amigos, quase tão desbravadores (e inconsequentes) quanto ele, toparam o desafio.

No final de 1971, Serginho e mais seis amigos da faculdade trancaram a matrícula na UFRGS e partiram para a Argentina. De lá, saíram levando a música brasileira às praças de dezenas de cidades e povoados latino-americanos. *Los Macunaímas* - nome dado à banda - fizeram amigos, passaram perrengues, namoraram, brigaram e tiveram suas experiências psicoativas, mantendo ares de 1960 àqueles recém-nascidos anos 1970. Com Serginho na flauta, a banda atraía como um ímã a audiência desacomumada àquele tipo de arte. Saíam com os ouvidos borbulhando.

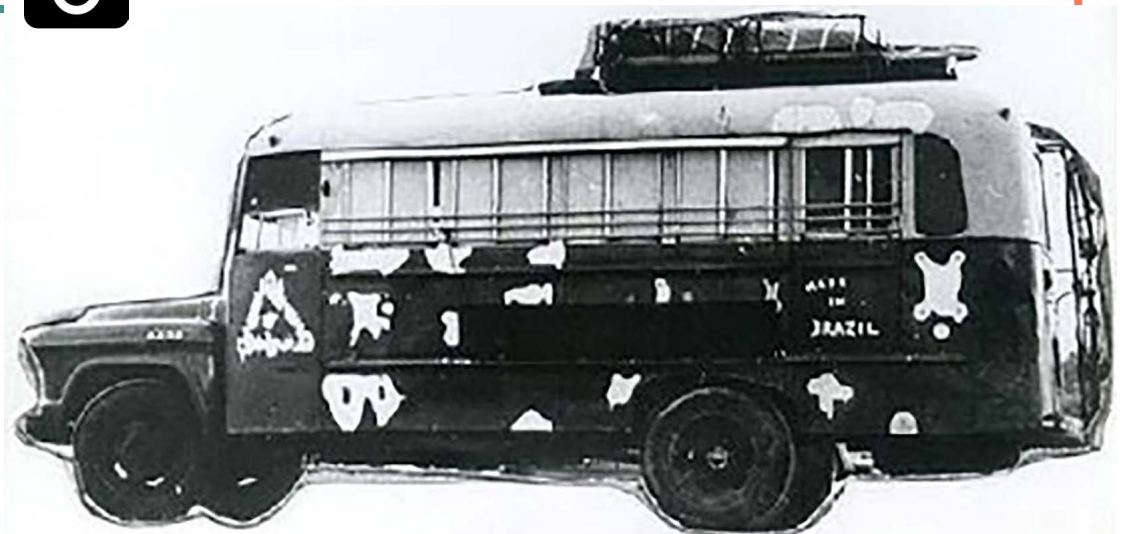
*Los Macunaímas* em Oruro, Bolívia. Serginho é o flautista ao centro da imagem, com o chapéu de explorador. | Foto: Blog Uma Banda, Clóvis Haberle



A bordo do capenga Grilo Boca de Ouro – um caminhão Chevrolet 1955, adaptado para ser *motorhome* – Serginho era o dono das ideias mais exóticas. Certa vez, nos Andes bolivianos, propôs que subissem até o topo do monte Chacaltaya (mais de cinco mil metros acima do nível do mar). A mistura da estrada precária com a suspensão danificada da casamóvel de *Los Macunaímas* poderia muito bem ter terminado em tragédia. No entanto, a aventura teve seu ápice em uma experiência onírica para a banda, que via neve pela primeira vez.

Grilo Boca de Fogo, o caminhão Chevrolet 1955 adaptado para *motorhome*, era de um grupo de cariocas com quem *Los Macunaímas* se encontraram no início da viagem. Os donos do veículo pretendiam chegar ao Canadá por terra. No entanto, os problemas mecânicos se tornaram irremediáveis e o trailer foi doado no Peru. | Foto: Blog Uma Banda Pelos Andes, Clóvis Heberle





O caminhão Grilo. |  
Foto: Blog Uma Banda  
pelo Andes

De volta à capital do Rio Grande do Sul, Serginho se formou, trabalhou em rádios e tevês. No início dos anos 1980, o aventureiro decidiu dar outro rumo a sua carreira. Fez concurso para ministrar aulas no recém-criado Curso de Jornalismo da UFSC. Aprovado, conectou-se como ninguém à Ilha da Magia e aos alunos, com quem se misturava como se fosse um deles.

Tal qual no casarão da Rua Vitor Hugo, dez anos antes, a residência caruarinense do agora professor Sérgio Mattos se transformou no ponto de encontro dos alunos do Jornalismo. Localizada no sul da Ilha, ali bebia-se vinho e comia-se bem, receitas criadas e copiadas pelas mãos habilidosas do anfitrião. Amiga e visita recorrente, Maria José Baldessar foi aluna e depois colega de profissão do gaúcho, quando se tornou professora do Departamento. Ela atribui ao amigo muito do que sabe fazer na cozinha. “Ele fazia aquelas carnes cheias de ingredientes, e eu aprendi a cozinhar com ele”.

Se ao paladar, o gaúcho encantava; e aos ouvidos fazia borbulhar com melodias; Serginho também fazia um bem excepcional aos olhos. Professor de Telejornalismo, o outrora viajante tinha uma visão prodigiosa para imagens belas e significativas. Ele usou seu dom para formar jornalistas que aprenderam como usar a câmera de vídeo para contar histórias. Visionário, defendia que o Jornalismo local devia ser feito em “manezes”, não apenas no sotaque e no léxico, mas também na proximidade do povo nas pautas.



Consciente de que a experiência molda grandes profissionais, o professor não abria mão de levar os alunos todos os semestres à Ilha do Campeche, para que pusessem em prática o que aprendiam em sala de aula. Sempre defendeu que os estudantes tinham o direito de ter acesso aos equipamentos, para aprender na prática os processos da produção em Telejornalismo.

Em empreitada ainda mais ousada, com a ajuda do professor Clóvis Geyer, também do Curso de Jornalismo, conseguiu levar alguns alunos à região do Baixo Amazonas paraense, no Projeto Rondon 2009. Liderado pelo então Ministério da Defesa, o projeto pretendia levar estudantes de diversas áreas de conhecimento para ajudar no desenvolvimento de regiões carentes do Brasil. E, é claro, lá estavam Serginho e seus alunos, desbravando e absorvendo toda aquela cultura.



Sergio, Clóvis e os alunos que o acompanharam no Projeto Rondon em 2009. | Foto: Site do Projeto Rondon

Unanimidade entre os estudantes, o gaúcho quis se desafiar novamente. Desta vez, voltando-se à área administrativa da universidade. Primeiro como Chefe do Departamento de Jornalismo, e depois como Diretor do Centro de Comunicação e Expressão. O professor levou seu carisma a lugares tradicionalmente mais austeros. O que não significa que ele não levasse o trabalho a sério. A diferença de Serginho era a leveza com que tratava dos temas mais difíceis e dos momentos de decisão. O fato de ser

conhecido como o “representante do Jornalismo” para os professores dos outros cursos (desde antes de dirigir o Centro) facilitou muito sua gestão.

A experiência na administração o munuiu de conhecimento para realizar um sonho antigo: o de que todo aluno pudesse usar os equipamentos de TV para chegar preparado ao mercado. Graças a uma verba do governo federal - o chamado FUNGRADÃO, de 2003 - Serginho conseguiu montar, com a ajuda de outros professores do Departamento, como Áureo Moraes, o Laboratório de Telejornalismo. Naquela época, afastado para um doutorado, o professor Fernando Crocomo conta que foi o gaúcho quem organizou o estúdio e a *switcher* tal como são hoje em dia.

Mas não pense que o jeito descontraído e a amizade com os alunos atrapalhava em sala de aula. Nos momentos em que o professor precisava ser rígido, ele era sem nenhum problema. Quando ficava irritado, os estudantes já sabiam: ele arregalava os olhos e as pupilas dançavam naquelas implacáveis esferas brancas. Era o sinal de que o professor Sérgio Mattos substituíra o professor Serginho. Mas durava pouco tempo. Sidneya Oliveira, professora aposentada do Departamento de Letras, conta que seu melhor amigo era muito bom em convencer os outros sobre o seu ponto de vista, na base da conversa.

A primeira década do novo milênio terminou lenta. A vida apressurada de Serginho foi, aos poucos, desacelerada devido a um tumor no cérebro. Quando descoberta, a doença já estava em estágio avançado. As limitações que vieram com a doença não tiraram sua serenidade, ele não entregou os pontos. “No hospital, ele falava como se no outro dia já fosse para a UFSC... E eu sabia que ele tinha só mais algumas semanas de vida”, afirma Sidneya, quem mais o acompanhou nos últimos dias. Serginho recebia os amigos e conversava como se o câncer não existisse.

Deu aulas até que o corpo não aguentou mais, no primeiro semestre de 2010. Faltando quinze minutos para o final do dia 28 de julho daquele ano, Serginho passou a existir apenas no verbo e na memória. Foi velado usando uma kurta, vestimenta que trouxera da Índia meses antes. Mais tarde, aconteceu o enterro onde começara sua vida há 61 anos, em Porto Alegre.



O parágrafo anterior poderia, muito bem, encerrar este capítulo. Afinal, a morte significa, rigorosamente, o fim da estada de um ser humano sobre a Terra. Portanto, nada lhe acontecera desde então. Porém, pessoas da importância de Serginho carecem de mais algumas linhas dedicadas àquilo que todo homem ou mulher de boa fé perseguem durante sua vida: o legado.

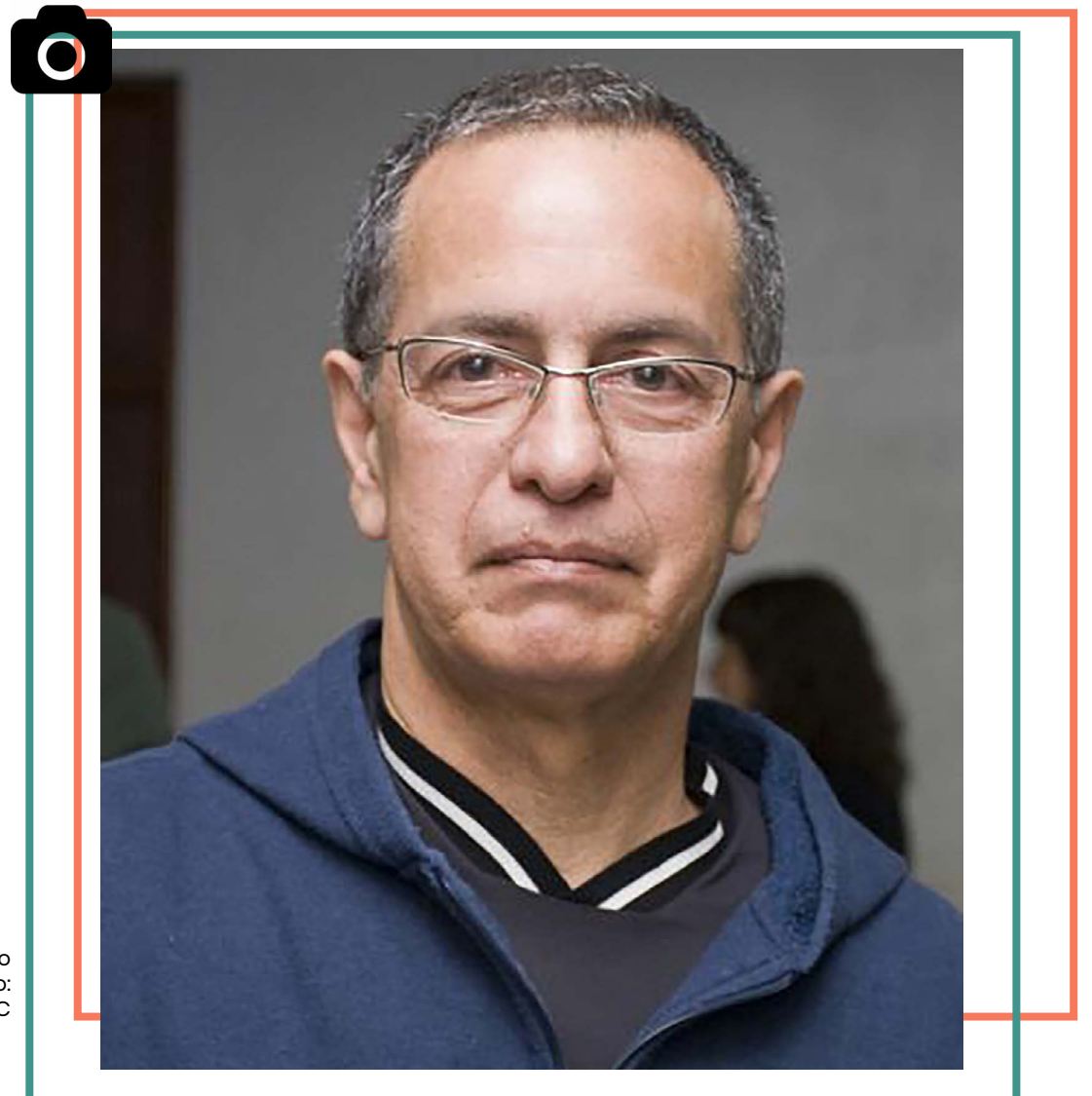
Não se trata de um legado físico. No casarão da Rua Vitor Hugo, hoje funciona uma clínica de cirurgia plástica. O *motorhome* Grilo, que escapou por um triz de ser queimado em uma praia peruana, foi doado a um clube de pesca e caça daquele país. Nem falar do patrimônio imaterial da música de *Los Macunaímas* que - ao contrário do personagem de Mário de Andrade - ficou preso nos anos 1970, e nos lugares onde fora executada.



A casa histórica na Rua Vitor Hugo em Porto Alegre, onde Serginho nasceu e cresceu.  
| Fonte: Site Clínica Cirurgia Plástica Uebel

O que Sérgio Ferreira de Mattos deixou à humanidade, ele plantou em quem passava por sua vida. Homossexual assumido, em tempos ainda menos amigáveis a essa vivência, abriu espaço para que outras pessoas pudessem ser quem eram, a despeito de moralidades empoeiradas e preconceitos decréptos. Os ensinamentos sobre Telejornalismo – que rejeitava o estrelismo permeado pela exposição – levou às ruas profissionais mais éticos e comprometidos com o interesse público. Dos amigos que deixou nas inúmeras viagens que sucederam àquela com *Los Macunaímas*, o professor trouxe a conclusão de que somos uma espécie única, que deveria se ver mais nessa unidade.

Hoje, o Laboratório de Telejornalismo que ajudou a montar se chama Sérgio Ferreira de Mattos. O nome pomposo fica eternizado na parede do Departamento. Já “Serginho” está vivo em ideias. Indo de lá para cá, inquieto nas cabeças daqueles em que inspirou a ânsia de serem livres para explorar a diversidade do mundo.



Serginho, no Departamento do Curso de Jornalismo. |Foto: Acervo UFSC



**CARLOS  
HENRIQUE GUIÃO**

# ALUNO, PROFISSIONAL, SERVIDOR E ALUNO NOVAMENTE

*Maria Vitória Woldan*

Guião está distraído mexendo no celular quando entro em sua sala. Deposito na mesa a bolsa com a câmera que peguei emprestada do Laboratório de Telejornalismo, o LabTele, do Curso de Jornalismo. Ele nota a minha presença, e eu digo: “tá aqui a sua queridinha, Guião! Devolvida sã e salva”. Ele me olha com uma seriedade forçada e afirma com a voz grave: “bom mesmo dona Maria, bom mesmo”. Soltamos uma risada boba. Estou quase saindo da sala quando percebo que há um pequeno tabuleiro de xadrez montado em cima da mesa.

- Você sabe jogar xadrez?!, pergunto.
- Uhum, ele responde.
- Vamos jogar uma partida então! Valendo aquele litrão que você está me devendo desde o ano passado, desafio.

Guião concorda, e sento na cadeira em sua frente. Fico com as peças pretas e ele com as brancas. Ele coloca seus óculos e apoia a mão no queixo em uma postura pensativa. Começamos a partida. Um clima de silêncio e concentração se instala no ambiente. Afinal, nenhum de nós gosta de perder. Jogada daqui, jogada dali. Estamos empatados em número de peças derrubadas. Depois de um momento de distração de minha parte, ele reorganiza seu bispo e sua rainha, me olha com um sorriso orgulhoso e diz: “xeque-mate!”.

Carlos Henrique Guião nasceu “alguns anos atrás”, no dia 12 de novembro. Ele não gosta de revelar sua idade. Trabalha no LabTele desde 1993, na função de servidor-técnico. Apesar de ter traços do sotaque “manezinho”, é, na verdade, carioca. Mudou-se para Florianópolis, juntamente com sua família, aos dez anos de idade.

De repente, a porta da salinha é aberta de forma abrupta e nossa conversa é interrompida. Maria Gabriela Schwaemmler, editora-chefe do *TJ UFSC*, olha para o servidor com uma expressão assustada e diz:

- Guião, Guião! Preciso de uma pilha! O *TJ UFSC* está ao vivo, a matéria tá rodando e a bateria do microfone do Reginaldo, que tá apresentando hoje, tá quase acabando! Precisamos trocar antes que a matéria termine!

Ele dá um salto da cadeira, pega as chaves, abre o armário, alcança as pilhas, desce as escadas correndo até o estúdio e ajuda o apresentador a arrumar o microfone. Ufa! Deu tempo. A matéria acaba, e Reginaldo volta a apresentar o jornal como se nada tivesse acontecido. Acompanho o desenrolar da cena de longe, tentando não atrapalhar. Superado o momento de tensão, voltamos à salinha e continuamos nossa conversa.

De acordo com Guião, todo dia é assim, “essa loucura”. Essa movimentação acontece graças ao *TJ UFSC*, o telejornal universitário diário do Curso. Criado pelos professores Antonio Brasil e Cárilda Emerim em 2012, o *TJ* é um projeto de Extensão. Nesses sete anos de funcionamento, venceu, em 2017 e 2018, o prêmio de melhor produção Laboratorial em Videojornalismo e Telejornalismo na Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), que integra o Congresso Nacional da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

Cárilda Emerim, Carlos Henrique Guião e Antonio Brasil no estúdio Sérgio Mattos, local onde ocorre a transmissão diária do *TJ UFSC*. | Foto: Acervo pessoal



A produção diária de matérias, a colocação do jornal ao vivo no ar, as reuniões de pauta e a quantidade de alunos circulando pelo laboratório movimentam a rotina do servidor. Atualmente Guião está habituado e feliz com suas atividades na UFSC, entretanto, nem sempre foi assim. Antes de trabalhar aqui, entre 1986 e 1993, trabalhou como cinegrafista na *Rede Brasil Sul de Televisão* (RBS).

Ele soube que havia uma vaga para cinegrafista enquanto cursava a faculdade, e, apesar de não saber nada da função, foi até a empresa. Naquele dia chovia muito. Como Guião foi de moto, chegou na *RBS* todo encharcado. O homem que seria seu futuro chefe, o húngaro Gyula Buza, observou a cena, abriu uma gaveta, pegou várias apostilas da *Rede Globo*, entregou para ele e disse: “toma, não mostra pra ninguém, vai estudar”. Guião saiu de lá com uma felicidade imensa, com o coração batendo forte. Ele termina essa história e me diz num tom de conselho quase paternal: “quando você quer uma coisa, tem que ir lá, mostrar interesse. Quando precisarem, eles chamam. Entendeu?”.

Guião foi funcionário na *RBS* por sete anos. Nesse meio tempo, foi cinegrafista e repórter cinematográfico de grandes nomes do Jornalismo, como Sônia Bridi, Caco Barcellos, Tonico Ferreira, Domingos Meirelles, He-

Estudantes de Jornalismo, professores e o servidor que formaram a equipe do *TJ UFSC* em 2017. | Foto: Acervo pessoal





raldo Pereira, Ricardo Von Dorff, José Hamilton Ribeiro e Marcos Losekann. As longas jornadas de trabalho motivaram sua saída da emissora. Por isso, em 1993, prestou concurso para servidor na UFSC e, desde então, trabalha na universidade. Nesse tempo, utilizou sua experiência na manipulação de imagens e de enquadramento para ajudar na formação de diversos alunos. “Modéstia à parte, para você ensinar sobre imagem para alguém, tem que ter o *feeling*, tem que ser profissional da imagem. Tem uns [alunos] que até me consideram professor”.

Apesar de falar com orgulho sobre os estudantes que ajudou a formar, a princípio, a adaptação na universidade não foi fácil. Guião estava acostumado a trabalhar com jornalistas famosos, a ter suas imagens exibidas em telejornais locais e nacionais de grande audiência, como *RBS Notícias* e o *Jornal Nacional*. Vir para a UFSC acompanhar alunos na produção de matérias de caráter experimental foi um choque. Entre 1990 e 2000, grande parte da produção universitária de Telejornalismo tinha muita dificuldade para extrapolar os limites da instituição. “Meu ego foi lá embaixo, porque o que eu fazia não era visto”. Essa realidade mudou drasticamente com o *TJ UFSC*.



Da esquerda para a direita, Alcebíades Muniz Neto, Carlos Henrique Guião, Enio César da Silva e Fernando Crocomo, no auditório da Reitoria da UFSC, durante a formatura de 1988 | Foto: Acervo pessoal

Ao trabalhar como servidor no Curso de Jornalismo, Guião retornou às suas origens. Era o ano de 1983, quando precisou escolher uma profissão,

mas ele não sabia ao certo o que faria da vida. Utilizou então suas afinidades como critério de escolha para o vestibular, compactuando com uma trajetória clássica, de gostar muito de ler e de escrever: decidiu fazer Jornalismo.

Apesar de ter iniciado sua carreira no mundo acadêmico como a maioria dos calouros, Guião logo deixou de lado as palavras e se apaixonou pelas imagens, mais especificamente pela cinegrafia. “Na época eu tinha uma namorada, e a prima dela namorava um cinegrafista da *Globo* chamado Sérgio Costa - que inclusive trabalha com isso até hoje. E aí uma vez a gente acabou se encontrando, e eu gostei daquela figura de cinegrafista! Com altas botas, com aquela jaqueta, um cara meio alternativo. Eu peguei aquela figura e pensei: é uma boa, quero fazer isso. Foi assim”. No mesmo período, conheceu Wlacyra Lisboa, uma aluna do Curso de Jornalismo que, segundo ele, era uma das primeiras cinegrafistas mulheres.

Convite de formatura do  
Curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de  
Santa Catarina, de 1988. |  
Foto: Ana Paula Martilli



**FORMANDOS 88**

**TURMA ADELMO GENRO FILHO**

Alcebíades Muniz Neto	Marisa Naspoline
Carlos Henrique Guilão	Milton Antônio Spada (orador)
Enio César da Silva	Regina Dalcastagne
Fernando Antonio Crocomo	Sandra Mara Araújo
Giovana Fischer	Samuel Pantoja Lima
Luciano J. de Faria	Sidnei Volpato Mattei
Luís Felipe Miguel	

Ana Paula Martilli

Eu fiquei olhando aquela mulher mexer na câmera. E eu me apaixonei... Pela câmera!... Pela câmera, heim!

O Jornalismo transcende a fronteira profissional de sua vida, está presente até mesmo nos relacionamentos amorosos. Sua ex-esposa, Flávia Zapelini, e sua atual namorada, Fabiane Tomaselli, também são jornalistas. Ele é pai de dois rapazes, fruto do primeiro relacionamento: Victor, de 27 anos; e João Rafael, de 21. Fabiane e Victor concordam que não existe Guião sem Telejornalismo. “No começo do relacionamento era difícil convencer ele a deixar só uma TV ligada, se ele pudesse deixava duas, uma em cada telejornal [risos]”, afirma Fabiane.

Inspirado em sua experiência em campo trabalhando como cinegrafista, e pelo ambiente universitário, decidiu voltar a estudar. Depois de 32 anos de formado, Guião voltou à sala de aula como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Sua pesquisa se volta para a mudança da linguagem cinematográfica que ocorreu com a introdução de drones no Telejornalismo, principalmente no programa *Globo Repórter*. As aulas iniciaram em agosto de 2019. Ele pretende conciliar os estudos com o trabalho: inicialmente não deseja diminuir sua carga horária no laboratório, mesmo que isso seja possível.

Não é comum ver profissionais formados há tanto tempo voltando a estudar. Recebo essa informação com surpresa e admiração. Levanto-me da cadeira, vou em direção à porta e digo:

- Parabéns pela coragem, Guião! Boa sorte!
- Obrigada, Maria! Qualquer coisa que precisar é só chamar!



**DALTON BARRETO**

# UM APAIXONADO HÁ 38 ANOS

*Terezinha Lima de Quadros*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 20 de abril de 2017. Eu estava chegando ao Departamento de Jornalismo, para a última etapa da minha matrícula. Abri a porta e fui entrando. De repente, meio perdida, vi um senhor em uma sala, superconcentrado, mexendo em seu computador. Parei diante dele, ele me olhou e disse: “bom dia, no que eu posso ajudar?”. Nervosa, eu não respondi. Apenas segurei, com as mãos trêmulas, os documentos que certificavam a minha matrícula. Ouvi novamente: “bom dia, moça, no que eu posso ajudar?”. Mais uma vez, não consegui verbalizar nenhuma resposta. Quase desistindo, ele levantou da cadeira rapidamente, com uma expressão no rosto de quem achava graça da situação, sem perder a elegância e a gentileza, segurou os documentos e me disse: “deixa eu te ajudar”. Foi assim que conheci Dalton Barreto, secretário do Departamento de Jornalismo desde 1981.

Sua história na UFSC começou quando foi aprovado no concurso público para técnico-administrativo, ocupando o cargo de datilógrafo, no Departamento de Administração Escolar (DAE), em 1979. Lidava com questões administrativas, como notas e matrículas, que, até então, eram toda responsabilidade do DAE. Trabalhou lá até início de 1981, quando se afastou para estudar Ciências Sociais. No mesmo ano, foi transferido para a Coordenadoria do Curso de Jornalismo, na época com o nome de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo.

“Eu era jovem, e como todo jovem, cheio de sonhos, de esperança, com muita vontade de trabalhar, estudar e de fazer as coisas”. Quando chegou no Jornalismo, no cargo de Chefe de Expediente, com 20 anos de idade, o Curso ainda estava em processo de implantação. Foi ele quem fez todos os processos da colação de grau da primeira turma que havia começado em 1979. Foi ali que teve o primeiro contato com os professores e os alunos. “Nunca tinha imaginado, nem pensado sobre o Curso de Jornalismo. Quando cheguei, encontrei um ambiente muito receptivo”. De imediato se integrou: fazia festas, jogava bola e se divertia muito, circulava diariamente

por um único corredor, com apenas duas salas de aula, um laboratório e uma secretaria, que era o que o Curso possuía.

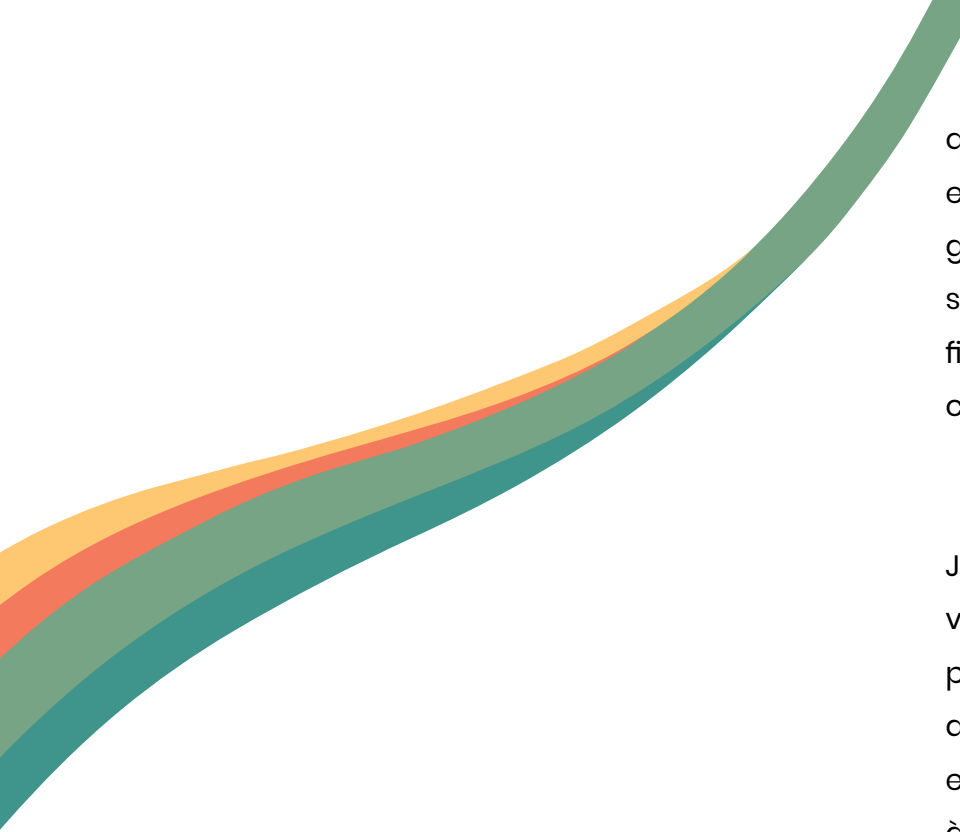
O professor Hélio Ademar Schuch, amigo e, na época, companheiro de trabalho no Departamento, diz que Dalton sempre foi um profissional competente e que no início ele o instruiu muito sobre o trabalho e a burocracia. “Lembro que nos primeiros dias ele me disse: ‘Hélio, não esqueça, a universidade tem um calendário que precisa ser cumprido à risca’”. Hoje aposentado, Hélio diz que tem muitas saudades da convivência com ele. Para o professor, Dalton foi o principal responsável pelo ambiente alegre do Curso.



Dalton e Hélio nos corredores do curso. Mesmo fora de foco, o registro revela o momento de brincadeiras em meio ao trabalho. | Foto: Acervo Michel Siqueira

A rotina naquele começo era bastante desgastante. “Trabalhava todos os dias que precisassem”. Às vezes, até no final de semana estava à disposição. “Eu trabalhava na Coordenadoria do curso e no Departamento, não tinha outro funcionário, até mesmo porque, na época, eu não queria [risos]”. Dalton participou de todas as mudanças curriculares do curso. Sabia todas as disciplinas de cor, as ementas, os programas e os planos de ensino. Viu o curso passar de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, para Jornalismo, em 1996.

Em 2008, foi convidado pelo então reitor, Alvaro Toubes Prata, a assumir um cargo de diretor na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). A rotina,



que já era agitada, passou a ser muito mais intensa. “Trabalhava direto, em finais de semana, pra ‘tocar’ todo o serviço”. Ficou na PRAE até o final da gestão, em 2012. Em seguida, iniciou o mestrado em Administração Universitária pela UFSC, e voltou para a secretaria do Jornalismo. Nesse período ficou responsável pela administração da Hemeroteca, quando, em 2014, foi convidado para assumir a Secretaria do Departamento, que dirige até hoje.

Mesmo estando na Secretaria, Dalton aprendeu muito sobre o próprio Jornalismo. Depois de um tempo no curso, começou a estudar e a ler livros ligados à área de Comunicação, principalmente os que ganhava de presente dos professores sempre que havia um lançamento. Chegou até a começar um mestrado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) na UFSC, onde cursou disciplinas ligadas à Comunicação. “O Jornalismo sempre foi vanguarda, nas grandes lutas sociais do Brasil, sempre esteve à frente, sempre foi um curso de luta”. Ele estudou, inclusive, Teoria do Jornalismo, e outras disciplinas ministradas pelos professores Nilson Lage e Eduardo Meditsch.

Em 1983, recém-ingresso no Departamento, conheceu Eliane, com quem é casado há 34 anos. A relação dos dois é, segundo ela, de muita cumplicidade, respeito e, principalmente, amor. “Ele me faz rir, me diz quanto me ama e que eu pareço ainda aquela menina que ele conheceu”. Depois de tanto tempo juntos, Dalton se declara apaixonado: “é uma pessoa maravilhosa”. Mesmo com a rotina agitada de trabalho, fazem questão de almoçar juntos todos os dias. Para manter o clima de romance, não abrem mão do tempo a sós.

Os filhos, Priscila e Victor, são o seu maior orgulho. “Sou apaixonado pelos dois, não sei viver sem eles”. Priscila diz que o pai é o seu maior exemplo: “se eu sou a pessoa que sou hoje, tenho os meus princípios, meu caráter, minha educação, é graças a ele e à minha mãe”. Com Victor, Dalton divide duas de suas maiores paixões, as motos e o Avaí. As netas, Luisa, de quatro anos, e Victoria, de quase um ano, também enchem Dalton de alegria. “Ele é um avô babão, adora agradecer a minha filha, dá tudo o que ela quer. Às vezes pego no pé dele [risos], criança não pode ter tudo o que quer. É como diz aquele ditado, pai e mãe ensinam, vô e vó estragam [risos]”, conta Priscila.

Com os alunos do curso, o carinho também é perceptível. Em alguns casos, a relação foi além do Departamento. Assim foi com Michel Siqueira, formado em 2011, com quem mantém contato até hoje. “Depois que eu entrei no Curso, fiquei bem próximo do Dalton. Ele sempre foi um referencial para mim aí em Floripa”. Michel mudou-se de Florianópolis depois da graduação, mas, quando visita a cidade, o encontro com Dalton é garantido. Passaram por muitos momentos juntos, um em especial, Michel guarda com carinho na memória. “O meu pai morreu quando eu tinha cinco anos. E o Daltinho sabia disso, então ele fazia questão de ir me buscar em casa, todos os dias dos pais, para eu almoçar com ele e a família dele. Poucas vezes na vida eu encontrei alguém de tão bom coração”.

Esse sentimento de gratidão e respeito que Michel leva consigo, em grande medida se deve ao tratamento que Dalton dá aos alunos. “Eu sempre tive uma relação assim, de querer ajudar, de resolver os problemas, sempre achei que a gente [da secretaria] está ali para facilitar a vida do



Alunos em um dos  
Churrascos do Dalton. |  
Foto: Acervo Michel Siqueira



Dalton e alunas do Curso em churrasco realizado em 2004 | Foto: Acervo Michel Siqueira



aluno e não para complicar”. A disponibilidade de Dalton parece ser unanimidade. Carlos Henrique Guião, colega, técnico do LabTele, conta que ele é “um cara muito divertido, conta piadas o tempo todo e está sempre pronto a ajudar”. E completa: “é aquele tipo que chama os alunos para frequentar a casa dele, jogar bola ou fazer um churrasco”.

Os churrascos feitos em sua casa para os alunos do Curso acabaram virando o tradicional e famoso Churrasco do Dalton. “A gente pagava tipo dois reais e comia carne à vontade [risos]”, lembra Michel. A ideia surgiu no intuito de gerar um espaço para que calouros e veteranos interagissem e fizessem amizades. Da década de 1990 até o início dos anos 2000, o evento era feito pelo menos uma vez por mês, sempre às quintas-feiras, com os alunos com quem jogava futebol, e inicialmente ocorria em sua casa. Quando os encontros começaram a ganhar grandes proporções, foi necessário alugar um espaço na Associação Atlética dos Servidores da UFSC (AASUFSC - Volantes da UFSC), assim todos os alunos do Curso poderiam participar. “A gente saía do ambiente de estudo da universidade e ia para um ambiente de lazer, brincar, contar piada”, afirma Dalton.



Caricatura de Dalton  
desenhada pelo professor  
Clóvis Geyer Pereira,  
em outubro de 2004.  
Criada com o intuito de  
promover o Churrasco  
do Dalton na AASUFSC -  
Volantes da UFSC. | Fonte:  
Clóvis Geyer Pereira

Os alunos aproveitavam para namorar. Nos encontros não podia faltar música, futebol, cerveja e o churrasco que, claro, era sempre preparado por ele. O evento ficou tão famoso que chegou até a ter camiseta e time de futebol (Os Daltons), criado pelos alunos, que se apelidaram de “Daltinhos”. Ele convidava os calouros para que montassem um time e jogassem contra o dele. O prêmio era uma caixa de cerveja. “Nunca perdemos [risos], a gente sempre tomou uma caixa de cerveja [risos] dos calouros”.

O futebol tinha uma regra: aquele que fizesse confusão, estava excluído dos jogos. A frequência dos churrascos foi diminuindo com a ida de Dalton para a PRAE, em 2008. Trabalhando lá, poucas vezes pôde jogar, sempre que ia participar do churrasco, notava que as pessoas continuavam com a mesma harmonia que ele fazia questão que os encontros tivessem. Para manter o clima agradável e de amizade, as regras eram mantidas à risca. “As vezes fico sentado olhando as pessoas, pros alunos, e me bate até uma nostalgia da época em que a gente tinha essa relação de amizade com os alunos”.

Dalton já poderia ter se aposentado, mas optou por continuar trabalhando e ajudando no Curso. Gosta do ambiente da universidade, “é vida, força e energia”, e da relação que mantém com os alunos, pois lhe “dá força no dia a dia”. O Curso de Jornalismo faz e sempre fará parte de Dalton. “Eu sempre me considerei um apaixonado pelo Jornalismo, o que eu trago do Jornalismo comigo, e o que eu tenho de maior é a amizade dos alunos, o carinho dos alunos por mim. Isso foi muito forte durante toda a minha trajetória no Curso”.



Dalton em um dia de trabalho na secretaria do curso de Jornalismo (2019). | Foto: Tere Lima



**EDUARDO BARRETO  
VIANNA MEDITSCH**

# ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

*Fernanda Kleinebing*

Em setembro de 2019, o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, na categoria Maturidade Acadêmica, foi entregue a Eduardo Barreto Vianna Meditsch, professor Titular de Jornalismo na UFSC. A honraria de receber um dos prêmios mais importantes da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), deve-se aos mais de 30 anos dedicados ao Jornalismo. Professor da UFSC desde 1982, publicou livros sobre a Teoria do Conhecimento em Jornalismo e sobre o Radiojornalismo, área na que também atuou como profissional, sempre buscando aliar a teoria e a prática.

Quando soube da indicação, descreveu a sensação em uma rede social no dia 26 de junho: “agradeço ao júri e a todos que apoiaram e têm apoiado minha carreira. Um grande incentivo e mais responsabilidade para seguir em frente”.

Eduardo teve papel fundamental na construção da graduação e na implantação da Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC, pioneira na América Latina. Fora da instituição, foi um dos criadores da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Sua trajetória repleta de conquistas de certa maneira contrasta com o apelido pelo qual é conhecido nos corredores do Departamento: “Magrinho”. Nesse caso, tem mesmo a ver com o aspecto físico de Eduardo: com cerca de 1,80m de altura, aos 63 anos o professor se mantém enxuto, trazendo como marca do tempo apenas os poucos cabelos, agora já grisalhos.

Quando nos encontramos na sede da APUFSC (Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina), no campus de Florianópolis, onde é Diretor de Imprensa e Divulgação da atual gestão, Eduardo usava uma camiseta cinza e, por cima dos olhos azuis claros, um óculos preto. Discreto, ao primeiro olhar pareceu

tímido, mas bastou uma conversa para mudar minha opinião. “Eu sempre tive característica de ariano, de ser muito impulsivo, de botar a cara para bater. Dentro do Jornalismo aqui na UFSC, isso acabou provocando inimizades. Algumas recuperei e outras até hoje não”.

Atualmente Eduardo se divide entre as pesquisas que desenvolve e orienta no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e as atividades que realiza na APUFSC. | Foto: Acervo pessoal



Eduardo atuou como professor na UFSC até 2016, quando se aposentou. “Percebi que era hora de me aposentar porque pensei: nossa, eu só estou dando exemplo de outras épocas”, comenta, enquanto sorri com as lembranças da sala de aula. Mesmo aposentado, pode ser visto com frequência nos corredores do Departamento, afinal, continua atuando na pesquisa, docência e na orientação de teses e dissertações no Programa de Pós-Graduação. Segundo ele, o Jornalismo sempre foi uma vocação muito forte em sua vida, mas o convívio com o meio universitário desde o berço contribuiu para sua permanência na universidade. Seu pai, Jorge de Oliveira Meditsch, foi professor de Química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade de Brasília (UnB).

Na década de 1970, enquanto cursava Jornalismo em Porto Alegre, cidade onde nasceu, iniciou também uma graduação em Ciências Sociais e permaneceu no segundo curso por dois anos, na ânsia de buscar as bases teóricas que não encontrava no Jornalismo, resultado da censura que o Regime Militar aplicava sobre o ensino no Brasil.

Ainda na graduação começou a trabalhar. Seu primeiro emprego foi na *Rádio Continental*, destinada ao público jovem da capital gaúcha. Depois de formado, passou pela *Rádio Guaíba*, *Folha da Tarde*, *TV Guaíba*, *Rádio Jornal do Brasil* e *TVE/RJ*. Como estava descontente com o ensino do Jornalismo na faculdade, parte de seu conhecimento foi adquirido nas conversas com outros jornalistas, geralmente tarde da noite, em bares de Porto Alegre. “Naquela época os jornalistas sentavam nos bares, conversavam, trocavam experiências, isso também fez parte da minha formação”.



Eduardo, como repórter da *Rádio Gaúcha*, cobrindo a visita do Papa João Paulo II a Porto Alegre, em 1980. | Fonte: Acervo pessoal

Como repórter, em 1980, enquanto trabalhava na *Rádio Gaúcha*, ganhou o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog, de Anistia e Direitos Humanos. A premiação foi para uma reportagem sobre uma presa política que estava no Uruguai. Ele foi o primeiro repórter a entrevistá-la depois que houve grande pressão popular no Brasil para liberá-la.

Em seu discurso de formatura ficava claro o descontentamento com o ensino da época. No entanto, ele só pôde ser lido quatro décadas depois, pois a cerimônia foi cancelada por motivos políticos. “Comuniquem que não adiantou ocultar os livros mais importantes, porque fomos buscá-los nos porões das livrarias. Comuniquem que não adiantou expurgar os melhores mestres, porque fomos ouvi-los em seu exílio”, revela um trecho do documento.



123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°

1 Senhores,

2 encerramos aqui a nossa passagem por esta casa, tão tristemente

3 transformada em templo dos poderosos. Vocês julgam ter cumprido

4 sua missão, e esperam agora que sigamos sozinhos os nossos ca-

5 minhos. Seguiremos os nossos caminhos, senhores, mas em direção 3

6 oposta à que tentaram nos impor. Nos despedimos comunicando a

7 nossa vitória. Comunicamos que a vossa universidade fracassou.

8 Senhores,

9 as instituições que sustentam aos poucos estão ~~ENXI~~ ruindo,

10 a visão de mundo que gastaram a vida a defender aos poucos su- 6

11 cumbê, assim como já estão mortos os personagens ~~QUAIPREGAXXX~~

12 dos retratos que pregaram nas salas de aula para serem homena-

13 geados. Personagens que nem sequer guardamos os nomes, mas

14 jamais esqueceremos o nome de Vladimir Herzog, apesar de terem

15 proibido que dessemos este nome à sala de nosso diretório aca- 9

16 dêmico, e de terem roubado a placa que mandamos gravar.

17 Senhores,

18 comuniquem o vosso fracasso aos planejadores dessa educação.

19 Comuniquem que não adiantou ocultar os livros mais importantes,

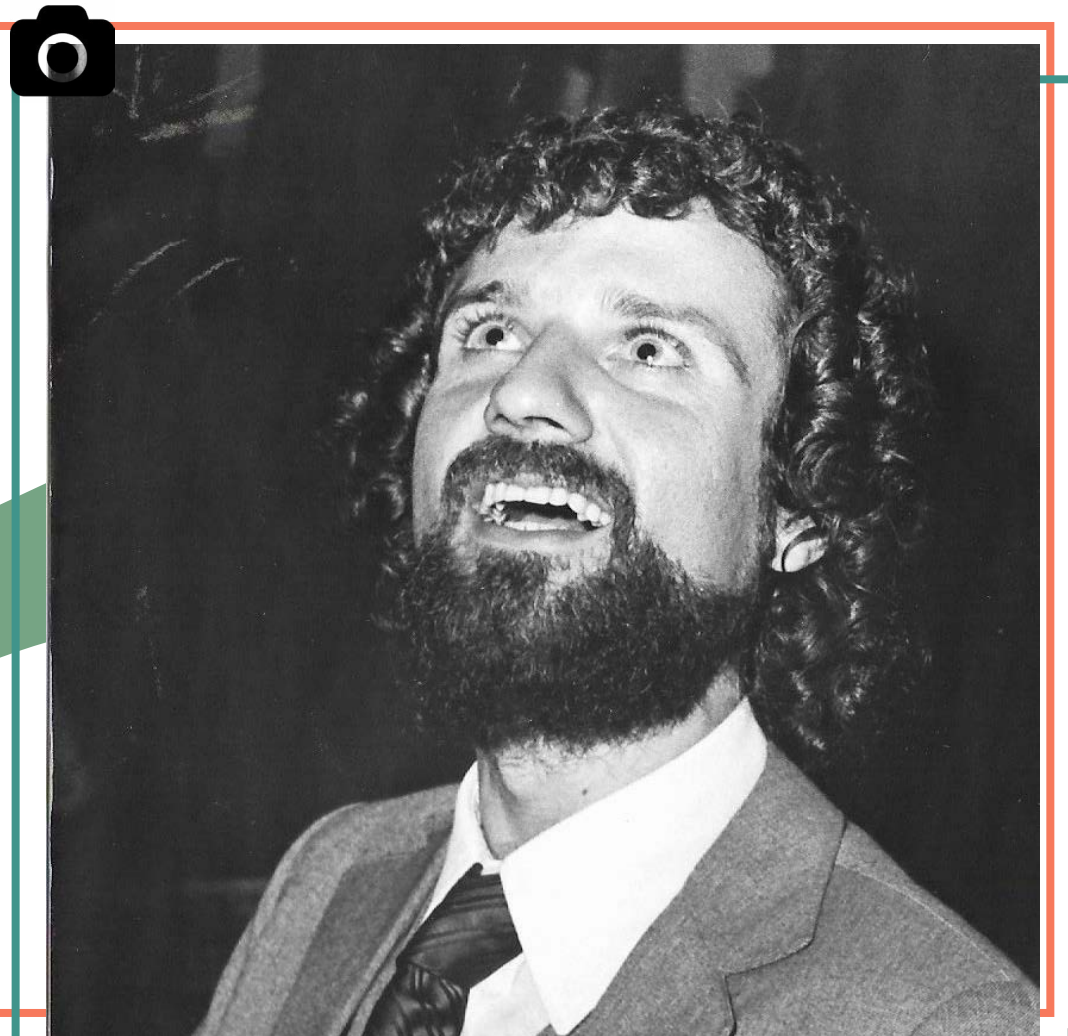
20 porque fomos buscá-los nos porões das livrarias. Comuniquem. 12

Trecho do discurso escrito para a formatura de Eduardo, em 1971. | Fotos: Acervo pessoal



Para superar as adversidades, desde cedo se envolveu com movimentos estudantis de esquerda, chegando a frequentar o Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (Ieps) do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) gaúcho, partido de oposição ao regime totalitário. Para a amiga de longa data, Gilka Girardello, a participação nesses movimentos se deve ao seu entusiasmo. “Ele sempre conseguiu animar grupos em torno de projetos coletivos, essa qualidade tem muito a ver com a qualidade dos projetos em que ele se envolveu na academia”.

Os projetos que desenvolveu dentro do Jornalismo UFSC são prova das qualidades descritas pela amiga. A transição para o meio acadêmico aconteceu quando tinha 26 anos. Em 1982, Eduardo passou no concurso para professor, atraído principalmente pela “faculdade alternativa” que se ensaiava no Curso de Comunicação da UFSC. Essa transição, ainda tão jovem, “foi uma coisa muito dolorida, porque eu adorava a prática, adorava trabalhar em redação”.



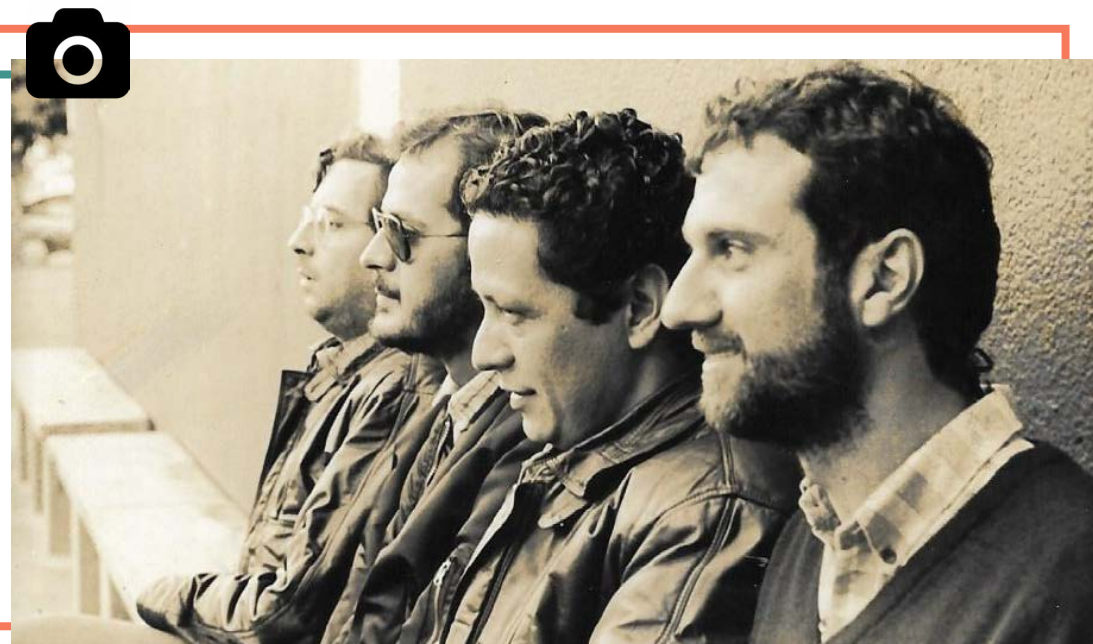
Na formatura da segunda turma do Curso, “Turma Diretas Já”.  
| Foto: Acervo pessoal

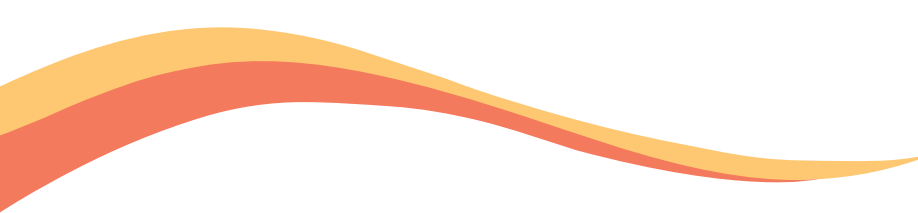
Dentro da UFSC, um dos primeiros impasses no Departamento se deu na discussão sobre o futuro do Curso. Ali se abriam dois caminhos: uma faculdade voltada para Comunicação e outra para Jornalismo. Defensor das especificidades da área, fez parte da chapa “Opção Jornalismo”. Nas discussões internas do Curso, conquistou algumas inimizades com outros professores, mas a “Opção Jornalismo” venceu. Em 1988, Eduardo assumia como chefe do Departamento de Jornalismo. Iniciou-se, assim, o “Projeto Ano 10”, em que o Projeto Pedagógico do Curso se voltou para as especificidades do Jornalismo.

Eduardo (na ponta, à direita), com os professores do Curso Ricardo Barreto, Luís Scottto e Hélio Schuch (da esquerda para a direita), durante a campanha da “Opção Jornalismo”. | Fonte: Acervo pessoal



Campanha eleitoral “Opção Jornalismo”. Da esquerda para a direita: Hélio Schuch, Luís Scottto, Ricardo Barreto, Eduardo. | Foto: Acervo pessoal





A vontade de trabalhar em redações e com o Jornalismo na prática nunca desapareceu. Com este intuito, criou o projeto “Universidade Aberta” (UnAberta), coordenado junto com a professora Valci Zuculoto, a partir de 1991. A Extensão começou como um programa de rádio com notícias da universidade transmitida em rádios locais, mas logo virou um programa quinzenal na *TV UFSC*. Em 1997, com a popularização da internet, o UnAberta se tornou uma plataforma multimídia com notícias diárias da universidade, proporcionando experiências práticas para cerca de 30 bolsistas, alunos do curso.

O site acumulou cerca de 5 milhões de acessos no período. Em 2006, a professora Valci precisou pedir afastamento do curso e ele não conseguiu coordenar o projeto sozinho. Ao falar sobre o fim do UnAberta, sua expressão fica séria e as constantes gargalhadas diminuem. Na época, ele sugeriu para outros professores assumirem a coordenação, entretanto, não houve interesse. Mas não tudo foi perdido, pois desse projeto nasceu a *Rádio Ponto UFSC* como um Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor. A *Rádio Ponto* foi muito além do TCC, e em 2019 completa 20 anos: é um dos projetos de Extensão mais longevos e uma das principais atividades práticas dos alunos do Curso.

Em 1990, Eduardo foi para a Universidade de São Paulo (USP) fazer mestrado, em que discutiu o ensino do Jornalismo na teoria e na prática, com base em sua experiência na UFSC. Ao lembrar o período na USP, comenta, com orgulho, sobre um dos seus professores: Paulo Freire. “Em uma aula eu fiz uma pergunta para ele, então ele me olhou bem sério e falou ‘acho que tu és capaz de me entender’”. O interesse de Eduardo pelo pensamento do Patrono da Educação Brasileira se iniciou ainda durante a graduação, quando participava de um grupo de estudos sobre Paulo Freire, em Porto Alegre. O pensamento e, posteriormente, o contato com o educador e filósofo, foi um dos motivos que o levaram a aperfeiçoar ainda mais os estudos em sua área profissional.

Após o mestrado, foi para Portugal, em 1992, para fazer doutorado. A ideia inicial, junto com a Organização Internacional do Jornalismo, era criar uma escola internacional de ensino de Jornalismo em língua portuguesa,

em Florianópolis, por isso foi para Lisboa conhecer o jornalismo português. Apesar de o projeto não ter se concretizado, devido a mudanças na Organização, a união entre teoria e prática esteve presente no livro *O rádio na era da informação*, resultado de sua pesquisa de doutorado e que se tornou uma referência na área.

Em Lisboa, em 1993,  
durante o doutorado  
em Portugal. | Fonte:  
Acervo pessoal



Toda essa trajetória dentro da universidade resultou no título de Professor Titular em 2015, honraria que dedicou ao pai, que nunca teve essa oportunidade. Para Eduardo, essa também é uma conquista sindical, já que, antes dele, somente Nilson Lage tinha sido Professor Titular de Jornalismo na UFSC. “Foi uma conquista mudar esse sistema, antes as vagas eram para cursos como Engenharia e Medicina, hoje todo mundo pode chegar, desde que passe por todas as avaliações”.

Eduardo e sua esposa,  
Renata, em viagem a  
Lausanne (Suíça) em 2018. |  
Foto: Acervo pessoal





**FERNANDO  
ANTONIO CROCOMO**

# DA ENGENHARIA AO TELEJORNALISMO: UM PERCURSO DE DESAFIOS E INOVAÇÕES

*Zé Maia*

S em dizer nada, o professor chega na sala de aula bem cedo, conecta seu *pendrive* no computador e projeta na parede a imagem de uma baleia morta, encalhada, e com alguns pedaços do corpo espalhados pela areia da praia. Não entendendo a proposta, os alunos trocam olhares como se buscassem alguma explicação para a situação. Era início de semestre. Não conheciam seu novo professor, nem imaginavam que ele tinha passado a maior parte de seu final de semana produzindo fotografias e vídeos da baleia que encalhou em frente a sua casa, na Praia do Matadeiro, sul da ilha de Santa Catarina. O objetivo era trazer uma novidade para seus alunos, que precisavam treinar a escrita de textos *hard news*. A situação inusitada faz parte do modo de ser de Fernando Antonio Crocomo, docente de Telejornalismo da UFSC há mais de 20 anos. Quem passa por ele pelos corredores do Departamento de Jornalismo no Centro de Comunicação e Expressão (CCE), já percebe esse *modus operandi* só ao ouvi-lo falar. “Espero que eu continue empolgado desse jeito”, é o que deseja.

Foi acompanhado dessa empolgação que Crocomo, como costuma ser chamado por seus alunos e colegas de Departamento, trilhou um caminho profissional ligado ao Telejornalismo. O gosto pela imagem vem desde a infância, quando ainda era um pequeno menino de Piracicaba, interior de São Paulo. Lá, juntamente com seus primos, brincava de repórter, âncora e apresentador. Apesar do sonho, a vontade de se tornar um jornalista por algum tempo foi assombrada pela insegurança financeira. Quando saiu do ensino médio, em 1982, teve de escolher entre o desejo de ser jornalista e a estabilidade que um curso das Ciências Exatas poderia lhe proporcionar. Optou por Engenharia Elétrica. Na hora de preencher o papel de inscrição no vestibular, a segurança falou mais alto.

Não só escolheu, como passou. Engenharia Elétrica era o destino do jovem Crocomo, e a UFSC era o palco desse novo ciclo. Talvez sua saída de Piracicaba para a capital de Santa Catarina, que na época era menor e menos desenvolvida que a cidade do interior paulista, parecesse arriscada. Mas como um de seus irmãos mais velhos já cursava Medicina na UFSC, sua mudança para a cidade foi facilitada. A transição entre o período de aprovação e início das aulas foi curto, e em pouco tempo precisou se organizar na nova moradia. Quatro semestres se passaram no curso, e a vontade de estudar Jornalismo não saía de sua cabeça. Gostava de Engenharia, mas... Ah, sonho é sonho. 1985 foi um ano de mudanças. Conheceu em um forró da UFSC a moça que anos mais tarde se tornaria sua esposa, e decidiu sair do Centro Tecnológico (CTC) para o CCE. Nesse ano, iniciou a graduação no Curso de Jornalismo da universidade.



Crocomo e seus colegas na entrada do Curso na década de 1980. | Foto: Acervo pessoal.



Turma de formandos de 1988. Da esquerda para direita: Luciano Faria, Alcebíades Muniz (Bido), Marisa Naspolini, Milton Spada (Kafka), Carlos Henrique Guião Coelho, Samuca, Sidnei Volpato Mattei (in memoriam), Sandra De Araujo Scheffer, Fernando Antonio Crocomo, Luis Felipe Miguel e Regina Dalcastagnè. | Foto: Acervo Pessoal.



Dois anos após sua chegada à Floripa, alguns obstáculos precisavam ser enfrentados pelo sonho do Jornalismo. Como morava em uma república no Morro das Pedras, bairro do sul da ilha, entre o Campeche e a Lagoa do Peri, seu deslocamento diário até o campus, na Trindade, era difícil. Se atualmente, quando chove, a cidade para com o trânsito caótico, na década de 1980, para chegar em suas aulas, Crocomo enfrentava as ruas enlameadas em cima de sua bicicleta, em um trajeto de aproximadamente 12 km. Chegava quase sempre pintado pelo barro que espirrava por seu corpo. Para enfrentar as adversidades, o jeito foi encontrar forças, e algumas delas têm nome e sobrenome: a sua amizade com o professor Hélio Schuch foi fundamental na época de estudante. Não foram poucas as visitas de Hélio à simples república no Morro das Pedras aos finais de semana. Também não foram poucos os dias em que os dois cantaram música sertaneja pelos corredores do Departamento, um pedido constante dos alunos. Essa união ficou mais evidente entre 2006 e 2008, quando já era professor do Curso e, junto com Hélio, assumiu a subchefia do Departamento. Um período que é lembrado por conquistas significativas no Curso, como a chegada da primeira câmera fotográfica digital.



Crocomo no LabVÍdeo em 1999. | Foto: Silvio Smaniotto

A modernização do laboratório de vídeo era uma das pautas mais importantes para Crocomo. O estúdio carecia de equipamentos, e o que havia ainda era resquício do tempo analógico. Em 2005 essa realidade começou a mudar. O governo lançou um edital, para produção de vídeos interativos para TV digital na área de saúde. Crocomo, junto ao professor Aldo von Wangenheim, que havia sido seu orientador de doutorado, desenvolveu o projeto, em parceria com outras universidades. Assim, foi possível a instalação de novos equipamentos de iluminação, gravação e filmagem no estúdio de TV do Curso. Equipamentos estes que são utilizados até hoje.



Em 1998, a modernização do LabVÍdeo era percebida com a chegada de potentes computadores. Ao menos eram, na época. | Foto: Acervo pessoal

Essa experiência na área de Telejornalismo só foi possível por sua passagem pelo mercado de trabalho em empresas de comunicação. Entre as emissoras que foi contratado, como a filial da *RBS TV* em Florianópolis e a *TV Barriga Verde*, lembra com muito respeito de seu período na *EPTV* de Campinas (SP), filial da *Rede Globo*. Considera que foi lá onde aprendeu Telejornalismo na prática. Em sua época de estudante simplesmente não existiam equipamentos no Curso. “Nós mal tínhamos equipamentos. A *RCE* [atual *RIC Record*] era contratada pela universidade, saía um dia com a gente, mostrava os equipamentos e acabou”. Esse aprendizado lhe rendeu muitas oportunidades quando se tornou professor, como a possibilidade de ocupar o cargo de diretor da *TV UFSC*, entre os anos de 2009 a 2014.

Em 2013, a *TV UFSC* foi elevada a um nível nunca visto antes. Após anos de trabalho, a emissora universitária passou a ser veiculada na televisão aberta, com uma programação regular e educativa. Crocomo foi uma das pessoas envolvidas nesse processo. Sua pesquisa de doutorado em 2004, sobre a interatividade na televisão digital, além da experiência na área, fez com que o reitor à época, Alvaro Toubes Prata, o convidasse para comandar o projeto. Missão dada, missão cumprida. Hoje a *TV UFSC* mantém, além de uma programação periódica em canal aberto, um acervo histórico rico em informações culturais produzidas ao longo dos anos. “Foi o maior desafio da minha vida”. Quando chegou, se deparou com uma equipe de três pessoas, o que demandou a contratação de novos profissionais. Com um grupo mais robusto, formado por 13 estagiários, jornalistas, estudantes de Design e Informática, além de outros funcionários, foi possível levar o projeto adiante.

Gravação do encontro dos reitores (2010) pela TV UFSC, na época, dirigida por Crocomo. | Foto: Acervo pessoal



Mas como ele mesmo diz: “há tempo para tudo”. No final de 2014 saiu da *TV UFSC* e no primeiro semestre de 2015 ocupava novamente seu cargo como professor de Telejornalismo no Curso. Naquele mesmo ano, fez uma pequena saída, lecionou como professor visitante em Miami, nos Estados Unidos, mas logo voltou. Além desse amor pelo Telejornalismo e pela docência, confessa que optou pela sala de aula inicialmente como uma alternativa para viver melhor. Entendia que as emissoras de Florianópolis pagavam mal aos jornalistas – ainda não mudou de ideia –, e assim viu na universidade uma chance de permanecer na cidade em que sempre quis viver, e receber um salário justo. Em 1998 passou no concurso para professor efetivo e abandonou o mercado.

Hoje, ao passar pelos corredores, é difícil não se recordar dos tempos de estudante. Ainda mais quando olha para seus companheiros de profissão: a maioria colegas de turma da década de 1980. A explicação dele para o retorno dos ex-alunos e o regresso como professores e técnicos é o ambiente do Curso. “Tem muito carinho aqui dentro. Tem um clima muito bom. Quem não quer um ambiente de trabalho assim?”. Ao que parece, se tem uma pessoa que não quer deixar esse espaço é Fernando Crocomo, que continua procurando desafios e novas experiências. Em 2019, lançou em coautoria com os professores Ivan Giacomelli, Flávia Guidotti, e a estu-

dante de Jornalismo Lívia Tokasiki, o livro *Floripa Pinhole*, que reúne fotografias produzidas no projeto de Extensão de mesmo nome. O livro fotográfico, além de todos os conteúdos, evidencia sua paixão pela fotografia analógica. “Acho que estou no tempo de ser professor, gosto muito de imagem e fotografia. E isso eu tenho certeza que vou continuar fazendo depois”. Engana-se quem pensa que este é um discurso de aposentadoria, mas afirma: “é preciso diminuir o ritmo”. A prioridade agora são as aulas de Vídeo e Telejornalismo, ofertadas aos estudantes da segunda fase do Curso, por um professor que, nos tempos de aluno, nunca pensara nos desafios, conquistas e satisfações que viria a encontrar na vida profissional acadêmica.



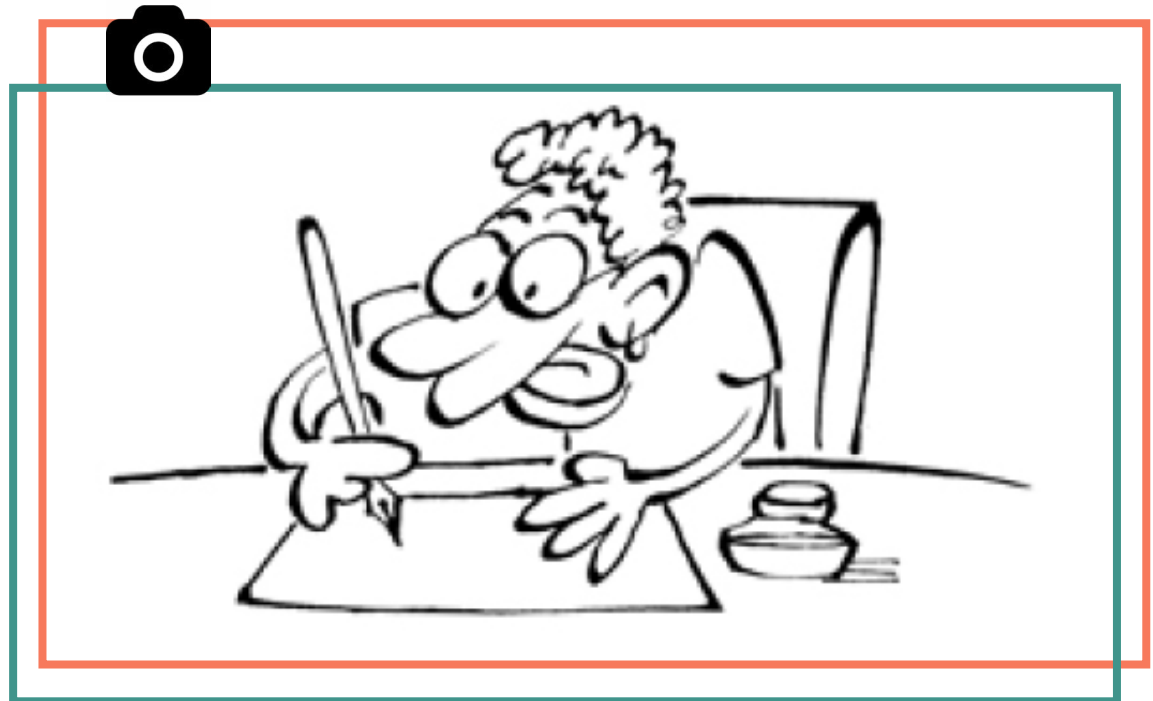
Lançamento do livro *Floripa Pinhole* em abril de 2019. Da esquerda para a direita, Flávia Guidotti, Valci Zuculoto, Cárlica Emerim, Hélio Schuch e Fernando Crocomo. | Foto: Acervo pessoal



**FRANK MAIA**

# PONTOS E TRAÇOS

Iraci Helena de Oliveira Falavina



Frank Maia por ele mesmo. |  
Ilustração: Frank Maia, 2012

A criatividade nunca foi restrita. Ela sempre ocupou cada linha, curva e reta disponível. Os primeiros rabiscos de Frank Maia vieram na infância, como para a maioria das pessoas. A diferença é que, na adolescência, seu rabisco se tornou um traço, se desenvolvendo ao longo dos anos enquanto observava os desenhistas d'*O Pasquim*. Seu padrao, Paulo, assinava esse e outros jornais, e avaliava seus desenhos - da forma menos delicada possível. Frank relata que a relação dos dois progrediu aos poucos, e que Paulo o incentivou a buscar oportunidades na área do desenho.

O desenhista teve suas primeiras experiências profissionais na *Propague*, uma agência de Publicidade em Florianópolis, por volta de 1984, quando tinha 17 anos. Lá, enquanto estagiário, tinha várias funções, uma delas era desenhar nos pequenos espaços que ficavam livres nos anúncios dos clientes. Sua versão jovem se deslumbrou com a possibilidade de trabalhar com aquilo, e decidiu prestar vestibular para Comunicação Social - Jornalismo na UFSC, por ser o curso mais próximo da Publicidade. Em 1986, ingressou na primeira fase. Naquela época, não faltou assunto para os trabalhos da faculdade, já que o país se encaminhava para a redemocratização.

Contudo, a princípio, não se encontrou no Jornalismo. Segundo ele, um problema de nascença, que se chama “gente que diga o que fazer”. Sua preferência era escrever sem limites de tema ou tempo, algo incompatível com a rotina jornalística, que leva o *deadline* (prazo de entrega) muito a sério.

Escrever sempre foi uma paixão, o problema era o direcionamento da “tal da pauta”. Ele não tinha afinidade com a parte escrita do Jornalismo (se tivesse, estaria feito: no currículo antigo, havia oito disciplinas obrigatórias de redação). “Desenhar foi o túnel por onde escapei da rotina enfadonha. É trabalho, mas, para mim, também é fonte de alegria”.

A caneta de nanquim que o acompanhava não bastou para Frank traçar o caminho que queria. Ele deixou a UFSC várias vezes ao longo da graduação. Concentrou-se em ilustrar (algo que, cá entre nós, dá mais dinheiro). Porém, acabou voltando por um curto tempo, para depois trancar a matrícula novamente.

Afinal, entre tantas salas cheias de máquinas de escrever, com tantas pautas a seguir, onde o jovem Frank se encaixaria? Na segunda fase, conquistou seu primeiro cliente, a *Folha sindical*, um periódico do Sindicato dos Bancários de Florianópolis. Também começou a fazer ilustrações para o jornal *O Estado*, de Santa Catarina. Frank realizou diversos trabalhos para sindicatos ao longo de sua carreira - mas não foi o único. Na época da ditadura militar brasileira, a chargista Laerte elaborou um livro com suas ilustrações e distribuiu gratuitamente para os sindicatos. Para Frank, esse foi um problema, como lembra o ex-professor César Valente imitando os resmungos do outrora aluno. “Para quem vivia de vender ilustração para sindicatos, fez um estrago”. A resposta sobre seu lugar no Curso veio algumas fases depois da calourice, com o jornal-laboratório *Zero*. De março a junho de 1988, a assinatura de Frank Maia constou nas páginas, no canto das ilustrações. Sua companheira de Curso era uma pequena maleta de madeira, na qual guardava suas ferramentas de desenho.



Jornal Zero de 1988, com ilustrações de Frank Maia. [Foto: Acervo do Jornal Zero]



As ferramentas de desenho hoje dividem espaço com uma nova companheira, sua atual esposa, Patrícia Bolsoni. Ela diz que ele é touro, e ela capricórnio, e, apesar de as pessoas do signo de touro serem conhecidas pela estabilidade, Frank é bastante indeciso. Patrícia revela que já tiveram problemas causados pela desorganização dele, “mas que o segredo para tudo é paciência”. Os dois se conheceram no fim dos anos 1980, quando ainda estavam na faculdade; ele, no Jornalismo, e ela, na Música. Patrícia vivia em Porto Alegre e namorava um colega de Frank, e por isso vinha ocasionalmente para Florianópolis.

Essa convivência, no entanto, foi apenas um rascunho. Em 2016, Frank e Patrícia se reencontraram e começaram a namorar, “cada um com suas histórias, seu pacote, filhas, mães das filhas, pai das filhas... um desafio enorme, mas também uma experiência muito rica, que nos move o tempo todo, porque para dar conta só tendo muita vontade. Um convite ao autoconhecimento”, diz ela.

O Curso de Jornalismo da UFSC também proporcionou autoconhecimento. Entre as indas e vindas, o chargista percebeu sua paixão pelo trabalho. “Eu gosto tanto de Jornalismo que fiquei oito anos no Curso”. Sendo um ex-aluno de escola pública, o contato com Filosofia só se deu na faculdade, com os ensinamentos do professor Adelmo Genro Filho, que discursava sobre o campo da Teoria do Jornalismo. Hoje, o antigo professor de Frank é homenageado dentro do Departamento, dando nome a uma sala e ao Centro Acadêmico do Curso.

Por falar em Centro Acadêmico, foi por meio dele que o artista conheceu um de seus melhores amigos, Dauro Veras. Entretanto, os dois relembram um contato inicial nebuloso. “Foi numa reunião do CA [Centro Acadêmico] para dar destino a uma verba que a gente tinha arrecadado com uma festa e tinha pouca gente, para variar, né. Aí o Dauro tinha acabado de chegar de Natal, ‘eu não acho isso democrático’, e eu falei ‘quem é esse m\*\*\*?’”, relembra Frank. Ele participava do movimento estudantil desde o ensino médio, e fundou o Grêmio Livre da Escola Técnica Federal de Santa Catarina (o atual IFSC). Sempre esteve envolvido, ainda que não ocupando cargos de presidência.

O Centro Acadêmico Adelmo Genro Filho é conhecido, entre outras coisas, por intervir em atritos que envolvam professores e alunos. No entanto, essa medida não foi necessária quando, em sua primeira aula na UFSC, Frank se viu na seguinte situação. “Professor Paulo Brito. Já ouviu falar desse cara?” Ao ouvir uma resposta negativa, ele continua: “que bom, você é sortuda. Dava aula de Fotografia. Lembro que na primeira aula fui botar a mão numa máquina... ‘NÃO BOTA A MÃO AÍ!’, a gente levava um susto, sabe? Aí o professor Ricardo Ribeiros, radialista, falou ‘bicho, na hora que ele gritar assim, grita com ele!’. Foi o que eu fiz na aula seguinte. Pronto, resolvi todos os meus problemas. Até hoje, Paulo Brito me encontra e me dá abraços”.

Nem todos os professores necessitaram de um grito para estreitar as relações. César Valente se tornou um grande amigo, e um companheiro no projeto do *Fútio Indispensável*, um jornal desenvolvido por Frank Maia e Emerson Gasperin (mais conhecido como Tomate). A ideia era criar uma publicação que falasse de assuntos pouco abordados no Jornalismo, como música, quadrinhos e curiosidades engraçadas.

A revista *Fútio Indispensável*;  
Imagens presentes no  
relatório de TCC de Frank e  
Emerson, 1992



A Edição nº 0 saiu em 1993, após muita negociação para usar as sobras da cota de papel do jornal *Zero*. Naquele período, a casa do professor César era mais bem equipada do que as salas do Curso, o que levou Frank e Emerson a passarem várias madrugadas tentando fechar o jornal no seu escritório. César, por sua vez, aparecia na porta com o cabelo desgrenhado e indagava “você ainda tão aí?”, deixando leite com biscoitos, para só depois voltar a dormir.

Emerson e Frank, editores  
do *Fútio Indispensável* em  
1992 | Foto: Acervo pessoal



Frank e Emerson em registro atual. | Acervo pessoal



Os recursos eram restritos; o principal modo de difusão do jornal foi por muitos anos o correio. Além disso, Emerson trabalhava na Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), e usava a estrutura do emprego para manter o *mailing* (lista de contato direto entre consumidor e produto) da revista. Após o lançamento da edição nº 1, a equipe fez uma festa de anúncio, cujos custos se bancaram com a venda de ingressos. Ao enviar fotos das primeiras edições da publicação, Emerson fez um pedido: “guarde com carinho, a posteridade agradece”. O *Fútio Indispensável* foi o Trabalho de Conclusão de Curso de Frank e Tomate, ganhou nota máxima e ficou conhecido como o melhor fanzine do país.

Um artista gasta algumas páginas até atingir a versão final do trabalho. O percurso de Frank dentro do Departamento de Jornalismo levou oito anos e muita tinta. César Valente declara suas impressões sobre essa trajetória. “Tem gente que passa pelo Curso meio invisível: vem, cumpre suas tarefas, faz suas provinhas, entrega seus trabalhos e vai embora. O Frank esteve sempre envolvido com as atividades aqui dentro, e isso faz com que a gente se lembre melhor dele e de uma porção de outros que vinham e viviam aqui uma parte da vida”.



# GENI BENTA DOS SANTOS

# O "ANJO DA GUARDA" DO JORNALISMO

*Maria Gabriella Schwaemmle*

Ela está sempre ali. Seja conversando com o servidor-técnico que trabalha na Rádio do Curso, enquanto varre a sala dos professores. Seja dando conselhos para uma aluna enquanto limpa o banheiro. Ou, ainda, rindo com a colega de trabalho, Maria Júlia dos Santos Costa, a Julinha, enquanto recolhem o lixo. “Nunca usei um atestado! Trabalho até doente, porque eu sinto falta”. Com 23 anos de histórias acumuladas trabalhando na graduação de Jornalismo da UFSC, Geni Benta dos Santos, a Dona Geni, como é mais conhecida, afirma não conhecer outros funcionários terceirizados que estejam há tanto tempo no mesmo Departamento da universidade. “Já tentaram me tirar várias vezes, mas não conseguiram”.

O serviço geral de limpeza da UFSC é realizado por uma empresa terceirizada, que foi trocada em 2016. Nessa época, Maria Júlia tinha apenas começado a trabalhar na UFSC e ficou receosa de mudar de empresa. Ela e Dona Geni, que haviam se conhecido nos intervalos do serviço, fizeram um trato: “se eu ficasse, ela também ficava”, recorda Geni. Hoje Maria Júlia é a servente geral responsável pela limpeza do Curso de Design, que fica no mesmo Centro que o Curso de Jornalismo, só que no andar de cima. Assim, uma ajuda a outra na limpeza de todas as salas. Não é difícil encontrá-las juntas conversando e rindo pelos corredores, com uma alegria contagiante. “É muito legal trabalhar com a Maria Júlia, a gente se dá super bem. Em vez de ficar brava, a gente ri, porque vai fazer o quê né?”, desafia Dona Geni.

Dona Geni é natural de Imaruí, uma pequena cidade do sul de Santa Catarina. “Roça mesmo”, diz ela. A mais nova de oito irmãos, seis ainda vivos, saiu de casa com 23 anos e hoje mora em Biguaçu, cidade da Grande Florianópolis. É casada, tem três filhas, um neto e uma neta. Pega dois ônibus para chegar à UFSC todos os dias, trabalha oito horas e tem no “aquário” (como é conhecido o espaço ocupado pelo Curso de Jornalismo) a sua segunda casa.

Está há tanto tempo ali que já viu muitos irem e virem, serem calouros e se formarem. “Eu sei quando as pessoas vão se formar, porque começam a desaparecer, aí eu já penso ‘ah, vai me deixar’”. Tem coisas que marcam, e ela diz que sempre tem um ou outro aluno a que ela se apegava mais. Antes dos celulares, isso acontecia com maior frequência, porque as pessoas ficavam mais sozinhas, choravam de saudade, brigavam com o namorado, precisavam de um ombro amigo para se consolar, e lá ia Dona Geni. Garante que ninguém fica no lugar de ninguém, cada um deixa sua marca. “Tem uns que eu até esqueço o nome, mas eu lembro, tenho saudade deles. Agora são meus amigos de *Facebook*”.

Ela chama a atenção dos alunos que faltam às aulas, pega no pé, diz que vai contar para a mãe (e conta mesmo!), mas porque gosta deles e se coloca no seu lugar. “Tudo o que eu faço é de coração, eu não quero nada em troca. Penso como se fossem minhas filhas, gostaria que alguém cuidasse delas assim também”. Uma vez, no dia da matrícula, a mãe de uma aluna disse que estava com pena de deixá-la ali sozinha, e a Dona Geni lhe disse: “pode deixar que a gente cuida” e assim fez, sempre cuidava dela, até que foi homenageada na formatura da moça.

Já são 21 homenagens em formaturas. Com isso, Geni é a funcionária terceirizada a receber tal honraria o maior número de vezes. Esta é a forma que os alunos do Curso encontram para retribuir e agradecer seus cuidados durante a graduação.

Apesar de não gostar muito de ser fotografada, Geni abre uma exceção em ocasiões especiais. Como na foto, tirada em agosto de 2018 pela colega Maria Júlia, logo antes de ser homenageada em mais uma formatura do Curso de Jornalismo UFSC. | Foto: Maria Júlia dos Santos Costa

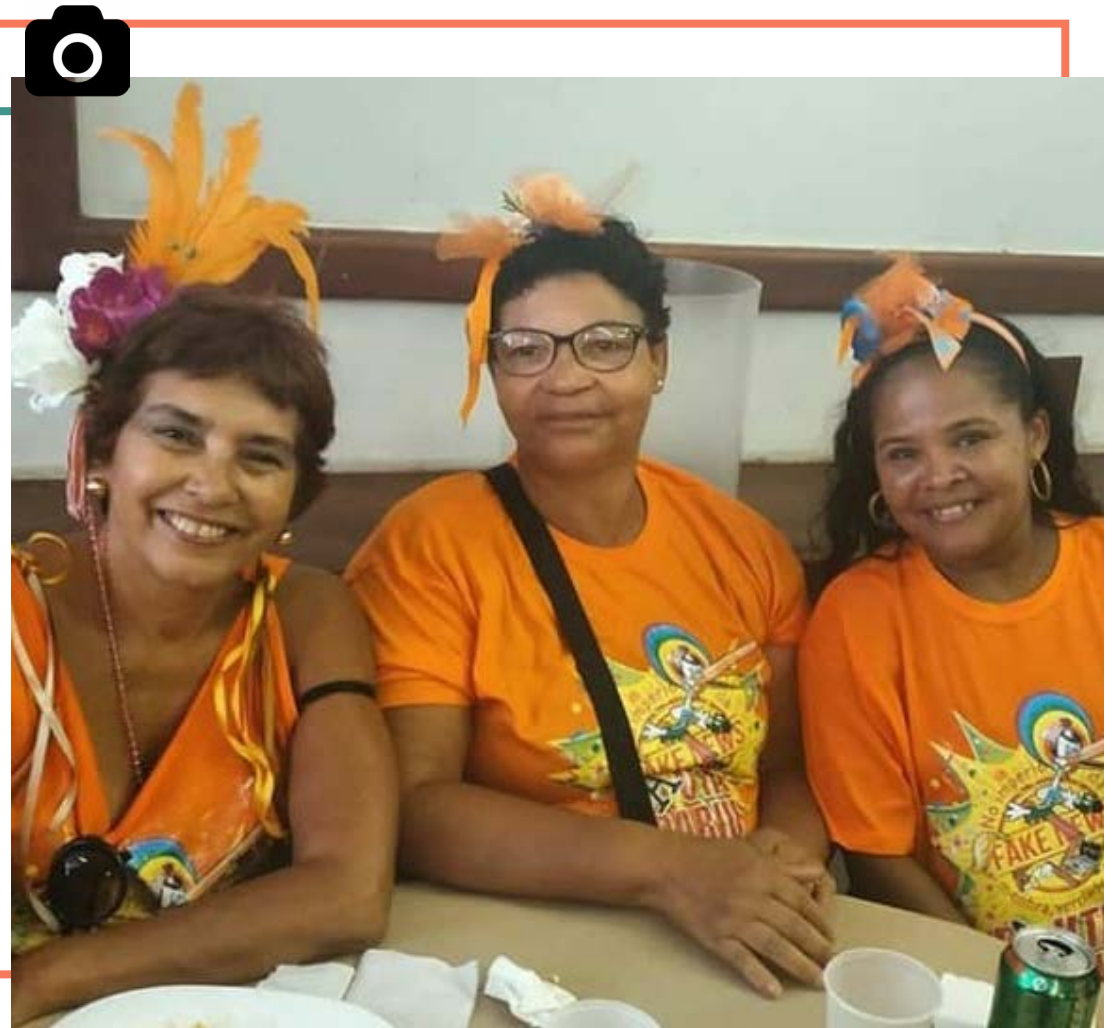


Dona Geni faz muito mais do que cuidar dos alunos, para alguns vira uma segunda mãe. A estudante do mestrado em Jornalismo, Ediane Mattos, conta que quando se formou na graduação fez questão de ser a responsável por entregar o presente a Dona Geni no momento da homenagem. “Eu acho que a Dona Geni é patrimônio do Jornalismo. Não só pela questão da convivência, mas a forma como ela trata todo mundo, sabe? E a forma como as pessoas também tratam ela. Ela dá conselho, me xinga, me ajuda, até me dá comida às vezes, quando eu estou corrida. É uma coisa que não é função dela, mas ela abraça a gente como uma mãezona”.

Não só os alunos de Jornalismo têm um carinho especial pela funcionária. Os professores e professoras também são cuidados e cuidam dela.



Há quase vinte anos a casa de Dona Geni foi consumida pelas chamas, e então o professor Eduardo Meditsch deu-lhe telhas, mangueiras, dinheiro, portas, janelas, panelas e fez o possível para ajudá-la. O professor Fernando Crocomo comprou novos colchões. Outros professores e funcionários se mobilizaram na arrecadação de uma quantia em dinheiro. Seis meses depois do ocorrido, morando com a irmã, ela pôde reconstruir a casa, onde mora até hoje com duas das três filhas, o marido aposentado da Polícia Militar e o neto de 15 anos. Além da ajuda nos momentos difíceis, muitas vezes junta-se aos professores e alunos em momentos comemorativos, como o bloco de carnaval *Pauta que Pariu*, organizado pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, ou, ainda, em festas de aniversário. Em maio de 2019, por exemplo, ganhou uma festa de aniversário surpresa organizada pelos colegas do Curso.



Dona Geni (no centro), com a professora Valci Zuculoto e Maria Júlia, sua inseparável companheira de trabalho, no *Pauta que Pariu*, em 2019. | Foto: Acervo pessoal

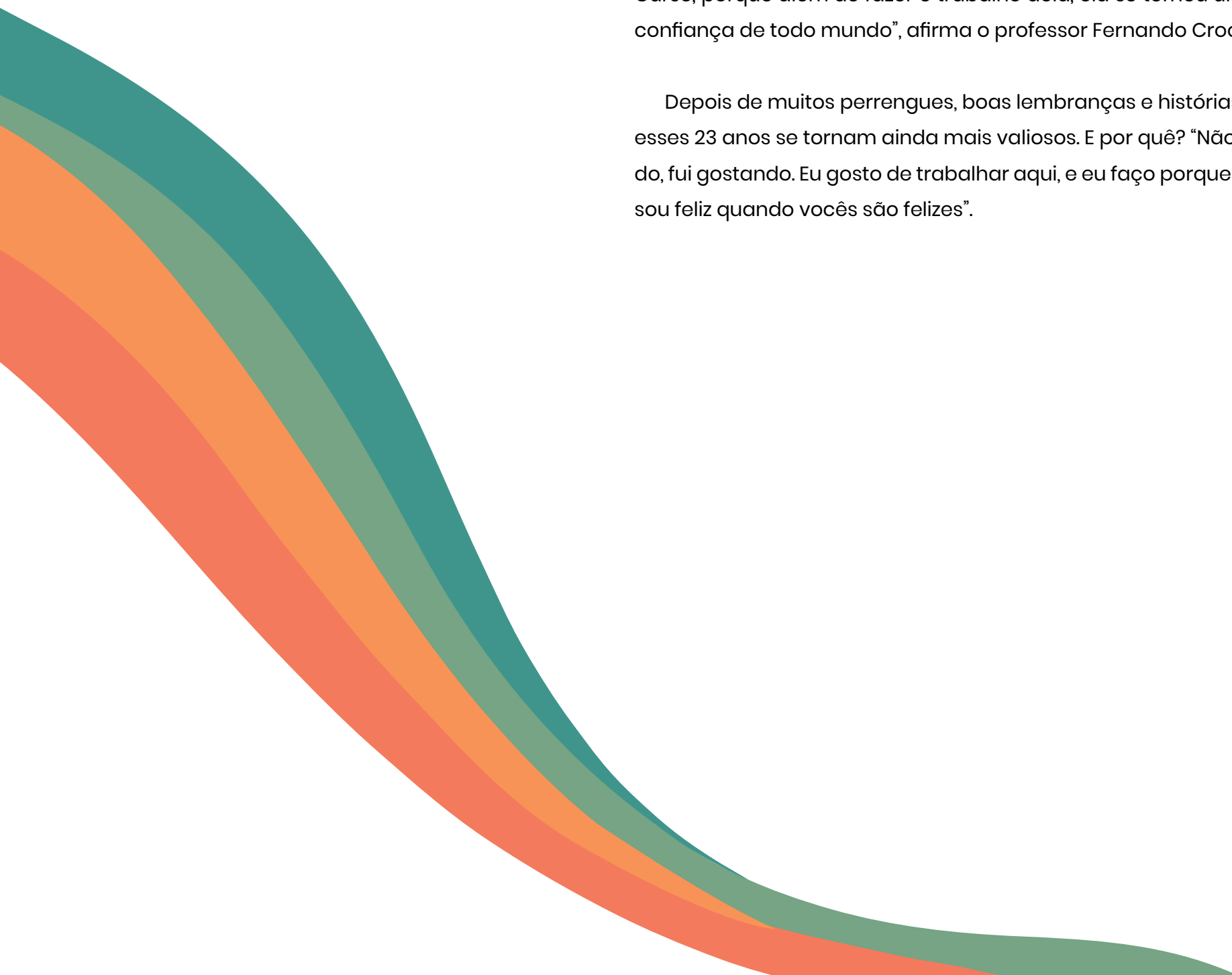
Festa de aniversário surpresa.  
Na imagem, Geni está acompanhada, da esquerda para a direita, da aluna Beatriz Clasen, dos servidores Carlos Guião e Peter Lobo, da terceirizada Maria Júlia, da professora Leslie Chaves, do servidor A. Hendrick, da professora Valci Zucoloto, do servidor André Luiz e da professora Cárilda Emerim (que fez a *selfie*).  
Foto: Acervo pessoal



Nos momentos de folga, Geni gosta de fazer crochê e assistir televisão. “Ela é bem noveleira”, conta Izabel, a filha caçula de 23 anos, que estuda Psicologia. Ela e a irmã Camila, de 25 anos, moram com a mãe e às vezes a visitam no trabalho. “Ela é essa pessoa sempre disposta a ajudar, na família também”. Nos finais de semana, Geni gosta de visitar as primas na sua cidade natal, Imaruí, e tem o sonho de morar em um sítio. “Quando ela não vem trabalhar, fica doente. Ela se apega muito às pessoas daqui, aí elas se formam, chegam outras e assim vai”, relata Izabel.

Dona Geni, junto às filhas Camila e Izabel, à direita, e da amiga da família, Amanda, na formatura do Curso em agosto 2019, na qual foi homenageada pela turma. Foto: Acervo pessoal





A soma de 23 anos no serviço concedeu uma posição de confiança à profissional da limpeza, que acaba fazendo muito mais do que seu papel de terceirizada. “A empresa nem quer, mas como eu já estou há tanto tempo aqui, eu não tenho como recusar”. Confessa que sua rotina inclui cuidar dos funcionários e alunos e correr para fechar alguma sala que tenha ficado aberta, por exemplo. “Quantas vezes eu entro em salas com os computadores ligados. Se eu for desligar tudo, eu perco meu tempo de limpar”. Por ter acesso às chaves das salas que limpa, e pelo tempo de serviço, ela acaba às vezes abrindo a secretaria e entregando a chave das salas para os professores, que a têm como uma amiga. “Ela nos ajuda a cuidar desse Curso, porque além de fazer o trabalho dela, ela se tornou uma pessoa de confiança de todo mundo”, afirma o professor Fernando Crocomo.

Depois de muitos perrengues, boas lembranças e histórias para contar, esses 23 anos se tornam ainda mais valiosos. E por quê? “Não sei. Fui ficando, fui gostando. Eu gosto de trabalhar aqui, e eu faço porque eu gosto. E eu sou feliz quando vocês são felizes”.



**GISLENE SILVA**

# UMA MULHER DE FRENTE

*Gabriele Silva*

Era uma tarde ensolarada de junho de 2019. A professora Gislene Silva parecia inquieta, andava pela sala, com um sorriso nervoso no rosto. Naquele dia incomum, não ministrava a aula, como de costume. O memorial descritivo de sua trajetória acadêmica na UFSC seria avaliado e logo se tornaria professora titular do Departamento de Jornalismo, a última instância da carreira pela qual passa um professor do magistério superior em uma universidade federal. A mesma mulher que já participou de mais de 140 bancas, agora estava de frente para a banca que iria julgá-la. Na mesa central, as professoras Gilka Girardello (UFSC), Vera França (UFMG) e Christa Berger (UFRGS) e, por teleconferência, o professor Luiz Claudio Martino (UnB). Todos nos seus lugares de examinadores.

No primeiro instante, Gislene expôs sua trajetória acadêmica. Com suas anotações muito bem organizadas em tópicos e falando tranquilamente, movia-se em seu habitat natural. Tinha o controle. Estava segura.

Gislene na avaliação de seu memorial descritivo, em concurso para professor titular, dia 3 de junho de 2019. | Foto: Gabriele Silva




Gislene e sua banca, da esquerda para direita: Gilka Girardello, Christa Berger e Vera França, e ao fundo, por teleconferência, Luiz Claudio Martino. | Foto: Acervo pessoal



Gislene e seus colegas (da esquerda para a direita) Daiane Bertesso, Terezinha Silva e Carlos Locatelli. | Foto: Acervo pessoal





Segurança, aliás, é uma das palavras que definem esta mulher. Quando passa pelos corredores do Departamento, exala confiança, deixando uma trilha de firmeza. Filha de pai maquinista da Rede Ferroviária Federal e de mãe cuidadora dos trabalhos da casa, a mineira de São Geraldo (cidade a 260 quilômetros de Belo Horizonte) tem dez irmãos, sendo seis homens e quatro mulheres.

Gislene chegou no Curso de Jornalismo em 2003, para atuar como professora nas disciplinas Teoria do Jornalismo e Teoria da Comunicação. Ao longo desses anos, também ministrou aulas nas disciplinas de Redação Jornalística e de Metodologia da Pesquisa. “Acho que essa é a maior qualidade dela, ser competente em tudo que faz. Seja em aula prática ou teórica, como jornalista ou pesquisadora”, afirma a jornalista Amanda Miranda, que já foi aluna de Gislene.

Amanda, que hoje tem 36 anos, conheceu Gislene quando tinha 21. A professora havia acabado de chegar no Curso, e ministrou a disciplina de Teoria do Jornalismo para a turma da quinta fase. As duas mantêm uma relação próxima até hoje. “Gislene foi minha orientadora no TCC, em 2004, coorientadora do mestrado em 2005, e orientadora do doutorado, em 2018. Foi minha parceira em momentos muito importantes da minha vida, e de alguma forma, fui importante para ela por ter sido a primeira orientanda em diferentes momentos”.

A professora tem uma lista crescente de orientandos, tanto na graduação quanto na pós. No currículo já são mais de 80 orientações. Para a doutoranda Gabriela Almeida, o que a faz ser tão requisitada é a competência profissional. “Ela é uma das maiores pesquisadoras brasileiras, com uma produção acadêmica reconhecida no país. É um privilégio ser orientanda dela. É muito exigente, mas também oferece tudo o que é possível para achar caminhos positivos para a pesquisa e para a formação de professores”.

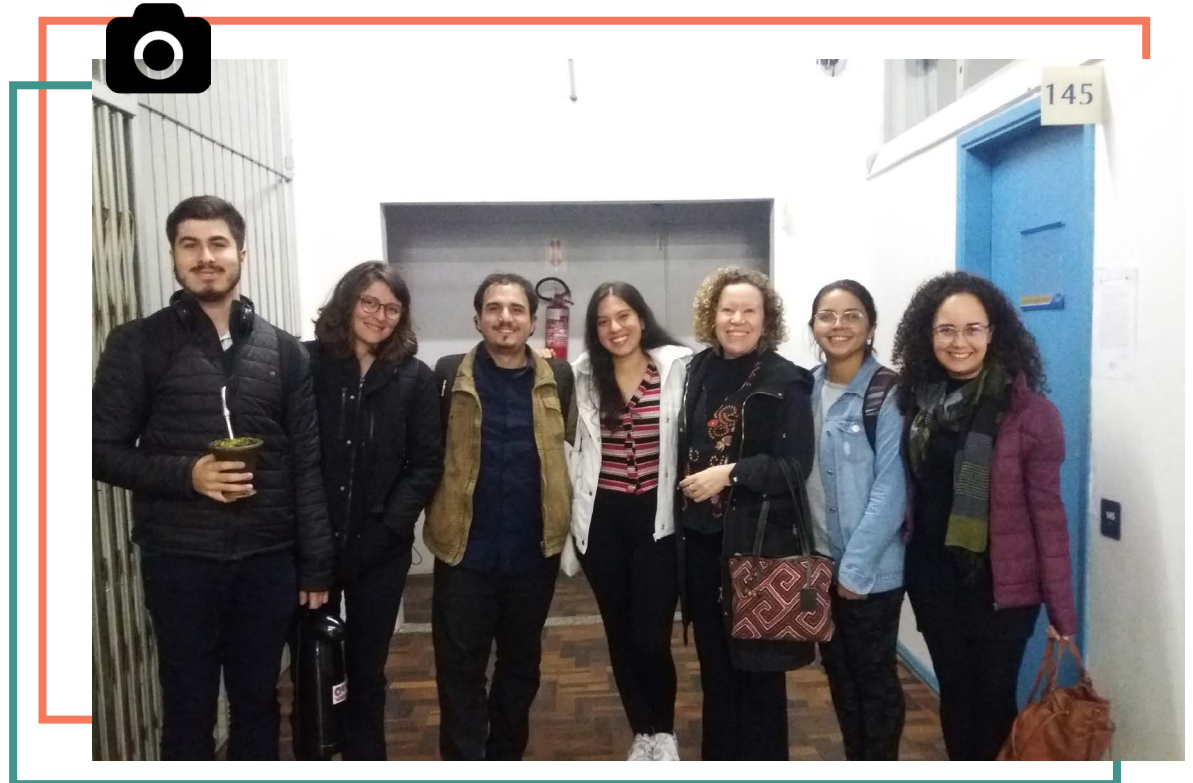
Assista o vídeo da abertura da Primeira Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, em 2011. Nele, Gislene fala sobre a importância do evento para o Jornalismo.



Mesmo após a conclusão das pesquisas, muitas parcerias se tornam uma amizade. “Muitos vêm me visitar, me ligam, ou mandam uma mensagem dizendo que se lembraram de mim em algum momento. Eles brincam que escutam a minha voz quando estão escrevendo”. Gislene é uma profissional que inspira. Sua trajetória e seu conhecimento despertam nos alunos um desejo de ser sua melhor versão. “É quem eu quero ser quando crescer, sabe?”, brinca Amanda. Reservada, a mineira sorri ao ser chamada de inspiração. “Penso no modo como eu lembro dos meus professores, e observo que meus alunos começam a me ver assim. Eles me dão esse retorno, de algo que dura no tempo. É bem bacana”.



A professora Gislene e seus alunos da disciplina Crítica do Jornalismo, primeiro semestre de 2019. | Foto: Diana Azeredo



Antes de chegar ao Departamento de Jornalismo da UFSC, Gislene já possuía 16 anos de experiência no mercado de trabalho. Entre 1989 e 1990, atuou como repórter da *Revista Saúde*, da Editora *Abril*. Por 12 anos trabalhou na revista *Globo Rural*, da Editora *Globo*. A área de Comunicação Rural também foi seu objeto de estudo no mestrado e no doutorado. Sua tese resultou no livro *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos* (Insular, 2009), no qual trata da relação dos leitores da *Globo Rural* residentes em São Paulo com a revista especializada em atividades agrícolas, buscando compreender o fenômeno desse sonho muito comum. O conhecimento adquirido na pesquisa, assim como no cotidiano da redação da revista foi compartilhado com seus alunos, tanto em orientações como em diferentes disciplinas, teóricas e práticas, tendo, inclusive, ministrado *Jornalismo Rural*, em 2004 e 2006, e *Jornalismo Científico*, em 2003.

Estudar é uma paixão desde a infância. “A minha casa era de muito estudo, muita gente. Um chegando da escola, o outro indo, um fazendo dever de casa, o outro estudando para prova do dia seguinte. As minhas irmãs e eu também demos aulas particulares em casa; era uma mesa grande sempre cheia de alunos”. Gislene destaca que, apesar de seus pais não terem concluído o ensino fundamental, estimularam a busca por qualifi-


cação. “Os filhos homens faziam curso técnico em outras cidades. As meninas, que não podiam sair de casa tão cedo, faziam curso de magistério antes de se mudarem para fazer faculdade. Minha mãe sempre dizia que nós tínhamos que estudar, e não ficar dependendo de marido”. Todos os 11 filhos concluíram o ensino superior, sendo que dez deles o fizeram em universidades federais.

A ligação com a academia se manteve intensa ao longo de sua vida. Ingressou no mestrado na Universidade Metodista de São Paulo, logo após concluir a graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1984. Em 1996, mesmo atuando no mercado de trabalho, ingressou no doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nos anos 2000, com a crise no mercado jornalístico, com demissões em grande escala, a doutora em Ciências Sociais e Antropologia optou por retornar à academia, agora como docente.

A escolha da UFSC foi consequência de uma já existente ligação com o estado. “Eu viajei muito por Santa Catarina como jornalista. Na *Globo Rural*, eu cobria as pequenas propriedades, pequenas produções. E como Santa Catarina é o estado que mais tem pequenas propriedades, eu fiz muitas matérias aqui. De tanto vir, passei a gostar”.



Gislene em sua sala no Departamento de Jornalismo. | Foto: Fernando Perosa



Seja na docência, coordenação ou pesquisa, Gislene é uma figura importante no Curso, avalia a professora Daiane Bertasso. “É uma referência de mulher com personalidade forte, batalhadora, que se dedica muito ao trabalho e às causas que acredita, e que se posiciona teoricamente e politicamente em todas as atividades que desenvolve. Ela é muito forte, dedicada e se preocupa em trabalhar pelo grupo, pela coletividade”.

Como gestora fez grandes contribuições para o Departamento de Jornalismo. Durante oito meses, Gislene foi chefe de Departamento e coordenadora do Curso de Graduação ao mesmo tempo. Ao sair das duas funções, em 2006, deixou uma mudança importante: a instauração de eleições para os cargos de chefia, prática que se mantém até hoje. “Tenho orgulho de ter criado no Departamento um ambiente mais profissional. Cumpre-se regularmente o prazo de dois anos e novas eleições são convocadas. Nos vários anos anteriores foram muitas chefias *pro-tempore*, sem eleição. E também passou-se a cobrar a entrega dos planos de ensino, prática que não era rotineira até então. A experiência foi pequena, mas houve uma alteração importante. Uma marca que eu gosto de lembrar”.

Gislene é conhecida por sempre se posicionar diante das questões. Característica notada pelos alunos, como afirma Iraci Falavina, estudante da terceira fase em Jornalismo. “Ela simplesmente é quem é. Os outros que se vêm para aguentar. A confiança de Gislene deixa marcas em qualquer lugar”.

Seu irmão Márcio Francisco da Silva conta que essa característica sempre esteve presente na irmã: “quando morávamos juntos em São Geraldo, sempre rolava uma prosa boa e nessas conversas ela evitou que valores preconceituosos se enraizassem em mim. Desde muito novo fui influenciado a não ser homofóbico, racista e outros ‘trem ruim’ desse tipo. Acho que isto foi o mais marcante”.

A amiga e colega Daisi Vogel conhece a mineira desde que entrou no Departamento, e admira sua personalidade. “Gislene é uma profissional muito séria, dedicada, detalhista e responsável. Na vida pessoal, é alegre e divertida. E é sempre inteligente. É uma mulher firme e corajosa, não se atemoriza nem se esconde, ao contrário. Está sempre de frente”.



**ISABEL COLUCCI**

# UMA PROFISSIONAL ENGAJADA


Leon Ferrari



Isabel, em frente à sala 41 do Departamento de Jornalismo, no dia 28 de junho de 2019. | Foto: Leon Ferrari

“Eu sou Isabel Colucci, direto da Serra do Rio do Rastro”, disse para sua mãe que a registrava com a câmera. O cenário era a imponente Serra Catarinense, permeada por sua Mata Atlântica, fauna diversa e cachoeiras. A mais de 1.421 metros de altitude, a pequena Isabel Colucci Coelho, de apenas 10 anos, começava a mostrar o caminho que desejava seguir. O ano era 1995; a mãe, Viviane Colucci, lembra dos registros feitos na viagem com a família como a primeira reportagem da filha. A brincadeira de ser repórter não esteve presente apenas nesses momentos. “Eu também apresentava trabalhos na escola no formato de telejornal”.

O interesse pela leitura, talento com as palavras e a curiosidade pareciam indícios óbvios de que Isabel havia nascido para a prática jornalística. Mas na adolescência ela não estava tão certa disso, vivia um dilema comum entre muitos estudantes. “Jornalismo ou Direito?” Foi na fila de inscrição para o vestibular da UFSC que decidiu a faculdade que iria cursar. “Eu tinha essa vontade de estar no mundo. Eu quis fazer Jornalismo pelo mesmo motivo que eu também quis fazer Direito. Então comecei a imagi-



nar como seria o dia a dia e pensei: ‘poxa, eu acho que eu vou gostar de ser jornalista!’”, conta entre risadas e sorrisos tímidos.

Isabel prestou vestibular em 2002 e foi chamada para o segundo semestre do ano seguinte. Mas a história dela com o Curso não acaba com a graduação. Dez anos após a formatura em 2007, retornou como professora substituta, cargo que ocupou até julho de 2019. O tempo de aluna nunca saiu de sua cabeça. “Eu sei minha matrícula até hoje, era 03283097”.

No seu primeiro ano na graduação ocorreu a primeira greve após a vitória de Lula nas eleições. Devido à paralisação, as aulas do segundo semestre na universidade iniciaram no dia 15 de setembro. Preocupada, foi à universidade mesmo durante a greve. “Eu lembro que vim naquela primeira semana, com medo de perder a matrícula. E estava fechada. Me diziam que estava fechada e eu respondia ‘mas eu sou caloura, não posso perder a vaga’”.

A jovem Isabel não era mesmo de esperar. “Eu sempre fui meio metida. De ir antes da hora. Quebra de pré-requisito [de disciplinas]”. Quando estava na terceira fase, resolveu fazer uma matéria ofertada para a quinta - Reportagem Especializada em Cultura. Junto com o colega Leo Branco, procuraram a professora Gilka Girardello, que se despedia da disciplina e do Departamento de Jornalismo. “Eu fiquei tão comovida, tão tocada pelo jeito dela, foi uma alegria tê-la em sala de aula”, relata Gilka, lembrando traços marcantes da aluna. “Ela já tinha aquele olhão arregalado, aquele jeito animado e curioso”.

A curiosidade e proatividade a levaram a participar de diversos projetos durante a graduação. Um deles foi o Universidade Aberta (UnAberta), na época coordenada pela professora Valci Zuculoto e o professor Eduardo Meditsch. O projeto de Extensão criado em 1991 noticiava o que ocorria na UFSC e na educação de todo o país. O material era produzido para várias plataformas - televisão, rádio, internet e impresso; proposta que condiz muito com a profissional que Isabel se tornou. “Eu gosto muito do *crossmídia*, de você trabalhar em multiplataforma”.

Durante a cobertura de posse do reitor Lúcio José Botelho, em 2004, para o UnAberta, ela teve contato com as primeiras câmeras digitais que então chegavam ao Curso. “A gente fez a cobertura da posse do Lúcio Botelho com as MAVICAs [Magnetic Video Cameras], e foi a pior cobertura que eu fiz na vida. Tinha que tirar seis fotos e voltar do Centro de Eventos até a redação”. As MAVICAs, equipamentos fabricados pela Sony, gravavam as fotografias em discos removíveis – os disquetes. Porém, o Fotojornalismo não era o ramo que mais a atraía. “Antes de cursar, eu achava que ia gostar muito, mas meu desempenho em foto foi sofrível”.

Sem medo do novo, Isabel integrou outros projetos, entre eles o *Jornal do Meio-Dia*, radiojornal de meia hora. Aventurou-se no Telejornalismo com transmissões ao vivo, entrevista, cinegrafia e técnicas de estúdio. “Eu fui sempre diversificando”. Fez estágio em uma empresa de Logística, no Guia Floripa e no Projeto EAD Libras da UFSC, na produção e edição de vídeos. “A Isabel é uma profissional versátil”, conta o marido, Daniel Ranzi Weler, sintetizando a essência da esposa no trabalho.

Como telejornalista, ela e os colegas produziam um programa de entrevistas que era transmitido pela *TV Cultura* de Florianópolis. “Eu lembro de um dia que eu levei a fita até lá, para colocar no ar”. Mal sabia ela que a mesma emissora a empregaria anos depois. Já em 2007, trabalhou no Núcleo de Novas Mídias da *TV Cultura* em São Paulo – o canal foi pioneiro no uso das redes sociais como meio de disseminação de informações jornalísticas.

Com sua vontade de estar no mundo, ainda como aluna do Curso, soube da possibilidade de fazer intercâmbio para a Inglaterra, na Universidade de Nottingham, que tinha um convênio com a UFSC. Fluente em inglês – já havia dado aulas do idioma –, fez uma prova pelo Escritório de Assuntos Internacionais (ESAI) da UFSC e foi convocada. Em setembro de 2005, embarcou para morar seis meses no país que já havia visitado quando tinha 15 anos. “Eles não tinham faculdade de Jornalismo, mas tinham muitas disciplinas na área das Humanidades, que davam uma base mais teórica que não tinha aqui”.

O Jornalismo UFSC tem a tradição de ser um curso muito voltado para a prática, desafia os alunos a “colocarem a mão na massa”. “O curso me deu uma segurança muito grande sobre dominar processos de produção do que seja, de texto, de vídeo, de site”, afirma. Para completar em seguida: “ele me deu essa formação muito multidisciplinar, para poder propor”. Esse conhecimento foi posto em prática no Núcleo de Novas Mídias da *TV Cultura*, quando defendeu o uso do *YouTube* para disponibilizar os conteúdos. “Nossa, eu fiz muito PowerPoint para defender essa ideia”. Essa confiança adquirida na universidade a preparou para a vida profissional, como a inesperada entrevista com Marina Silva, que na época era senadora, e com Lawrence Lessig, um dos criadores do *Creative Commons*, durante a Campus Party de 2008.

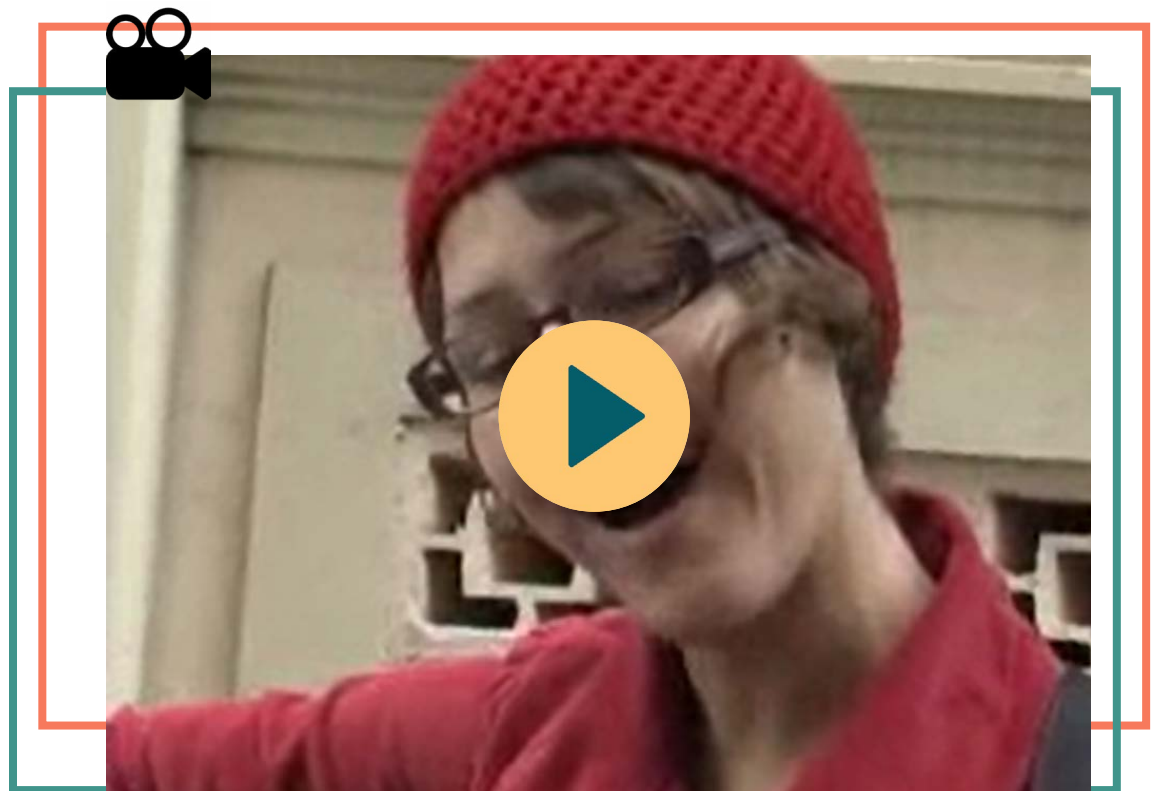
No período em que esteve na graduação, o Departamento passou pela consolidação da transição de sua identidade, que havia iniciado anos antes. “O curso estava passando de fato de Comunicação Social para Jornalismo”. Segundo Maurício Frighetto, em sua dissertação de mestrado “Uma escola de Jornalismo: o poder e o saber na história do Projeto Pedagógico do Curso da UFSC”, defendida em 2016, naquele momento o Departamento optou por romper com o cenário nacional de faculdades de Comunicação e se tornar a primeira escola para a formação específica de jornalistas. As justificativas para a mudança eram principalmente as demandas do mercado e a instalação de laboratórios. Essa mudança foi implementada pela chefia do Curso eleita em 1989, com a proposta Ano 10.

Os professores contrários à transição formaram o Laboratório de Estudos Culturais (LEC), com objetivo de oferecer uma formação mais ampla aos alunos, ao aprofundar-se em assuntos teóricos. O conflito se tornou tenso quando, em 1990, os professores do LEC e do Ano 10 não entraram num consenso para a criação de um Mestrado em Comunicação. Com isso, os docentes dos Estudos Culturais começaram a sair do Departamento – a última a sair foi a professora Aglair Bernardo, em 2007. Juntamente com as transições curriculares nos anos 1990 – 1991.2 e 1996.1 – o Jornalismo UFSC se consolidou como primeira escola de formação exclusiva de jornalistas no Brasil.



Logo, o Curso de Jornalismo cursado por Isabel ainda era ocupado por alguns professores e estudantes que não necessariamente queriam atuar como jornalistas. Durante a graduação, ela passou por disciplinas como a de Cinema, em que produziu um curta-metragem. “Era uma comédia romântica bem boba”. Todos os trabalhos finais da disciplina eram apreciados no BOSCAR, premiação realizada pelos alunos. “Eu ganhei como Melhor Atriz Coadjuvante”. Outra disciplina ligada às artes era Imagens da Cidade. “A gente fez um videoclipe como trabalho final. A música era ‘Lune Orange’, da Banda Verano”, diz lembrando que “foi tudo gravado no centro [de Florianópolis]”.

Assista o videoclipe de ‘Lune Orange’, da Banda Verano.



As mudanças não foram só no currículo do Curso. “A gente ainda não tinha uma consciência do coletivo feminino”, diz, acrescentando que “os alunos homens eram mais protagonistas do que as mulheres”. Na época, Isabel não via isso como uma desigualdade de gênero. “Era tudo uma grande coincidência”. Com o tempo, principalmente por conta da internet e das redes sociais, ela começou a perceber as intersecções dos privilégios e passou a se considerar feminista. “Ela leva tudo para discussão de gênero. Até GoT [*Game of Thrones*]!”, confessa o marido, Daniel. Ela também pôde

assistir à criação do Coletivo Jornalismo Sem Machismo, em 2014 – estava fazendo mestrado na UFSC na época. “É notável que nos últimos anos o Curso está mais preocupado com as questões de gênero e sexualidade. As alunas têm mais protagonismo”.

Isabel vivenciou todas essas transformações, pois dez anos após a formatura, em 2017, retornou ao Curso como professora substituta. “Eu não imaginei que ia continuar crescendo aqui dentro. Não me passava pela cabeça que Florianópolis e o Jornalismo UFSC pudessem me oferecer isso ainda”. Antes de se formar – fez TCC à distância –, mudou-se para São Paulo para trabalhar. Por lá ficou até 2013. Com o nascimento da primeira filha, Maria, resolveu voltar para a Ilha. Aqui, não conseguiu ficar longe do ambiente acadêmico, no mesmo ano entrou para o mestrado no Centro de Educação da UFSC. “A pesquisa do mestrado foi bem aceita. Foi apresentada até no Congresso de Florença, com bolsa do Google”, conta o marido orgulhoso. Assim, imediatamente ingressou para o doutorado no mesmo centro.



Isabel e a amiga Daniele Martins, após a apresentação de seu TCC, em 2007. | Foto: acervo pessoal

Enquanto desenvolvia a pesquisa, em 2017, uma vaga para professor(a) substituta(o) abriu no Jornalismo UFSC. Após todo processo seletivo, foi chamada para ocupar o cargo. “Eu levei um susto. E agora?” Fazendo doutorado e com o nascimento da segunda filha, Lara, que só

tinha um ano na época, Isabel questionou-se se seria uma boa escolha. Entretanto, resolveu escutar o conselho de sua mãe. “Quando a vida nos convida a dar um passo à frente, a gente vai”.

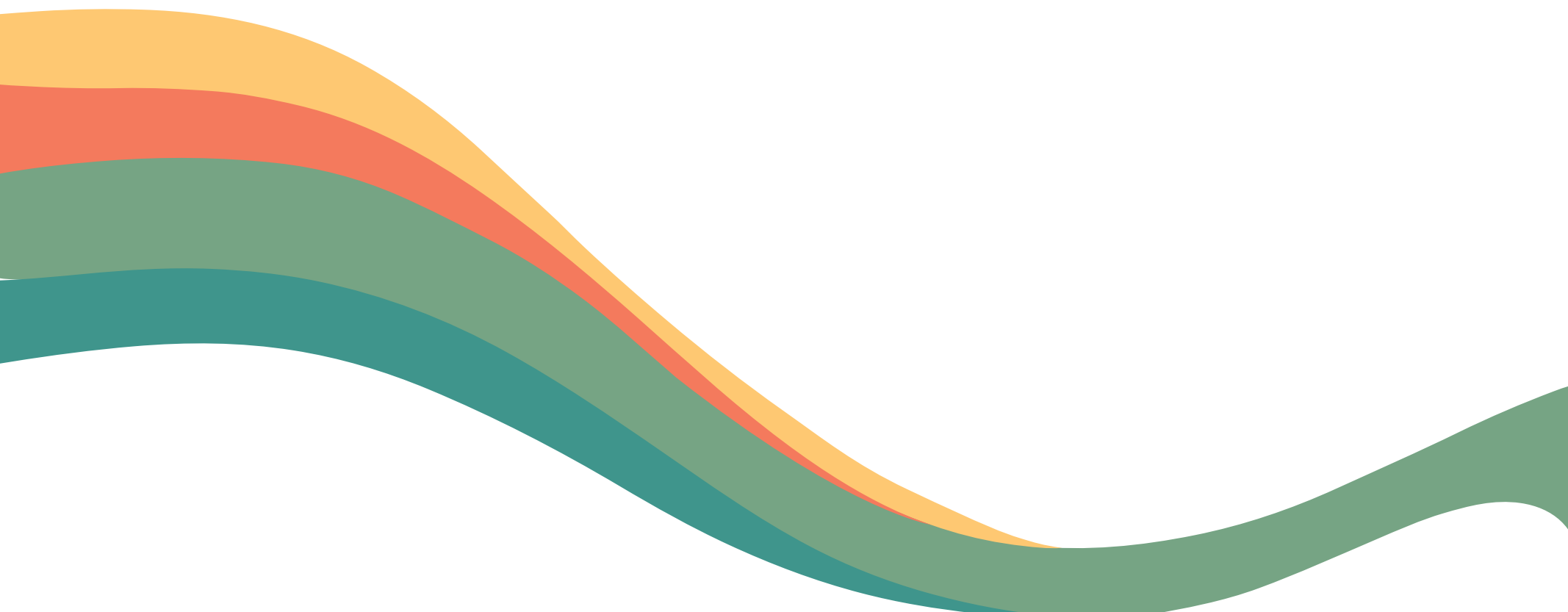
Uma nova Isabel voltou para o Departamento onde tanto aprendeu, agora para ensinar. Independente de todas essas mudanças, uma coisa não mudou. “Eu sempre fui muito maternal”. O que fica claro nas falas de alunos, amigos e colegas. “Acho que nunca despertou a antipatia de ninguém. Ela nunca foi egocêntrica e nunca se colocou em um lugar de disputa com ninguém”, conta a antiga colega de Curso, Daniele Martins. “Mulher ou anjo?”, questiona a aluna Evelyse Porto.

Isabel e os colegas de graduação, em um Luau na Praia Mole. | Foto: acervo pessoal



Ensinando, Isabel continua aprendendo. “Quando você corrige o texto de alguém, você entra num universo muito íntimo. É muito legal conseguir esse acesso”. Esse lado humano a faz querer conhecer universos alheios ao dela, e não mede esforços para isso. Sempre que empresta livros aos alunos, pede que deixem os *post-its* que eles colocam. Ela aposta nos outros. “Eu vi na prática que o melhor que você propõe pode ser melhorado pelo coletivo. O nosso sempre vai ser melhor”.

Hoje, Isabel não termina mais seus trabalhos diários assinando de forma telejornalística como quando criança. Talvez termine com um “até a próxima aula!” ou na frente do computador decupando suas apurações e pesquisas. Mas ela nunca teme o novo, sempre abraça os desafios. A mãe, que lembra com carinho do que seria a primeira reportagem da filha, também se orgulha de sua atual posição, que, segundo ela, só poderia ser “vocação!”.





**IVAN GIACOMELLI**

# QUARENTA ANOS DE CLIQUES

Rodrigo Barbosa

**40** anos após adentrar o Departamento de Jornalismo da UFSC pela primeira vez, Ivan Giacomelli ainda é figura comum nos corredores dali. Ingresso da segunda turma da história do Curso, a de 1980, sua trajetória se mistura com a dele. Àquela época, o jovem interiorano da pequena Caxambu do Sul, no Oeste catarinense, era um dos poucos que tinha um equipamento até então inexistente no Departamento: uma câmera fotográfica - ou câmara, como ele prefere chamar. O equipamento fora comprado de um homem que trazia produtos do Paraguai para Chapecó, onde vivia na casa de uma família amiga desde os 10 anos, após um incêndio que destruiu a empresa de seus pais no interior. Quatro décadas depois e mesmo sob grave crise orçamentária, o Laboratório de Fotografia do Curso de Jornalismo da UFSC é um dos mais bem equipados do país, muito graças ao hoje professor Ivan. Mas o caminho percorrido até aqui não foi simples.

Ainda na escola, Ivan trabalhou como desenhista em um escritório de Arquitetura, que naturalmente se tornou sua primeira opção para o vestibular. Também se inscreveu para vagas em Agronomia e Engenharia de Alimentos. Foi chamado apenas para a quarta opção: Jornalismo. Veio para Florianópolis decidido a entrar no Curso para o qual fora chamado e tentar ingressar em algum dos cursos de sua preferência assim que a oportunidade aparecesse. Ela apareceu, mas era tarde demais. “Quando a gente veio do interior para cá, naquele período, a universidade foi um choque. Porque a gente conseguiu ver tudo mais claramente. O Curso tinha disciplinas nas quais a gente analisava a conjuntura, tinha acesso a autores que denunciavam os arbítrios da ditadura”, relembra o professor. Ele não sairia mais do Jornalismo.



Segunda turma do Curso de Jornalismo - 1980. | Foto: Acervo pessoal

Não deve ter sido fácil estudar na década de 1980. Embora não tão difícil quanto nas duas décadas anteriores, quando a ditadura militar oprimia estudantes por todo o país. O mesmo valia para os jornalistas. Para um estudante de Jornalismo, a tarefa era duplamente difícil. Isto, no entanto, não impediu que oito alunos da turma de 1980 do Curso de Jornalismo da UFSC protestassem continuamente durante todos aqueles anos da graduação. Dentre esses oito, estava Ivan. A influência veio de berço: a mãe, descendente de lituanos, sempre se colocou contra a ditadura. O pai, de origem italiana, ia além: participava de comícios e era uma figura politicamente ativa na região. Não à toa, teve seu carro baleado várias vezes por inimigos políticos.

Em viagem a congresso  
estudantil em 1981. | Foto:  
Acervo pessoal



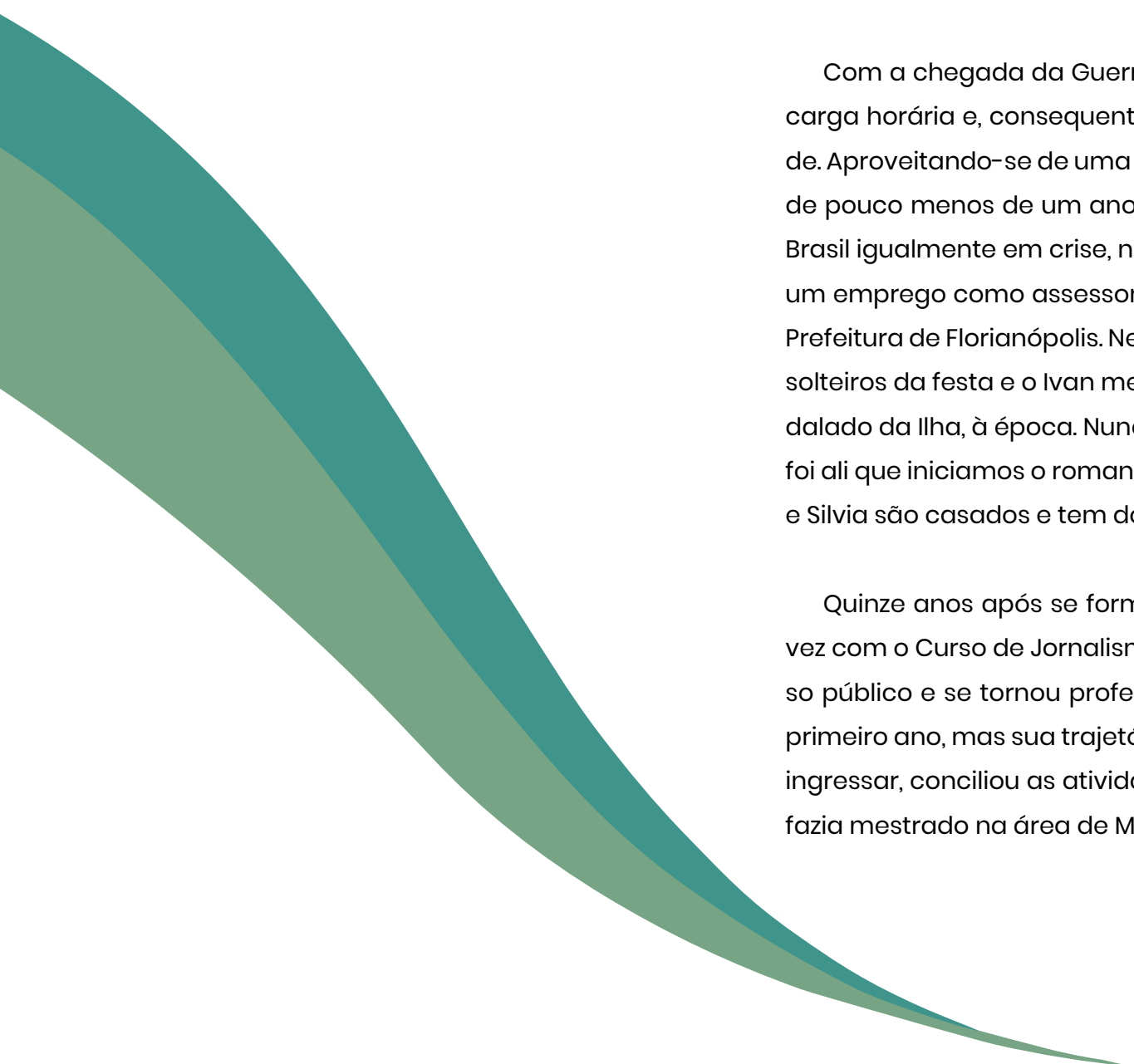
“Ou tu apoiavas a ditadura e fazias de conta que ela não existia, ou tu dizias ‘eu sou contra a ditadura’, ia para a rua dizer ‘abaixo a ditadura’, ‘quero diretas já’. E nós éramos a turma do bater de frente”, diz a também professora do Curso e contemporânea de Ivan enquanto estudante, Maria José Baldessar – mais conhecida como Zeca. A professora ainda relembra que o grupo era muito unido e sempre presente nas ações políticas da universidade. Fora dos limites do campus, também iam juntos à praia e ao cinema.



Participando do Projeto de Extensão do Departamento de Jornalismo, Iván foi contratado para realizar o audiovisual "O caminho do leite", para uma Cooperativa catarinense. Viajou pelo estado para fotografar as etapas de todo o processo. | Foto: Acervo pessoal



Em 1983, ainda sob o regime militar, veio a formatura. Ao subir ao palco para receber seus diplomas, os estudantes ostentavam camisas e uma faixa com os dizeres "Diretas Já". Mesmo com a militância, o professor diz que não se sentiu perseguido naquele período. Um episódio, entretanto, ficou marcado na memória: certo dia, ficou sabendo que a Polícia Federal (PF) havia invadido a casa de um professor da universidade, no Córrego Grande. Pegou sua câmara e dirigiu até o local, onde fotografou a ação da polícia. As fotos do então aluno Ivan saíram nos jornais. Aparentemente, a PF nada encontrou na casa do professor. Anos mais tarde, Ivan ficaria sabendo que o mesmo escondia seus livros marxistas em um bueiro de sua casa pouco antes da operação.



Após formados, o destino acabou por distanciar os inseparáveis amigos militantes. O contato, porém, nunca foi perdido. Ivan seria assessor de imprensa e fotojornalista de grandes veículos como a *Folha de S. Paulo* e o *Diário Catarinense*. Do segundo, recebeu um dinheiro vindo de um processo trabalhista. Com o montante, realizou um grande sonho: viver em Londres. Na capital inglesa, vivia com amigos e “se virava” trabalhando em um restaurante. Começou lavando pratos e logo foi para a cozinha, cuidar das sobremesas. Ainda seria promovido mais uma vez, auxiliando o *chef* enquanto o mesmo preparava costela de ovelha e peito de frango – os pratos principais da casa. O professor se recorda até hoje dos acompanhamentos que ajudava a preparar: salada mista de repolho roxo, alface, pepino espanhol e batatas fritas.

Com a chegada da Guerra do Golfo, a economia britânica estagnou. A carga horária e, conseqüentemente, o salário foram cortados pela metade. Aproveitando-se de uma promoção de voos, terminava ali a passagem de pouco menos de um ano de Ivan pela Terra da Rainha. Retornou a um Brasil igualmente em crise, no governo de Fernando Collor, mas conseguiu um emprego como assessor de imprensa da Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Florianópolis. Nessa época, conheceu Silvia. “Éramos os únicos solteiros da festa e o Ivan me convidou para ir para Lagoa – local mais badalado da Ilha, à época. Nunca esqueço que fomos para o Caribe Jungle e foi ali que iniciamos o romance que dura até hoje”, relembra a esposa. Ivan e Silvia são casados e tem dois filhos – Felipe e Eduardo.

Quinze anos após se formar, o destino de Ivan iria se cruzar mais uma vez com o Curso de Jornalismo da UFSC. Em 1998, foi aprovado em concurso público e se tornou professor do Departamento. Ministrou Redação no primeiro ano, mas sua trajetória se destacou mesmo no Fotojornalismo. Ao ingressar, conciliou as atividades de professor com as de aluno, enquanto fazia mestrado na área de Mídia e Conhecimento.

Formatura do curso de Jornalismo, em 1983. Ivan Giacomelli segura a faixa à esquerda da foto. | Foto: Acervo pessoal



Naquele mesmo ano foi nomeado Supervisor do Laboratório de Fotojornalismo (LabFoto). A partir de então, o Laboratório começou a crescer. Ivan lembra que ia em galpões da Receita Federal em Palhoça e Itajaí, a fim de conseguir equipamentos confiscados por contrabando para o Departamento. O país vivia sob o governo de Fernando Henrique Cardoso e, segundo o professor, essa era a maneira mais viável de conseguir equipamentos em meio à falta de investimento no ensino público.

A partir de 2003, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o dinheiro repassado para as universidades públicas se multiplicou, facilitando a compra de câmaras e lentes – em processos não menos burocráticos que os anteriores. Zeca, então coordenadora do Curso, comenta que a cada solicitação de novos itens, o professor fazia questão de encomendá-los com manuais em seis ou sete línguas, para evitar falsificações. Ao chegarem, Ivan conferia peça por peça se tudo estava em perfeito funcionamento. A diversidade de lentes e atualização dos modelos também são obra dele. A instrumentalização do laboratório foi fundamental para que hoje, mesmo sem recursos para atualizar as câmaras, tudo corra de maneira próspera no LabFoto.

A última (e maior) compra se deu no governo de Dilma Rousseff. Foram vinte câmaras Nikon D300s adquiridas de uma só vez. Até hoje, elas são predominantes no laboratório. O último pedido é de 2017, mas com a crise econômica que se instaurou no país durante o segundo mandato da ex-presidente impossibilitou a compra. Para Ivan, o Curso pode vir a sofrer de falta de equipamentos em um futuro próximo. “Já não tinha perspectivas nos últimos anos, com o Temer. Agora com o Bolsonaro... além de odiarem a universidade pública, eles não têm nenhuma política de emprego para a economia funcionar”. Ao que tudo indica, o LabFoto terá que esperar alguns anos até que os 400 mil reais necessários para a renovação do estoque sejam disponibilizados.

O zelo do professor com os equipamentos, porém, gerou momentos de atrito com os alunos. Nunca foi tarefa fácil conseguir uma câmara enquanto Ivan foi supervisor do LabFoto. Zeca lembra que, em especial nos fins de semana, os alunos geralmente ouviam um “não” ao solicitarem os equipamentos. Mesmo com os atritos, o professor não se arrepende de sua postura. “O aluno tem a visão de que ele está aqui. Mas ele vai embora e vem outra turma e a gente fica aqui e vai acumulando esse conhecimento. Se não cuidar, detona”. Sua esposa, Silvia, revelou que a organização não se limita ao Departamento de Jornalismo. Segundo ela, Ivan também gosta de tudo em perfeita ordem em casa e, se algo quebra, “ele logo conserta”.



Ivan em umas de suas aulas de fotografia, em 2004. | Foto: Acervo pessoal

Desde julho de 2018, Ivan se encontra afastado das atividades do Curso para se dedicar a seu doutorado, no Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Em um canto da sala 16A, ao menos uma dezena de livros da Biblioteca Universitária repousam em sua mesa ao lado de um computador. Sob a pilha de livros, três caixas de papel fotográfico da Polaroid indicam que sua paixão não será deixada de lado também nesta fase de estudos. O professor realizará sua pesquisa na área de Tradução e Jornalismo, com enfoque, é claro, no Fotojornalismo.

Mesmo afastado, Ivan lista com exatidão a relação de equipamentos do laboratório que ajudou a construir. Ao fim do doutorado, certamente voltará às salas de aula daquele lugar no qual há tempo se sente em casa. “Meu lugar é aqui. Eu não me vejo fora. Até porque a minha geração, aqui no Curso, foi treinada basicamente para trabalhar com impresso. E o jornalismo impresso está numa encruzilhada terrível”. Até o retorno, Ivan segue marcando posição política e fazendo aquilo de que mais gosta: fotografar. Afinal, só no Curso de Jornalismo da UFSC, já são 40 anos de cliques.



Ivan no Curso de Jornalismo, em 2017. | Foto: Acervo pessoal



**JADE GANDRA  
DUTRA MARTINS**

# (BEM) LONGE DO JORNALISMO

*Julia Breda*

“**P**osso te pegar na UFSC e vamos juntas. Daí você já escreve sobre como dirijo bem”. Essa foi uma das mensagens que recebi ao combinar a primeira entrevista com Jade Gandra Dutra Martins. A carona foi ao som de Neil Young, um “rock americano, meio country”, gosto herdado do pai. Fui recebida em sua casa com uma taça de vinho rosé – escolhido por imaginar que eu não fosse acostumada a beber vinho –, cubos de queijo parmesão e biscoitos. Diferente de mim, Jade adora vinho, principalmente tinto, e nega os destilados desde a adolescência, na década de 1990. Foi nessa época que decidi ingressar no Curso de Jornalismo da UFSC. Entrou na turma de 1998.

Jade teve uma experiência de faculdade bastante distinta de parte de seus colegas. Nunca quis ser repórter, apresentadora de TV ou colunista. Fez Jornalismo por conveniência: sonhava em abrir uma editora, ter uma revista, trabalhar com publicidade e escrever artigos. Viu no Curso de Jornalismo uma maneira de unir as quatro finalidades.

No entanto, com exceção de algumas disciplinas, como Design Gráfico, Webdesign e Redação, achava o curso “chato”. Não gostava das matérias jornalísticas mais práticas, como Rádio e Telejornalismo, e tampouco da Teoria da Comunicação. Fez um curso “só para si”, com muitas optativas sobre Literatura, Cinema e Ciências sociais.

Panfleto da chapa 666, que concorreu à eleição do Centro Acadêmico Livre de Jornalismo. | Foto: Acervo pessoal



Ela sempre foi muito próxima da professora Aglair Bernardo, a quem admirava como docente e amiga. Ambas tinham o gosto pelas “noitadas” e se aproximaram durante seu Doutorado em Literatura. Também gostava da aula do professor Luis Scotto, que ministrava a aula de Redação, e tinha afinidade com o professor Ricardo Barreto, por gostar de produto (*layout*). Adorava as matérias ministradas por Gilka Girardello, e foi numa de suas aulas de Redação que um gênero do jornalismo-literário chamou sua atenção: o perfil. O primeiro que escreveu foi sobre o polêmico Cacau Menezes – mais tarde publicado na revista do TCC de um de seus melhores amigos, Diego Fontura, o Dêgo. “Fiz amizades com alguns colegas de Curso, mas nossa relação era construída fora do Departamento, éramos amigos de festas, shows, bares e trabalho”.

Bebel, amiga de infância de Jade, a define como “uma amiga que está sempre presente, leal e sempre pronta para ouvir, sem julgamentos. É agregadora, por onde passa vai fazendo amigos fiéis”. Com a mesma intensidade que se dedica aos amigos, empenhou-se em sua paixão desde cedo: as letras. Alfabetizou-se sozinha, e, em seguida, escrevia histórias em um diário. Por ter sido mais adiantada que as crianças de sua idade, pulou um ano e estudou com crianças mais velhas. No terceirão, publicou seu primeiro livro, *Tempo de guerrilha*, um romance que se passava no período da ditadura militar.



Sempre teve gostos variados para leitura, temas de Sociologia, Arte e Estética a romances. Segundo ela, esta é uma herança da família, que considera intelectual. O amor pelos livros foi muito bem aproveitado durante seu tempo de TCC, mestrado e doutorado. Na época, carregava pilhas e caixas de livros para onde fosse, sendo chamada de *nerd* por suas amigas. Hoje, tem cerca de 700 livros, espalhados pela casa: no corredor, na sala e no escritório.

Seu ritmo de leituras, assim como muitas outras coisas, mudou com a chegada da filha Estela, há quatro anos. Jade estava no auge de sua carreira quando descobriu que era estéril. Já tinha aceitado que não poderia ter filhos quando, dois meses após a notícia, soube que estava grávida. Hoje, sua prioridade é a menina. Ela sente que mudou, mas não acha que tenha sido um processo forçado, ou que teve que “abrir mão” de algo: “as coisas saíram de mim naturalmente”. Com Estela, se sente menos corajosa. “Não entendo quando falam que a gente vira uma ‘leoa’ quando se torna mãe. Tenho muito mais medo hoje”.



Jade e sua filha, Estela, na sala de casa. |Foto: Acervo pessoal

Uma coisa que não mudou foi a paixão, de infância, pelas telenovelas. Aos três anos, já chorava assistindo as cenas mais tristes. Não assiste as novelas atuais: gostava do ritmo das antigas, até 2004, principalmente as de Manoel Carlos. Suas preferidas são *Por amor* (1997) e *Vale tudo* (1988), esta escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. Suas séries prediletas são *Madman* e *Handmaid's Tale*. Também tem *guilty pleasures*: adora séries com temática adolescente. Sua opinião não é de uma leiga no assunto: já fez críticas de cinema para o *Diário Catarinense* e ministrou, durante o pós-doutorado, disciplinas optativas na UFSC sobre gêneros do cinema, seriados, e Nelson Rodrigues.

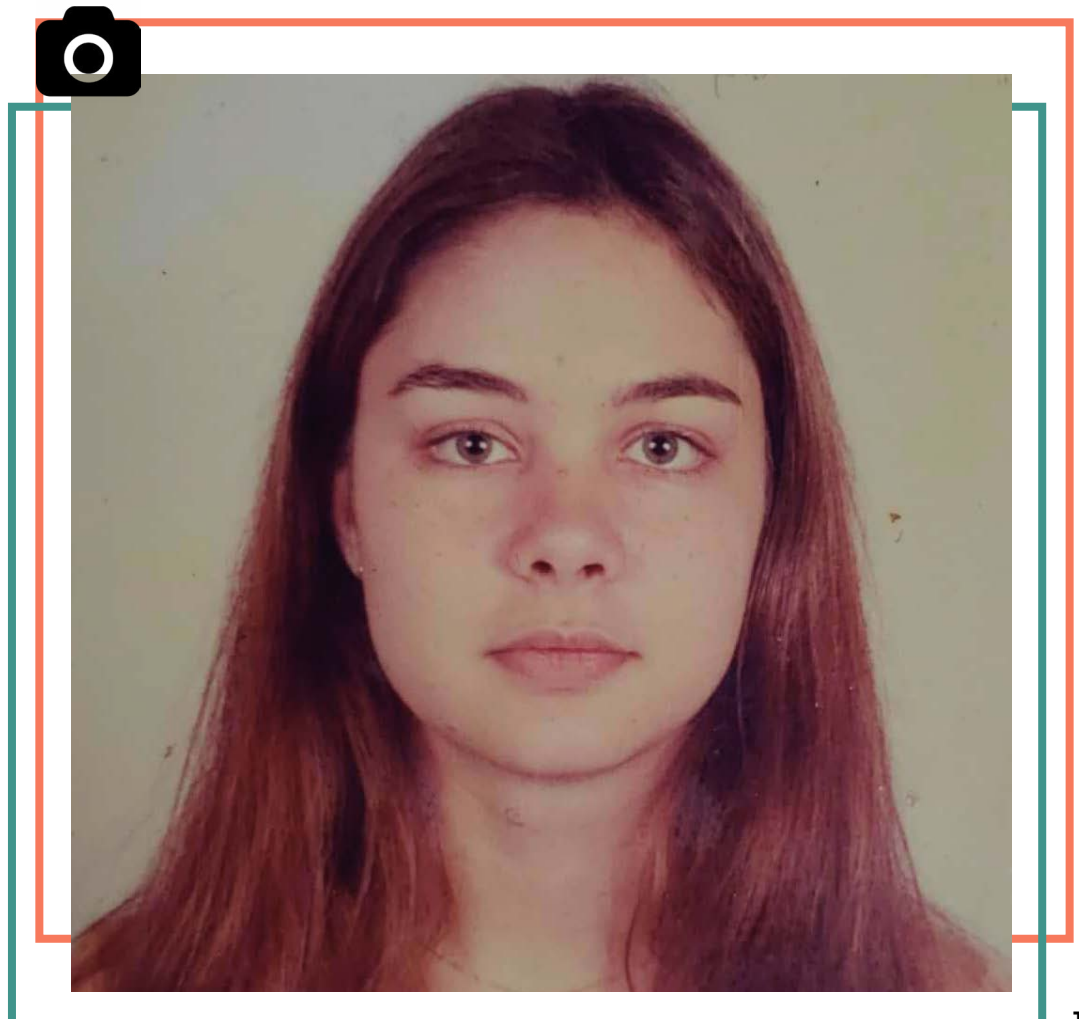
A dedicação como pesquisadora contrastava com a sua época no Curso de Jornalismo. “Nunca me considerei parte da minha turma ou do Curso em si. Minha vida sempre esteve dividida em zonas de atuação ‘esquizofrênicas’, vários aspectos que não se cruzavam, e isso me afastou da ‘cultura’ de Curso e de turma. Eu não era uma aluna muito esforçada na graduação, e saía todas as noites”. Não era difícil encontrá-la pelos bares de Floripa: de segunda a segunda, curtia com as amigas e os namorados. Enquanto namorava André Seben, um músico que também cursava Jornalismo, acompanhava-o em todos os shows. Lembra até hoje de uma bebedeira em um deles, acompanhada de Ellen, uma colega de faculdade e amiga até hoje, na Cervejaria Continental de Florianópolis, onde tomou muito champagne e acabou no banheiro masculino do lugar, de onde foi “resgatada” pelo namorado.



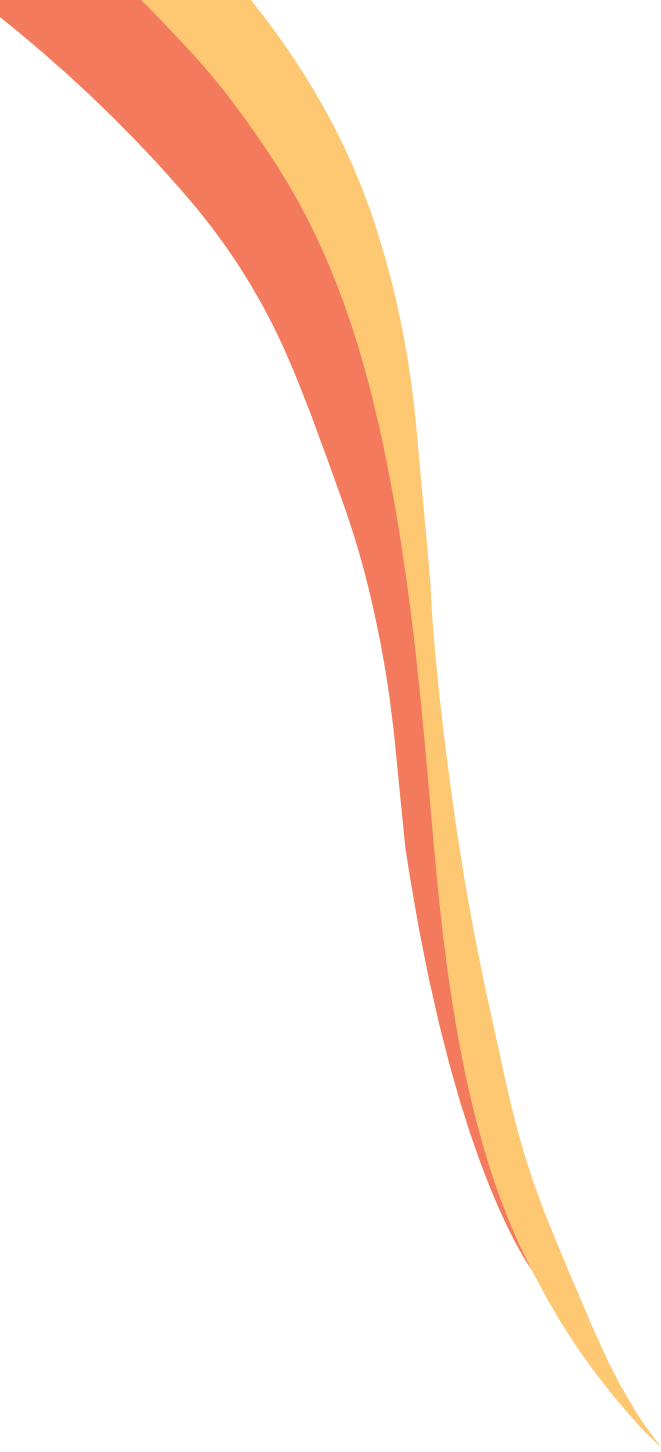
Jade e amigos em uma de suas “noitadas” durante a faculdade. |Foto: Acervo pessoal

Na produção de seu TCC, juntou duas áreas de interesse: a Teoria Literária e o Webdesign, o que resultou em um site intitulado *Tudo sobre Nelson Rodrigues*, que durante muito tempo foi o site mais completo sobre as obras do autor. Infelizmente, o material não está no ar há oito anos, em função de uma atualização no servidor do site do Curso, onde a página ficava. Já no mestrado, o plano era analisar uma obra do autor, a peça *Toda nudez será castigada*. No entanto, seu projeto foi qualificado, e passou direto para o doutorado. Ali, abriu o espectro: analisou todas as peças de teatro de Nelson Rodrigues adaptadas para o cinema.

Apesar de não se identificar com o Jornalismo, gostou da carreira acadêmica. Segundo ela, a afinidade pela leitura não era suficiente (ou o mais importante), teve que aprender a estudar. Foi estudando Teoria Literária no doutorado que se encontrou na academia. “Foi como uma jornada de autodescoberta. Fiz o dobro das matérias que precisava, era muito participativa, ia em todas as bancas, viajava muito para congressos. Me dediquei às minhas pesquisas”.



Jade em foto tirada no ingresso da faculdade. | Foto: Acervo pessoal



Jade sempre sonhou em ter uma vida calma e tranquila, contudo, desde cedo percebeu que não seria assim, pois todas as mudanças sempre aconteciam simultaneamente. A qualificação do mestrado veio acompanhada de outras situações. O noivado de quatro anos acabou; ao mesmo tempo, começou a trabalhar na agência de propaganda de uma amiga, onde ficou por um ano, até iniciar o doutorado. Na mesma época, foi chamada para ministrar aulas de Propaganda em uma faculdade particular, onde permaneceu até o último ano de seu doutorado, quando resolveu se dedicar inteiramente à pesquisa.

Seu lema é tentar se divertir com o que vier. “Se as coisas não estão do jeito que eu gostaria, pelo menos tento achar uma maneira de me divertir com o que tenho”. Foi assim que a escrita de perfis voltou à sua vida. Ao final do doutorado, decidiu que “devia, pelo menos uma vez, tentar ser jornalista de fato”. Em 2008, começou a trabalhar na Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC), como editora do jornal interno. Não demorou para perceber que não gostava do emprego, e precisou inventar alguma atividade que a satisfizesse. Começou a perfilar os servidores, e publicar os textos no jornal. Simultaneamente, fazia perfis como *freelas* para uma revista de cultura local, *O catarina*.

No Jornalismo, assim como em diversas áreas de sua vida, Jade viveu o que chama de “metáfora do carrinho”. Na gestação, imaginou-se de vestido rodado, andando com a filha no carrinho pelas ruas de Coqueiros, bairro em que mora. Na prática, não foi o que ocorreu. Na primeira saída com a neném, o carrinho “grande, como uma SUV de carrinhos” empacou, e precisou da ajuda de três pessoas para movê-lo. Antes de chegar à rua geral do bairro, já estava completamente suada. Não passeou mais de três vezes depois disso. Essa é a metáfora: por diversas vezes se imagina fazendo algo no futuro, porém, acaba com o carrinho empacado. “A gente acha que escolhe as coisas, mas muitas vezes elas nos escolhem”.

O mesmo ocorreu com o sonho de ser editora de revista. Depois do trabalho na AMC, foi contratada para ser editora da *Its*, uma revista *teen*. “Eu sempre quis editar uma revista, mas fiquei só dois meses e descobri que não queria ser jornalista e não era pra mim. Foi muito ruim”. Pensou, então,

em ser professora de teatro na UDESC, entretanto, não passou no concurso, em 2010. “Eu era a única concorrente e eu rodei. Aí eu não sabia o que fazer, foi bem humilhante”. Na sacada de casa, tomando uma latinha de cerveja deixada pelo ex-marido (recém-separados) enquanto observava mar, chegou a uma conclusão: voltaria para a Propaganda.

Foi rápido. “Uma amiga do meu ex, Carla, me mandou um GTalk no dia seguinte, falando que a agência que ela trabalhava estava precisando de uma revisora”. Dali em diante, não saiu mais das agências de Propaganda. “Mas eu tento estudar e fazer minhas coisas que não têm a ver com as das agências. Eu sempre canso e quero voltar a estudar”. Em 2011, “cansou” e foi fazer pós-doutorado, conciliando com o trabalho na agência.

Durante nossa entrevista, sentamos no sofá, à luz suave do abajur, onde ela me contou sobre sua vida. “É estranho estar do outro lado”, comentou, acostumada a estar na posição de entrevistadora. Enquanto isso, sua gata, Lina, passeava pela casa, e no aparelho de som tocava um de seus muitos discos. A coleção não é sua: é uma lembrança de um tio muito próximo, considerado como um irmão (pela pouca diferença de idade), que morreu pela AIDS, em sua adolescência. “Foi meu primeiro contato com a morte. Ele passou dois anos morrendo”.

Quando Estela chegou, Jade perdeu o protagonismo em nossa conversa. Sua filha escolhia as cores mais bonitas para fazer um desenho para mim, fingia que eu era sua irmã (e Jade nossa mãe) e me deixava rabiscar suas folhas. Com um sorriso no rosto e voz suave, a publicitária respondia a todos os questionamentos da filha, ria de sua animação com a visita e contava, com a ajuda de Estela, histórias sobre seu crescimento.

Hoje, com 39 anos, entre Estela, a realização profissional – com um livro para ser publicado e outro em produção –, não vê lugar em sua vida para o Jornalismo. “Tive e tenho sonhos e vontades que não foram ou não serão necessariamente realizados. O mundo mudou muito desde que fiz faculdade. Abrir uma editora, viver escrevendo artigos, ter uma revista, não cabe mais nos dias de hoje”.



**JOSÉ HENRIQUE  
NUNES PIRES**

# DE SUPER 8 NA MÃO

Georgia Rovaris

Auditório lotado, projeção na parede branca, pessoas nos bastidores trabalhando para passar o filme em perfeitas condições: parecia um cinema comercial. Se atualmente na agenda de atividades de lazer da UFSC, os estudantes contam com o projeto Cine Paredão, para usufruir gratuitamente do cinema catarinense e estrangeiro, esse privilégio se deve, em grande parte, a José Henrique Nunes Pires e seus colegas do Jornalismo. Em 1985, os apaixonados pela arte deram início a essa atividade. As mostras de cinema aconteciam no auditório do Centro de Convivência, o mesmo que ainda existe e esteve fechado por muitos anos e começou a ser recuperado por iniciativa dos estudantes.

Em uma dessas mostras, Zeca Pires (como José Henrique Pires é conhecido) e seus companheiros tomaram uma decisão audaciosa e exibiram um filme que tinha sido proibido no Brasil e em vários outros países. *Je vous salue, Marie*, filme franco-suíço-britânico de 1985, alvo de grande polêmica. A mostra aconteceu na Igrejinha da UFSC e ficou lotada. As pessoas estavam curiosas para saber a razão pela qual o longa tinha sido proibido. Porém, o evento não ocorreu como esperado. A polícia apareceu e encerrou a sessão. Ao perguntar pelos responsáveis, para levá-lo à delegacia, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) assumiu a responsabilidade. Seus integrantes foram interrogados e indiciados pelo acontecido.

O cinema está presente na vida de Zeca desde quando cursava o ensino fundamental e, ainda que tenha direcionado seus estudos para outras áreas, a sétima arte pulsava forte mesmo antes de se descobrir produtor e apreciador de cinema. No ensino médio, por exemplo, essa paixão o levou a produzir filmes e documentários com sua Super 8 (câmera da Kodak), algo que se intensificou quando entrou para o Curso de Jornalismo na UFSC, no segundo semestre de 1983.

Zeca saiu do ensino médio cogitando fazer Engenharia Mecânica, pois seus amigos estavam interessados nesse curso. “Eu fui muito no embalo

dos amigos, e me dava muito bem com cálculo”. Ao cursar Engenharia Mecânica, sentiu que não era bem o que buscava. Estudou quase dois anos e desistiu. Percebeu que gostava mais da área das Humanas. Então, sabendo da sua facilidade com o português, pediu transferência para Letras Português, onde permaneceu por um semestre.

Finalmente decidiu-se pelo Jornalismo, pois, naquele tempo, os poucos cursos de Cinema no país estavam no Rio de Janeiro e em São Paulo. “Resolvi fazer Jornalismo porque achei que era um negócio mais próximo do Cinema, e realmente é próximo, tem algumas cineastas que são jornalistas”. Além de entrar para o Jornalismo, decidiu cursar Administração e Gerência de Empresas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Estudava o dia inteiro e ainda trabalhava à noite na Editora da UFSC, durante quase toda a sua graduação, entre 1983 e 1987.

Em uma das salas de redação do Curso de Jornalismo, da esquerda para a direita: André, Simone Garcia, Zeca, Nestor e Mita. | Foto: Acervo pessoal



Zeca deu sorte, pois a sua turma tinha grande afinidade com o Cinema. Fizeram vários projetos explorando a área. Um deles foi um trabalho final, entregue para duas matérias, feito pela turma inteira sobre a história do cinema de Santa Catarina. A pesquisa que teve como objetivo mostrar o trabalho que é feito no estado, citando quatro grandes cineastas que tinham o seu trabalho reconhecido para além das fronteiras catarinenses.



Um dos participantes do grupo trabalhava no jornal *Estado*, e publicou a pesquisa no jornal. A Embrafilme (produtora e distribuidora de filmes cinematográficos do Brasil) teve acesso ao material e entrou em contato para oferecer uma possível publicação. Na época, Zeca trabalhava na Editora da UFSC, junto com o escritor Salim Miguel, ganhador do Prêmio Machado de Assis, e comentou com ele sobre o interesse da Embrafilme. Salim sugeriu que fizessem uma coedição com a Editora UFSC. Assim publicou o livro *O cinema em Santa Catarina*.

Da esquerda para a direita: Mita, Tayana Cardoso, Sandra Mara de Araújo, Norberto Pepizzatti (com o filho no colo), Zeca e Bete Bieguin (participava da Cinemateca mas não era aluna do Curso de Jornalismo), no lançamento do livro *O Cinema em Santa Catarina*. | Foto: Acervo pessoal



Outro projeto que nasceu enquanto estudava no Curso foi a Cinemateca Catarinense, criada por Zeca, com ajuda do professor José Gatti e de outros alunos que se interessavam pela sétima arte. A Cinemateca reuniu várias pessoas de áreas diferentes com uma mesma paixão, buscando preservar e difundir a produção audiovisual da região. Atualmente, existem várias cinematecas no país, sendo obrigatórias, no entanto, nem todo governo de estado cumpre a normativa. “Ela foi responsável por muito da política cultural do cinema em Santa Catarina, muita coisa que tem até hoje aqui”. Atualmente a instituição é uma associação voltada para quem produz cinema sem o apoio de uma grande produtora.

No ano de 1986, enquanto cursava Jornalismo, Zeca teve a oportunidade de trabalhar com o cineasta Cacá Diegues. Trancou o curso por seis meses, embarcou para o Rio de Janeiro para trabalhar como assistente

de direção do filme *Um trem para as estrelas*. Ele conheceu Cacá em uma festa feita por integrantes da Cinemateca, após Diegues ter dado uma palestra no Curso de Jornalismo. Um amigo de Zeca os apresentou e pediu para que ele mostrasse a cidade para o cineasta. “O Cacá quando foi embora disse assim: ‘meu próximo filme eu vou te convidar’. Fiquei feliz, né? Depois de um tempo achei que ele tinha esquecido, aí eu recebi um telefonema dizendo ‘ó, Zeca, eu vou fazer um filme daqui a dois meses e se tu quiser, tu vem pra cá’, e fui”.

Mesmo depois de ter ido para o Rio de Janeiro, que na época estava efervescente de produções cinematográficas, decidiu que precisava voltar para Florianópolis e terminar o Curso. No segundo semestre de 1987, se formou como documentarista. Isso porque, na época, o Curso não oferecia o diploma apenas de Jornalismo, mas de algumas áreas da Comunicação Social. A grade curricular também era diferente, incluindo como matérias obrigatórias Filosofia, Sociologia, bem como estudos da área das Humanas em geral.

Depois de formado, nunca exerceu a profissão de jornalista, contudo, tem o hábito de acompanhar o mundo jornalístico. Lê jornais todos os dias para se manter informado. “Então, onde eu tô, eu acordo e quero ver o jornal. Quero ler o jornal da cidade onde eu estou. Hoje a internet facilita, né? Então eu leio o *Diário Catarinense*, o *Notícias do dia*, o *Globo* e a *Folha de S. Paulo* quando posso, às vezes o tempo não deixa, mas um pelo o menos eu tenho que ler”.

Como já produzia filmes e documentários antes e durante a graduação, e se formou como documentarista, Zeca continuou a produzir cada vez mais e, atualmente, é um dos grandes nomes do cinema catarinense. Produziu diversos curta-metragens e longa-metragens de ficção, além de documentários com o objetivo de retratar a cultura de Santa Catarina, especialmente dos habitantes de Florianópolis. Conta com mais de dez produções em sua carreira, entre individuais e coletivas. Alguns de seus trabalhos como diretor são *Anauê* (2017, documentário); *Manhã* (1990, curta-metragem, codirigido por Norberto Depizzolatti); *Salim na intimidade* (2012, documentário).



Zeca Pires gravando o documentário Anaué. | Foto: Divulgação

*Procuradas*, em parceria com o baiano José Frazão, foi o seu primeiro longa-metragem, sendo o segundo na história de Santa Catarina. Seu primeiro de autoria individual foi o longa *A antropóloga*, que conta a história de uma antropóloga açoriana que atravessa o Oceano Atlântico para desvendar os costumes e os mistérios da cultura da Ilha de Santa Catarina. O filme levou mais de três anos para ser gravado e editado, e foi lançado em abril de 2011.



Cartaz do filme *A antropóloga*, de Zeca Pires. | Foto: divulgação

Em 1996, Zeca voltou para a vida acadêmica e realizou o mestrado em História, aprofundando os seus estudos na área do cinema catarinense; sua dissertação foi publicada em livro, *Cinema e história: José Julianelli e Alfredo Baumgarten*, pioneiros do cinema catarinense (Edifurb, Blumenau, 2000). Iniciou o doutorado em Engenharia de Produção, em 2001, porém ainda não o finalizou. Trabalha no Departamento Artístico Cultural (DAC) desde 1986, e possui algumas produções sendo desenvolvidos no Departamento como, por exemplo, um projeto que está realizando com sua amiga de mais de 30 anos, Carmen Fossari, sobre mulheres na arte de Santa Catarina. O projeto tem mais de dez anos, mas estão retomando-o neste ano.

Aos 58 anos, Zeca acredita que vai se aposentar no fim de 2019, para poder produzir seu próximo filme. “Sinceramente, eu me acho um privilegiado por ter estudado numa universidade pública, como a UFSC, com excelentes professores, alunos interessantes e interessados. Mas, agora quero me dedicar exclusivamente a minha vida particular e, profissionalmente, ao cinema”. Ele enfatiza a sorte que teve em estudar na UFSC. “Vou continuar reconhecendo a importância que essa instituição tem e teve na minha vida. Se puder ainda dar uma contrapartida à UFSC e à cidade, com meus filmes e trabalho, eu farei”.



Zeca Pires exercendo seu trabalho atualmente, em Florianópolis. |Foto: Cris Melo



**KÍRIA MEURER**

# "ATÉ ONDE MEU TALENTO ME LEVAR"

Renan Schwingel

O ano era 1991. Correndo para não perder o ônibus, estava uma adolescente com o filho em um braço e sacolas no outro. Seu destino? O Curso de Jornalismo da UFSC. Tratava-se de Kíria Meurer que, anos mais tarde, viria a ser repórter do núcleo da *Rede Globo* na *NSC TV*.

Alguns meses antes, a jovem não imaginava que sua vida passaria por mudanças tão grandes. Natural de Lages, na Serra Catarinense, Kíria é a segunda filha da dona de casa Ilza Maria Meurer de Matos e do caminhoneiro José Muniz de Matos. Sua irmã mais velha, Andréia, foi a primeira pessoa a receber as notícias que alteraram os rumos de seu destino, e ainda se recorda do telefonema recebido. "Ela disse: passei para faculdade de Jornalismo e estou grávida", relembra a irmã.

Na época, Andréia morava na residência da madrinha de Kíria, Lenice, em Florianópolis. Sem que os pais soubessem da gravidez, ela mudou-se para a capital aos 17 anos e viveu com as duas por alguns meses, dividindo seu tempo entre os estudos e o trabalho como secretária e babá dos filhos de uma fiscal da prefeitura, fonte de renda durante sua estadia na casa da madrinha. Como havia prometido a Lenice que ficaria ali por pouco tempo, buscou a assistência social para solicitar moradia na então Casa da Estudante Universitária. "Cheguei com a cara e a coragem [e disse]: eu preciso de uma vaga".

Naquele momento, o "sim" foi essencial para que pudesse dar continuidade aos estudos. A Casa localizava-se na Avenida Beira-Mar Norte, de onde fazia o trajeto de ônibus até a UFSC. Como a barriga de Kíria demorou a aparecer, ela lembra que muitos ficaram surpresos ao perceber a gestação. "Mas assim, de repente?", questionou um professor.

O bebê carregado no ventre era fruto do namoro com seu professor de teatro, que havia conhecido em Lages. "Ele não queria, a princípio, que eu viesse, mas meu sonho era fazer Jornalismo". A mãe de Kíria soube da gra-

videz meses depois de sua mudança para Florianópolis. Seu pai não reagiu bem à notícia, e deixou de falar com a jovem por algum tempo. No entanto, a jornalista não guarda mágoas da decisão. “Meu pai foi um homem muito forte, que teve muita coragem”. O namorado chegou à Florianópolis quando ela estava prestes a dar à luz. Os últimos momentos da gravidez permanecem em sua memória. Ela quase chegou à maternidade de ônibus. “No meio do caminho, minha bolsa estourou”. Quando desceu do ônibus, seu namorado pediu que uma pessoa na rua a levasse ao hospital. “Eu nunca mais vi essa pessoa”.

Um mês antes do nascimento de Andrei, Kíria havia deixado a Casa da Estudante Universitária para morar com o namorado no bairro Jardim Atlântico. Após uma greve ocorrida durante o semestre, a volta às aulas revelou a empatia dos professores pela mãe que precisava estar perto do recém-nascido. Isso fez com que muitas pessoas o ninassem na ausência da jovem. Uma delas foi a professora Valci Zuculoto, que ministrou aulas para a turma de Kíria. “Ela estava sempre na rádio, então, ‘adotamos’ o Andrei”, ressalta a professora.



Andrei e Kíria, em sala do Departamento de Jornalismo da UFSC, no ano de 1991. |Foto: Acervo pessoal

A radionovela “Luna Caliente, três noites de paixão” marcou uma das primeiras participações de Kíria em produções do Curso. No folhetim, ela interpretou a personagem Aracéli.

#### Capítulo I – Casa de Bráulio Tennembaum – Noite

BRÁULIO: Aracéli, nosso convidado está com o copo vazio.

ARACÉLI: É mesmo, papai. Deixa eu colocar mais vinho, Ramiro?

RAMIRO: Sim, por favor. Este vinho está delicioso

Ouçã um trecho de “Luna Caliente, três noites de paixão”



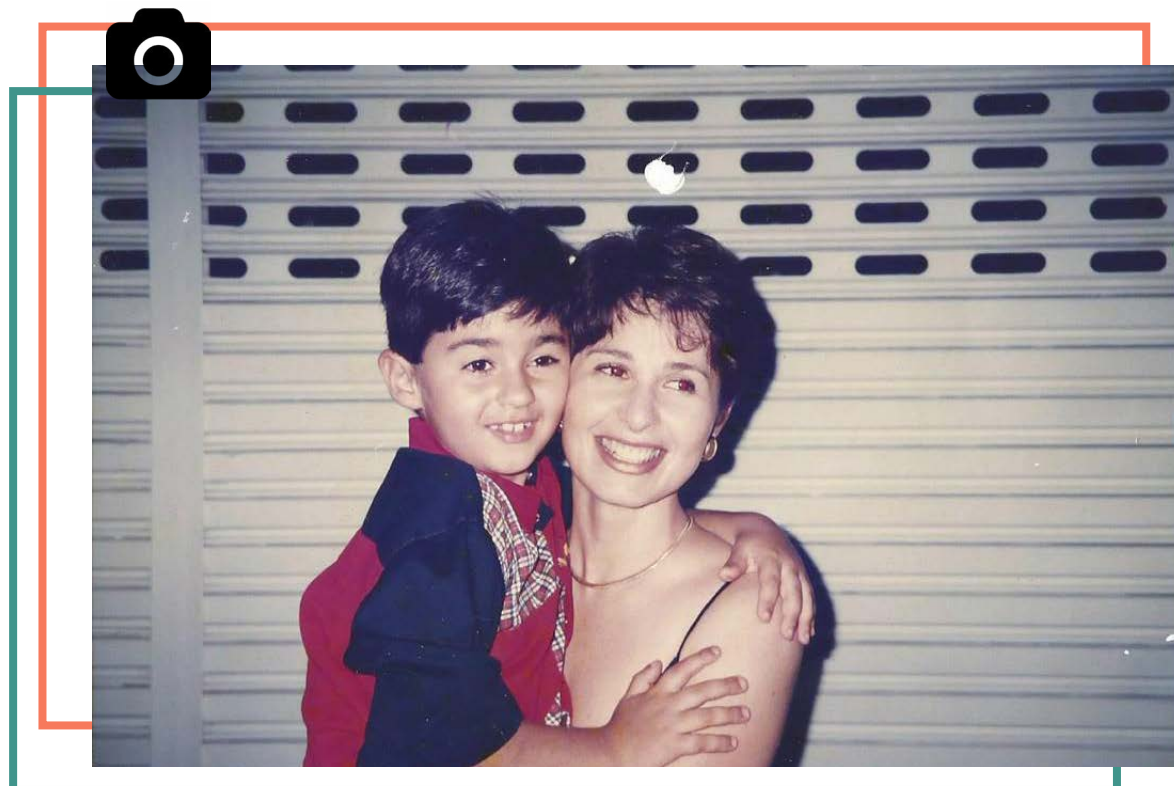
A repórter afirma ter visto na radionovela uma chance de fortalecer a busca pela espontaneidade. “Tive a oportunidade de desenvolver este aspecto”. Ela destaca que, durante a transmissão, entrou em contato com alunos de outras fases do Curso. “Isso proporcionava um entrosamento muito grande”.

Kíria levou o filho para as aulas de Jornalismo até ele atingir a idade mínima para entrar no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC (NDI). Quando conseguiu a matrícula, começou a ir até lá para amamentá-lo no intervalo das aulas. O apoio de quem convivia com ela foi fundamental durante sua graduação. Emocionada, conta que, quando Andrei perdeu a vaga no Núcleo, os colegas fizeram uma campanha chamada “Ajude uma criança a chegar na universidade”, que resultou na arrecadação de fundos para pagar uma creche particular para o menino.

Visando manter-se em Florianópolis, a rotina de Kíria chegou a incluir três empregos simultâneos, além das aulas de Jornalismo, obrigando-a a dormir por apenas quatro horas todas as noites. Suas memórias da época, porém, são as melhores. “Eu estava fazendo o que queria”.



Em 1994, Kíria separou-se do namorado, mas estar no ambiente universitário trouxe o acolhimento necessário para ela e Andrei. No final daquele ano, foi contratada como repórter pela *TV Barriga Verde*, primeira emissora onde desempenhou a função. Até então, informar em frente às câmeras não estava em seus planos, pois imaginava trabalhar em veículos impressos quando chegasse ao mercado de trabalho.



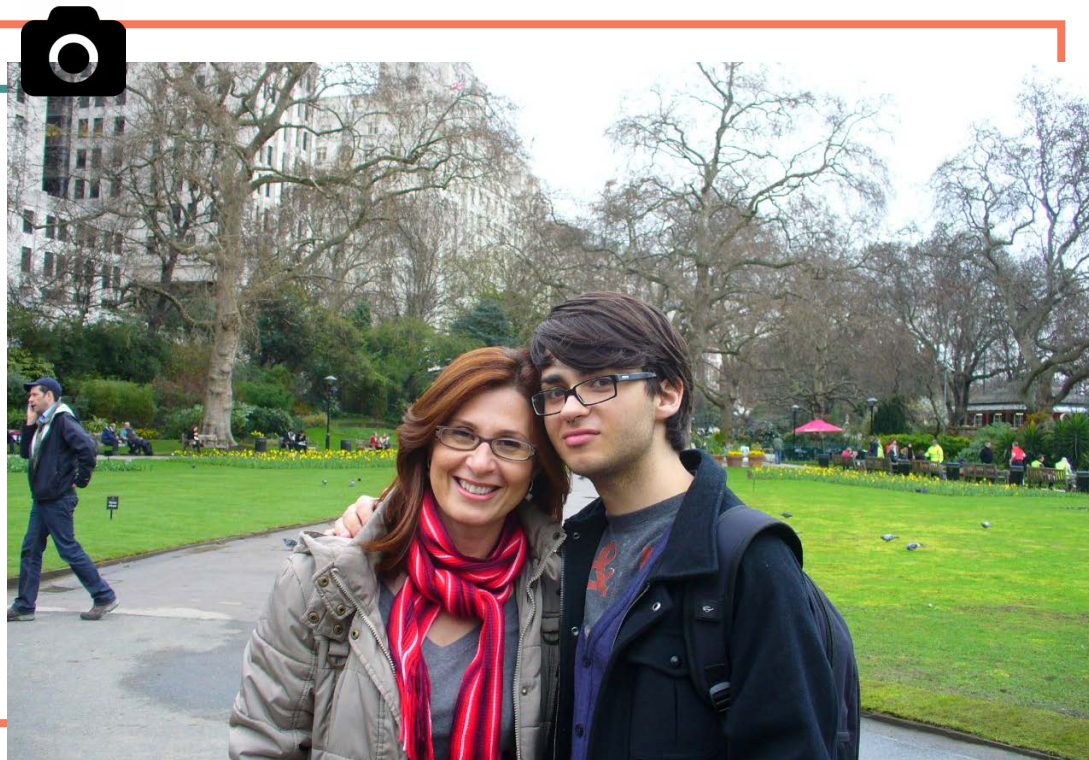
Kíria e Andrei, na época com seis anos. | Foto: Acervo pessoal

Após ter uma entrada ao vivo assistida por gerentes na antiga *RBS TV*, Kíria foi chamada para um teste de repórter, mas não queria se demitir da emissora onde atuava sem que o novo emprego fosse uma certeza. Por isso, pediu que conseguisse a vaga sem precisar passar pelo teste. “Eu não podia ficar desempregada”. O contrato com a afiliada da *Rede Globo* foi assinado em 1º de julho de 1995, data que ficaria registrada como início de uma duradoura trajetória profissional.

Devido ao dia a dia de reportagens, a gravação do Trabalho de Conclusão de Curso precisou ser postergada, mesmo com todas as disciplinas do curso concluídas. Depois de trancar a graduação por certo período, Kíria encontrou no sul da Ilha de Santa Catarina a pauta que encerraria seu ciclo na UFSC. “Tronco das águas” foi o título do documentário em vídeo orientado pela professora Aglair Bernardo, que recebeu nota máxima da

banca avaliadora ao abordar a construção artesanal de canoas por moradores da região.

Mãe e filho mantiveram-se inseparáveis no dia da formatura, quando, de mãos dadas com Andrei, a jovem que chegou a Florianópolis sozinha foi aplaudida pelos familiares. “Foi uma grande vitória”. O olhar carregado de gratidão pelo apoio recebido deixa clara a importância do auxílio da instituição em situações como as vividas por Kíria.



Andrei e Kíria, em viagem de 2009. Foto: Acervo pessoal

Andrei, que hoje cursa Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é motivo de muito orgulho para a mãe. “Ele é o que eu tenho de mais importante na vida”. Em 2015, a jornalista venceu o prêmio de Melhor Repórter do Sul do Brasil. Aos 46 anos, ela considera que seu jeito de contar histórias tem a ver com a própria experiência. “Quando eu comecei a fazer Jornalismo, alguém me perguntou ‘até onde você quer chegar?’, e a resposta continua a mesma: até onde meu talento me levar”.



# LARYSSA, LUNA E NAYARA D'ALAMA

# UM CURSO FAMILIAR

Amanda Regina Rosa

No dia 6 de julho de 2008, em uma das salas do Departamento de Jornalismo da UFSC, as gêmeas Laryssa e Nayara assistiam à banca de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de Luna D'alama, irmã delas por parte de pai. Quatro anos depois, elas estariam ali, apresentando o seu próprio TCC.



Da esquerda para a direita, as irmãs Nayara, Luna e Laryssa D'alama, na época da faculdade. A diferença de idade entre as irmãs é de dois anos e meio. | Foto: Acervo pessoal

A escolha da instituição pode parecer uma simples comodidade, afinal, essa era a universidade pública mais próxima das irmãs, que nasceram e cresceram em Joinville, Santa Catarina. No entanto, uma série de fatores levaram a mais velha até lá. Com 17 anos, Luna prestou vestibular para várias instituições e cursos, desde Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) até Engenharia Aeronáutica no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). “Mas na UFSC eu passei no Curso que queria, poderia viver em Florianópolis, uma cidade que sempre gostei, e morar com uma amiga que também estudaria lá. Muitas coisas confluíram e eu fui”.

De praxe, escolheu o Curso porque gostava de ler e de escrever, além de se sentir segura nas aulas de Redação. O pai, seu Waldemar, já sabia que esse era o caminho da mais velha. “Ela sempre escreveu muito bem, eu ficava impressionado. Sempre falava que ela tinha tudo para ser uma jornalista”. Na época, Luna já trabalhava em uma agência de Comunicação, fazendo revisão de textos. Continuou no emprego durante praticamente toda a faculdade, o que a ajudou a se manter em Florianópolis. “Eu ganhava uns 600 reais, o que dava de pagar o aluguel e algumas despesas. Era puxado, o Curso é integral e muitas vezes eu trabalhava de madrugada, mas não me arrependo”.



Luna e sua turma no primeiro dia de aula, no segundo semestre de 2003, no Laboratório de Rádio. | Foto: Acervo pessoal


As gêmeas escolheram a UFSC por dois motivos: a avaliação da universidade, que possuía (e ainda possui) um dos melhores Cursos de Jornalismo do país, e a vivência da própria irmã, que endossou a escolha. “Acho que, mesmo sem querer, eu as incentivei. Lembro que levei meu primeiro trabalho de Rádio, o Tematiquinho, e elas ficaram superempolgadas”, conta Luna. Enquanto fazia o Curso, visitava as irmãs em alguns finais de semana. “Eu não conseguia ir em todos, até porque precisava desse tempo para cuidar da casa, o que não conseguia fazer durante a rotina apertada da semana. Mas a gente sempre manteve contato. Quando éramos crianças nem tanto, mas na pré-adolescência passei a ir muito na casa delas e criamos um laço”.

Nayara, Gabriella (irmã de Luna por parte de mãe), Luna, Laryssa e o pai, na formatura de Luna, em setembro de 2008. | Foto: Acervo pessoal



Nayara e Laryssa reconhecem que a presença da irmã as influenciou, mas acreditam que suas próprias personalidades as auxiliaram na escolha do Curso. “Eu sempre tive uma paixão muito grande por viagens, e o Jornalismo para mim era uma opção pensando na vida de correspondente internacional, de falar sobre outras culturas”, explica Nayara. Já Laryssa tinha gosto pela Comunicação. “Eu me via falando com pessoas, conhecendo histórias e curiosidades. Sempre gostei de conhecer outras realidades”. Para seu Waldemar, no entanto, a escolha das gêmeas foi uma surpresa. “Eu, que sou engenheiro civil, sempre puxava para o meu lado, perguntava se elas queriam ser engenheiras, arquitetas, algo assim, mas nenhuma se interessou por esse ramo. Não consegui influenciá-las”, comenta, rindo.

Quando prestaram vestibular, no fim de 2006, Laryssa passou para o segundo semestre, mas Nayara não conseguiu a vaga, entrando no ano seguinte. O que a princípio pareceu triste, mostrou-se uma oportunidade de desenvolvimento. “A gente não fez matérias juntas, o que foi uma escolha consciente. Queríamos ter experiências diferentes, porque até então estudávamos na mesma sala no colégio. A faculdade contribuiu para construção de cada identidade”, explica Nayara, que recebia, a cada semestre, os materiais da irmã que tinha acabado de fazer as disciplinas – seguindo a tradição do Jornalismo da UFSC, chamada de apadrinhamento. “Nesse ponto ela se deu super bem!”, frisa Laryssa.



Seguir o mesmo curso foi natural para as irmãs, mas nem sempre para os professores. A cada semestre, quando Nayara entrava em sala, ouvia de alguns: “ué, Laryssa, o que você está fazendo aqui de novo?”. Mas um dos dias mais engraçados para as gêmeas foi quando o professor Elias Machado as viu juntas pelos corredores do Departamento. “Ele teve um treco! Levou um susto, teve que sentar. Ele disse ‘eu vi você e então eu vi você de novo’. Ficou bem perdido!”, contam, aos risos.

Apesar de cursar em turmas diferentes, as irmãs compartilharam algumas experiências. Além de um intercâmbio no Chile, participaram do projeto de extensão Cotidiano. “Ficamos três semestres. Eu acho que nem podia ficar mais que dois, mas nós tínhamos uma proximidade muito grande com a professora Zeca [Maria José Baldessar]. Ela tem uma irmã gêmea, acho que isso gerou uma conexão com a gente também”, comenta Nayara, que acredita que ali foi o início do seu gosto pelo ramo digital.

As gêmeas lembram igualmente dos professores Barreto e Scotto, famosos pela rigidez no ambiente acadêmico. “Eles foram marcantes porque nos mostraram a realidade e nos prepararam para a vida. Se a pessoa não consegue ‘levar uma mijada’ em um ambiente controlado, o que vai fazer em uma redação?”, comentam. Apesar da época diferente, Luna também relembra dos mesmos professores. “O Scotto dava um choque de realidade em todo mundo já no primeiro semestre. O Barreto era uma pessoa bem controversa, mas me dava bem com ele, foi até meu orientador do TCC”.

Ainda que as gêmeas tenham entrado no Curso antes de Luna se formar, as três irmãs não tiveram oportunidade de se cruzar pelos corredores. A mais velha, que chegou a fazer nove disciplinas em alguns semestres, terminou quase toda a grade curricular já no sétimo período. “Eu era muito CDF. Dá para contar nos dedos quantas vezes fui para a praia! Só estudava”, relembra. Foi nos últimos semestres do Curso que surgiu uma oportunidade de estágio na *Rede Globo*, em São Paulo. Faltava concluir apenas uma disciplina, que fez a distância, e o TCC. Luna foi, mas não sem passar por um “perrengue”. Ela reprovou duas vezes no projeto de TCC antes de o professor aceitar que ela viesse somente em algumas aulas, fazendo mais trabalhos que os demais alunos. “Tinha que pegar o avião para vir aqui só

por causa de uma aula”, comenta. Já o desenvolvimento do TCC ocorreu sem muitos problemas, afinal, era um livro-reportagem sobre o programa televisivo *Bom Dia Brasil* – e nada melhor que a proximidade com a *Rede Globo* para realizar o trabalho.

Luna e sua turma de estágio junto com Caco Barcellos, na *Globo*. Na época, ela realizou diversas funções em programas diferentes, desde *Globo Rural* até *Fantástico*. | Foto: Acervo pessoal



Depois que se formaram, as irmãs trilharam caminhos bem diferentes. “É algo do Jornalismo, né? É uma formação ampla, que te abre um monte de frentes”, enfatiza Luna, que não voltou de São Paulo. Depois da *Rede Globo*, fez estágio no *SBT* e passou por empresas como *Uol* e o jornal *O Estado de S. Paulo*, lidando principalmente com jornalismo *online*. Além de completar a grade curricular obrigatória do curso de Letras na Universidade de São Paulo (*USP*), ainda trabalhou na *Avianca*, no Conselho de Biotecnologia e na comunicação corporativa da *Pernambucanas*, onde está até hoje, com 34 anos – atualmente, afastada por licença maternidade. Nicolas nasceu em junho, em Joinville, onde Luna está passando o período com apoio da família e do marido, Alexandre, que conheceu enquanto trabalhava na *Globo*.



As gêmeas, no dia da sua formatura, em 2012, acompanhadas da mãe, Sandra, e da irmã por parte de mãe, Rejane. Laryssa optou por atrasar o curso em um semestre para fazer o TCC junto com Nayara. | Foto: Acervo pessoal



Já as gêmeas foram efetivadas nas ONGs parceiras em que estavam estagiando quando se formaram, em 2012 – Laryssa com mídias sociais e Nayara com produção de conteúdo. Elas, que sempre gostaram da área digital, se encontraram no ramo da tecnologia. Cerca de um ano depois, em 2013, participaram do processo seletivo para trabalhar na empresa Resultados Digitais, que estava começando a crescer na época. Apesar de só haver uma vaga, as duas foram contratadas. “A gente brinca que eles chamaram as duas porque não sabiam quem era quem”, ri Nayara. Com 31 anos, elas continuam na empresa até hoje – e permanecem, sem perceber, próximas das áreas que sempre quiseram seguir. Nayara, que se via enquanto correspondente internacional, atua agora com a expansão internacional da empresa. Já Laryssa passou pela gestão de pessoas e hoje trabalha na gerência de atendimento. “A questão de comunicação, de trabalhar com pessoas e histórias continua, só num formato diferente”.

Os caminhos foram distintos, mas uma coisa é certa: o Jornalismo as ajudou a chegar lá. “Durante muitos anos, eu me questionei se tinha feito a escolha certa, mas hoje eu vejo que sim. O Jornalismo pode estar em muitos lugares: marketing, mundo corporativo, assessoria de imprensa, redes sociais. Não é só redação”, comenta Luna. “Da minha turma para trás, existia muito um olhar de entrar no Jornalismo e ser jornalista. Depois foram

percebendo as possibilidades, e acho importante ter esse leque, testar coisas diferentes”, enfatiza Laryssa. “Foi uma formação super-relevante para o que eu faço hoje”.



Laryssa (esquerda) e Nayara (direita) em evento da empresa Resultados Digitais, em 2017. | Foto: Acervo pessoal



# LESLIE SEDREZ CHAVES

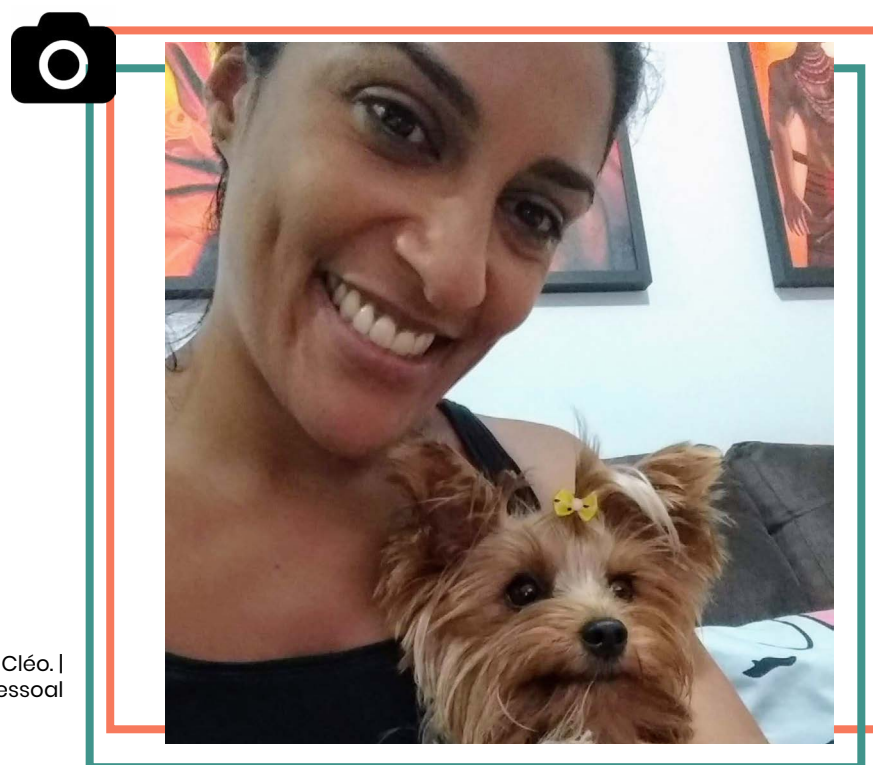
# REPRESENTATIVIDADE IMPORTA

*Rosângela de Matos*


Ela tem aquele olhar de quem é apaixonada, que coloca boas doses de amor e dedicação em tudo que faz, que encara os desafios de frente, com otimismo. Leslie Sedrez Chaves se sente em casa quando está em sala de aula ou na rádio, no Curso de Jornalismo da UFSC. Arranca sorrisos dos seus alunos com seu jeito divertido. “Ela fala umas coisas, ela tem umas frases de efeito e um jeito de ser muito engraçado”, reconhece o amigo e também professor Ildo Francisco Golfetto.

Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, em Porto Alegre, a gaúcha de Pelotas mora em Florianópolis desde 2017, quando foi nomeada professora no Curso de Jornalismo.

Professora de Áudio e Radiojornalismo e Chefe do Departamento de Jornalismo desde 21 de maio de 2019, Leslie divide sua vida corrida com sua parceira de quatro patas, Cléo, uma yorkshire de dois anos.



Leslie e a yorkshire Cléo. |  
Foto: Acervo pessoal



Essa correria em sua vida, no entanto, não é novidade. Desde criança teve uma vida que define como “nômade”. Por conta do trabalho de seu pai, José Adair Chaves, em uma multinacional, estava sempre na estrada. Morou no Pará, na Bahia, em Minas Gerais e em São Paulo, entre outros estados. “Eu me acostumava rápido ao local, mas a gente sofria com a distância da família”. Essa foi sua rotina até os nove anos de idade.

A sua permanência em Florianópolis não foi só uma escolha, Leslie já estava disposta a ser professora, fosse no Norte, ou no Nordeste, na verdade onde houvesse oportunidade na docência. A cidade ela já conhecia, pois tinha familiares morando na Ilha, e a oportunidade surgiu. “Abriu vaga aqui, então uni o útil ao agradável”, explica.

Conquistou rapidamente seus colegas e alunos na primeira instituição federal de ensino superior em que passou a trabalhar. Um deles é o professor Ildo Golfetto: “a gente se conheceu na primeira reunião do Departamento, em 2017, e olhei para cara dela, sabe quando tu simpatizas com a pessoa?! O santo bateu!”. Se para Leslie sua vinda para a UFSC foi uma oportunidade no momento certo, para Ildo, que além de amigo, também divide com a professora o desafio da subchefia do Departamento, foi mais do que isso. “A vinda dela é uma benção para mim, para a UFSC”. É reconhecido entre os colegas o seu esforço e dedicação ao Departamento.

Leslie abraçou o desafio de assumir a chefia mesmo sendo um ambiente novo e ter acontecido em pouco tempo. “Tento conciliar os desejos e as necessidades das pessoas. Acho que gestão é meio isso”. Reconhece que está aprendendo, pesquisa, se informa e conta com a ajuda de todos seus colegas para realizar um bom trabalho.

A menina que vivia um pouco em cada canto do Brasil, sonhava ser jornalista para salvar o mundo. “Era a ideia que eu tinha, de causar alguma mudança social. Nunca tive dúvida na hora do vestibular, nunca pensei em fazer outra coisa na vida”. Como ela mesma diz, tinha “complexo de Superman”.

Leslie (no centro)  
com seus colegas  
professores Ildo e  
Fernanda, na Festa  
Junina organizada por  
alunos do Jornalismo  
para angariar fundos  
para a Semana  
Acadêmica do Curso,  
em junho de 2019. |Foto:  
Acervo pessoal



Sua chegada à UFSC marcou uma mudança importante, no que diz respeito à representatividade. Foi a primeira professora negra a integrar o corpo docente do Curso em seus 40 anos de existência, já que até 2017 não havia professores negros no Departamento. “Existem lugares sociais em que você não é propriamente proibido de estar, ninguém te exclui; as desigualdades sociais é que fazem com que haja também desigualdades no acesso às oportunidades, o que dificulta a inclusão”.

Para ela, a representatividade em sala de aula, no Curso, ou até em outras áreas da universidade, é de extrema relevância. Foi exatamente isso que a estudante Mariany Bittencourt sentiu no primeiro dia de aula da disciplina Redação IV, com a professora. “Nunca vou esquecer da alegria. Me senti abraçada, sabe?”. Para Mariany, mesmo sem ter expressado isso em palavras, a presença de Leslie em sala de aula significou que o ambiente da universidade está ali para todos. Inclusive para os negros.

Leslie na confraternização do final de semestre, com seus alunos da disciplina Laboratório de Áudio e Radiojornalismo 2019.1 | Foto: Rosângela Matos



Ninguém deveria ter a capacidade julgada pela cor da pele. “Mas, as oportunidades não são iguais para todos”, sentencia Leslie, que sentiu essa diferença já na infância. Com cinco anos de idade, mal começando a descobrir o mundo, foi a única criança negra na escola em que estudou. Leslie contou que as outras crianças não queriam brincar com ela, porque iriam se “sujar”, caso a tocassem.

Foi uma experiência traumática, ela não compreendia aquela situação. “Eu queria ser invisível”, recorda. Começou a ficar desanimada e não queria mais comparecer à escola. Seus pais, com muita insistência e conversa, descobriram o que Leslie estava passando e o motivo de seu desânimo.

Em 1986, Leslie, com quatro anos, participou de uma festa junina em São Miguel do Guamá (Pará), onde morava com a família. | Foto: Acervo pessoal



“Lembro de ter dito para o meu pai que queria voltar para a Bahia, porque lá todo mundo é igual, pois eu nunca havia sido discriminada lá”. Filha de pai negro e mãe branca, lembra que ouviu de sua mãe, Ineida Chaves, que as pessoas lhe perguntavam se a filha era adotada. Leslie acredita que ninguém nasce preconceituoso. A família, a sociedade, o meio de convívio de cada um ensinam a menosprezar as pessoas pela cor de sua pele. “A criança não nasce racista”, explica a professora.

Durante a faculdade não foi diferente para Leslie, pois novamente era a única negra. A falta de oportunidade e as desigualdades econômicas e raciais eram e ainda são dificultadoras do acesso ao âmbito acadêmico. “Na formatura eu era a única negra, sendo que havia 50 formandos”.



Leslie e seus pais José Adair e Ineida no dia de sua formatura na UNIJUÍ. | Foto: Acervo pessoal

Leslie conseguiu se sobrepôr a essas barreiras e chegar onde está, graças a sua coragem e perseverança. Hoje ela é motivo de orgulho e inspiração para toda sua família e amigos, principalmente para sua prima Ingrid Tossedo. “A Leslie sempre foi minha inspiração, sendo a mulher negra mais próxima de mim e fugindo dos estereótipos que nos foi colocado, até me emociona”. Ingrid vê a prima como uma pessoa determinada e batalhadora, “ela merece muito o lugar que está hoje”.



Leslie e a prima Ingrid,  
na festa do primeiro  
aniversário de seu afilhado  
Benício. | Foto: Acervo  
pessoal



Tudo o que vivenciou na infância e na adolescência a levou a fazer seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o jornalista Heraldo Pereira (jornalista negro que atualmente trabalha na *Rede Globo*) e a realizar pesquisas na área dos Estudos Culturais. Atua principalmente nos seguintes temas: estudos de recepção latino-americanos; identidade étnica e mídia; movimentos sociais em rede; movimentos sociais negros; cidadania e usos da internet.

Representatividade é a palavra no atual momento da vida de Leslie. Esse ano, ela assumiu juntamente com a professora Fernanda Nascimento a coordenação do projeto de extensão *Donas do Placar*. Uma equipe feminina de jornalismo esportivo que inicialmente tinha o objetivo de cobrir a Copa do Mundo de Futebol Feminino, mas o projeto ganhou tanta força que a intenção agora é cobrir outros eventos, como as Olimpíadas e não somente esportes femininos.

Resistência é a palavra que define Leslie, que acredita sempre que o dia de amanhã pode ser melhor. Ou, como ela mesmo diz, parafraseando um trecho da música *Nada será como antes*, de Milton Nascimento: vamos “resistindo na boca da noite um gosto de sol”.



**LUÍZA FREGAPANI**

# A PRINCESA DE ALL STARE FARDA

*Luana Moreno*

Nas operações do Corpo de Bombeiros sua vontade de ajudar pessoas se tornou mais palpável. Subir no caminhão vestida com farda fez mais sentido do que noticiar o ocorrido. A oficial do Corpo de Bombeiros de Santa Catarina, Luiza Fregapani, é hoje responsável por quatro setores do quartel de Curitibanos, onde está lotada: Pessoal, Financeiro, Ajudante do Comandante, e Relações Públicas. A ideia de se tornar bombeira militar foi amadurecendo ao longo das faculdades que cursou: Jornalismo, pela UFSC, concluído em 2011; e Administração, pelo CESUSC, um ano depois.

A decisão de seguir a profissão foi tomada em 2013. Curioso é que até então suas únicas imagens femininas na corporação eram de mulheres fisicamente superfortes, muito diferentes da versão que tinha de si mesma. Para passar no concurso, que abriu no final de maio daquele ano, precisou se preparar fisicamente e estudar os conteúdos da prova teórica. Fez cursinho de Raciocínio Lógico e Matemática que, para ela, eram as matérias mais difíceis. Ao mesmo tempo trabalhava como jornalista no caderno especial de verão do portal *G1 Santa Catarina*.

Apesar de estar lotada na parte administrativa do batalhão, Luiza sabe atuar em uma ocorrência. Em 6 de fevereiro de 2018, o Hotel Renar, da cidade de Fraiburgo, Oeste catarinense, pegou fogo. Estavam no local 17 hóspedes mais os funcionários. Nas seis horas contínuas de fogo, apenas duas pessoas saíram feridas. Os bombeiros foram acionados às pressas e a equipe da cidade recebeu reforços de Curitibanos, base na qual trabalha Luiza. Ela não entrou no prédio, sua função foi garantir que toda a equipe estivesse em segurança, além de atender à imprensa e afastar os curiosos.

Luiza como mestre de cerimônias na formatura de bombeiros comunitários, em Lebon Régis vestida com a farda do bombeiro. | Foto: Acervo pessoal

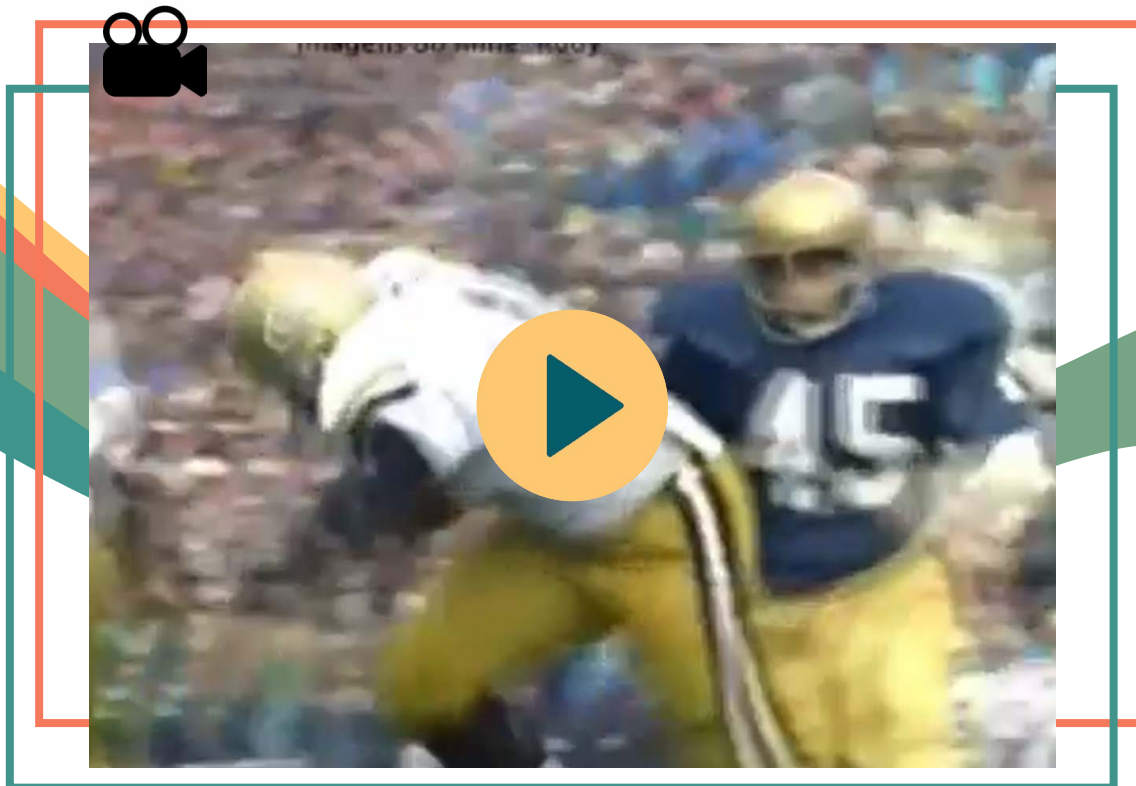


Uma máxima do bombeiro é: “se está folgado para um é porque alguém ficou sobrecarregado”, portanto, para evitar que isso aconteça, o trabalho em equipe é essencial - e é também um valor que Luiza carrega desde a graduação. O cargo dela exige, ainda, saber ouvir as pessoas. Sensibilidade adquirida no Jornalismo, já o senso de liderança e o trabalho conjunto são herança do Movimento Empresa Júnior (MEJ), do qual participou por longo período.

A organização foi outra habilidade adquirida durante a graduação, entre 2008 e 2010, quando conciliou os cursos de Jornalismo e Administração. Porém, admite, o Jornalismo tinha a maior parte da sua dedicação. “Eu era muito CDF. Tem coisa para entregar daqui a um mês, vou começar agora”. As disciplinas favoritas da então aspirante a jornalista eram as de Televisão e Rádio. Para ela, um grande orgulho é o material produzido na disciplina Grande Reportagem em Vídeo em 2011, que foi veiculada pela TV UFSC. O vídeo falava do time de futebol americano florianopolitano chamado Istepô [que no jargão manezinho significa a pessoa que incomoda] e foi elaborada na primeira disciplina ofertada pelo professor Antonio Brasil, que acabava de ingressar no Departamento. A matéria foi feita junto com outras seis, todas optativas, bem como o Trabalho de Conclusão de

Curso, TCC. “Eu cheguei na última fase sem ter nenhuma optativa, tive que fazer todas”.

Assista ao vídeo *Dando Uma de Istepô* (2011), produzido por Thomé Granemann e Luíza Fregapani.



Por gostar de escrever e ser curiosa, fazer Jornalismo parecia o caminho natural. Mas, como também fazia Administração, tinha dúvidas de qual área seguir. “A minha pretensão era ir para o Marketing ou área de Comunicação Institucional, onde conseguiria juntar as duas coisas [Jornalismo e Marketing]”. Após se formar trabalhou com assessoria de imprensa, depois em uma *startup* com redes sociais, mas não era bem esse o caminho que a faria feliz.

Um dia, ainda na graduação, viu no mural do Departamento de Jornalismo um panfleto indicando a vaga de assessora de imprensa na Federação de Empresas Juniores de Santa Catarina (Fejesc), ficou interessada por ser do MEJ. Aline Fregapani, irmã de Luiza, havia trabalhado em uma Empresa Júnior (EJ) alguns anos antes e sempre contava sobre suas boas experiências. Por muito tempo aquele cartaz esteve ali, provavelmente por não ser uma vaga remunerada e até mesmo pela falta da disciplina de as-

essoria no currículo do Curso, naquele momento. Segundo Luiza, o trabalho de assessor era muito estigmatizado e os alunos do Jornalismo tinham a visão idealizada de ser repórter.

No MEJ trilhou uma trajetória inversa à da maioria dos participantes. Primeiro trabalhou na Federação Catarinense de Empresas Juniores (Fejesc), órgão acima das Empresas Juniores (EJs). Logo seguiu na Confederação Nacional, a Brasil Júnior (BJ) e, então, teve a experiência de trabalhar em uma EJ, a *Comunica!*, da qual foi fundadora e presidente.

No início de seu trabalho na Federação, a pesquisa pelo nome Fejesc no *Google* apontava “você quis dizer Fejesp, Federação de São Paulo”, mas com o tempo, graças ao trabalho de Luiza a federação foi conquistando espaço no meio digital. Ela mandava releases, ajudava na divulgação de eventos e fazia coberturas. A partir daí, já era possível encontrar a Federação de Santa Catarina em buscas no navegador. O passo seguinte foi mais ousado: a equipe de Imprensa da Brasil Júnior em Brasília. Ainda cursando Jornalismo e morando em Florianópolis, trabalhava online e participava das reuniões semanais pelo *Skype*.

Quando ingressou no Jornalismo, a *Comunica!*, a empresa júnior do Curso, hoje completando nove anos no mercado, não existia. Luiza, Mariana Porto, Laís Mezzari, Diego de Souza e Túlio Kruse formaram a primeira equipe. O apoio dos professores na fundação foi essencial, e quem fez o meio de campo foi a professora do Jornalismo, Tattiana Teixeira. Ela convidava o time para apresentar o projeto nas reuniões de professores.

Além do apoio institucional, para que a *Comunica!* pudesse tornar-se uma EJ federada era preciso uma sede. O espaço físico foi conquistado graças à professora Tattiana, que cedeu parte da sua sala para a empresa. A sede que era apenas uma “salinha”, precisava ter um ar de Empresa Júnior. Para tal, o grupo ganhou um arquivo, uma mesa e uma cadeira e pintou a parede. Um dia, saindo da aula, Luiza e Túlio foram até uma loja de tintas na Lauro Linhares, com o cartão de visita da *Comunica!* em mãos. Escolheram a cor que se aproximava mais do logotipo da empresa. Todo o trabalho foi feito por eles, “pingou todo o meu *All Star* na época”, conta

Luiza. “Eu tenho até hoje o tênis sujo com a tinta que pintamos essa parede, era verde amizade o nome dela”.

O maior desafio enfrentado durante a fundação foi o preconceito dos ex-alunos. Muitas pessoas criticavam e diziam que a *Comunica!* competiria de forma injusta com as empresas que já estavam no mercado. “Depois o pessoal viu que na verdade não, eram outros projetos, nós preenchemos um mercado latente, pessoas que gostariam de ter uma assessoria mas não pagariam o valor real pelo serviço”. Muitas pessoas não enxergavam que a EJ não era apenas uma empresa, mas uma espaço que iria formar profissionais.

O primeiro semestre da *Comunica!*, em 2010.2, foi dedicado a resolver burocracias, em maior parte a cargo de Luiza. Por estar fazendo Administração e ter trabalhado na Fejesc, tinha uma boa noção dos processos, e quando surgiam dúvidas, recorria aos professores da Administração. No dia do lançamento oficial da EJ, um jornal de bairro da Trindade fez a cobertura do evento, possibilitando que muitos clientes se interessassem pelo seu serviço. Um dos primeiros projetos foi a assessoria de um aplicativo. Contudo, o mais completo foi a comunicação do Encontro Sul de Empresários Juniores (ESEJ). A *Comunica!* fez a assessoria prévia, divulgação por redes sociais, cobertura fotográfica e o vídeo de encerramento.

Da esquerda para a direita: Lucas Pasqual, Luiza Fregapani, Laís Mezzari, oficial da Polícia Militar Paulo Storani, Diego Souza e Mariana Porto. À exceção do policial, todos vestem a uniforme da *Comunica!*. O policial inspirou o Capitão Nascimento do filme *Tropa de elite* e estava presente no Encontro Sul de Empresas Juniores. A camiseta branca era usada pelos *trainees*, apesar de na foto todos os diretores estarem usando-a também. | Foto: Acervo pessoal



A EJ faria também parte do TCC de Luiza e Mariana Porto, as duas estavam na oitava fase do Curso, no semestre de lançamento da *Comunica!*. A ideia era construir um projeto de implantação da empresa e entregá-lo como trabalho final. O projeto foi feito, mas não no TCC. Elas aceitaram o desafio proposto pela professora Tattiana, criaram um planejamento estratégico de comunicação para o Curso de Jornalismo. Propuseram soluções para a organização dos murais, site do Departamento, reformulação da *newsletter* e, ainda, criaram uma marca que representasse o Departamento.


Assista a entrevista de Luiza ao *UFSC Entrevista*, onde fala sobre a *Comunica!*



O trabalho foi feito a partir do diagnóstico da comunicação interna do Curso e pesquisa de público. As estudantes mapearam necessidades e expectativas dos alunos, professores e servidores, e também a cultura da organização. Todo o projeto foi feito em um semestre. Luiza conta que o desespero com o tempo a fez aprender uma lição. “Não relaxa, mas também não se estressa”, como dizia Mariana.

Um dos problemas percebidos foi com os murais: eles eram utilizados fundamentalmente pelos alunos, e muitas vezes os recados da chefia de Departamento eram ignorados. Para resolver a questão elas os





dividiram em categorias: o dos alunos, o das organizações estudantis (EJ, Centro Acadêmico e Atlética), o do Departamento e o da Coordenação do Curso. Às vésperas da entrega, compraram cortiça e tachinhas novas para reformá-los. Em cima de um banquinho, com cola de sapa-teiro nas mãos, ficaram até perto das dez da noite no Departamento, pois aquele era o horário menos movimentado, já que o Curso é diurno. A apresentação estava cheia, “tinha uma galera da *Comunica!* vendo”. A dupla obteve nove e meio como nota pelo trabalho, mas para Luiza a melhor parte foi saber que o esforço seria realmente aplicado, não ficaria acumulando pó na hemeroteca, destino de muitos TCCs. Tanto que a identidade visual avaliada no TCC é usada até hoje.

A rotina no último semestre no Jornalismo foi intensa, prestes a concluir a graduação Luiza diz que “morava no curso”. “Tu imaginas como era a minha vida, fazia o TCC, todas as disciplinas que eu precisava para me formar, início da *Comunica!*”. Mas ela parece estar acostumada ao ritmo de vida acelerado, já que acumular várias funções faz parte do seu dia a dia. O único motivo de ter se voltado um pouco à vida pessoal é o bebê que carrega nos braços em todas as entrevistas. Estavam tem apenas quatro meses e fica todo enciumado quando a mãe passa a dar mais atenção ao celular do que a ele.

Recentemente, Luiza realizou um sonho antigo. Lançou seu livro *O ipê roxo e outras crônicas*, um compilado de textos publicados em seu blog pessoal *A princesa de All Star*. Criado ainda na graduação, os textos produzidos ao longo de oito anos foram editados antes do bebê nascer. Luiza encontrou, nas crônicas, uma paixão por escrever perdida em meio às notícias.

Luiza com seu filho  
Estevam, em um parque de  
Curitiba. | Foto: Acervo  
pessoal





**MARIA JOSÉ  
BALDESSAR**

# A OUSADIA DE UMA MULHER FORTE

Leon Ferrari



Zeca em sua sala na  
COPERVE, dia 01/07/2019.  
| Foto: Leon Ferrari

“Nós lemos todos os livros da biblioteca em um mês”, conta Maria Zélia Baldessar, irmã gêmea de Maria José Baldessar. A lembrança remete ao ano de 1974, quando as duas meninas, naturais de Urubici - município da Serra Catarinense -, estudavam na capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis. Frequentavam o Colégio Imaculada Conceição - bem no coração da Ilha - como bolsistas. “Meu pai era caminhoneiro. Minha mãe dona de casa. Éramos sete irmãos. O orçamento era apertado”, lembra Maria José. Ali, o futuro das duas Marias começava a ser desenhado.

Maria Zélia desde seus oito anos sempre soube que queria ser médica. Ao contrário da irmã, Maria José ainda não estava decidida. “Eu nunca tive uma definição. Eu queria fazer faculdade. Na minha casa era estudar ou trabalhar”. As horas passadas em bibliotecas e a fascinação pelas palavras pareciam indicar o Direito. Por isso, em 1980, com 17 anos, entrou na UFSC buscando a carreira da advocacia. Livros embaixo do braço, lá seguia a adolescente para sala de aula. Porém, o brilho do curso foi esma-

ecendo aos poucos; ao final da segunda semana, deparou-se com uma situação revoltante. “Briguei com um professor. Ele perguntou de que família eu era. Eu disse ‘Baldessar’. Perguntou no que meu pai trabalhava. Disse que era caminhoneiro. Ele nunca mais me perguntou nada na sala de aula”. A injustiça passada a fez repensar sua escolha. “Quando a universidade disse que eu tinha passado em segunda opção para Jornalismo, e tinha uma vaga, eu não contei tempo”.

Do Centro de Ciências Jurídicas passou para um Departamento mais “improvisado”. Em 1980, a segunda turma tinha sido aberta, o Curso de Jornalismo dava seus primeiros passos. “Nossas aulas eram onde é o prédio da Agecom [Agência de Comunicação da UFSC]. Tinha uma sala administrativa e duas salas de aula. Era tudo muito improvisado”. No ano seguinte, as aulas migraram para o mesmo espaço onde o Jornalismo se encontra hoje. “Mas isso foi bem antes da reforma dele”. A estrutura laboratorial era muito limitada. “A minha turma não pegou muitos laboratórios. A gente fez as disciplinas de Telejornalismo na [emissora] *Barriga Verde*. Em Rádio, tinha um gravador de fita a rolo”. Em 2019, a realidade é completamente diferente, quase uma câmera fotográfica por aluno, laboratórios digitalizados. Todas essas conquistas, Zeca - apelido que recebeu durante a graduação e o manteve - viu com os próprios olhos e ajudou a construir com dedicação e trabalho duro, quando voltou ao Curso após alguns anos da formatura.



Ivan Giacomelli, Eliana Arndt, Sérgio Andrade, Zeca e Isabela Barbosa, na confraternização da UCBC - Congresso da União Cristã Brasileira de Comunicação, em 1980. | Foto: Acervo pessoal

Sua trajetória como aluna foi brilhante. “Já te falaram que eu sou IAA [Índice de Aproveitamento Acumulado] 10. Pede meu histórico”, fala com orgulho. Entre suas diversas notas 10 e 9, encontram-se apenas dois 7,5, um deles referentes a um período complicado da graduação. “Tive desvio do nervo óptico. Aquele semestre foi muito difícil”. A dedicação aos estudos não a impediu de aproveitar os momentos de socialização da graduação – as festas e os bares. “Ia em bar. Participava de tudo. Mas sempre fui pontual, nunca reprovei por FI [Frequência Insuficiente]”. As bebedeiras, com um quê de boemia, deram um nome ao grupo de amigos de Zeca: “Turma do Funil” – por conta da marchinha de carnaval de mesmo nome, de autoria de Antonio Carlos Jobim e Miúcha.

“Chegou a turma do funil

Todo mundo bebe, mas ninguém dorme no ponto

Ai, ai ninguém dorme no ponto

Nós é que bebemos e eles que ficam tontos”

O grupo de amigos também tinha posições fortes e revolucionárias para o período. Em um contexto de ditadura militar e guerra fria, as posições políticas eram claras dentro da sala de aula, dividida entre “esquerda e direita”. “Nós éramos de esquerda, bem mais para a esquerda”. Essa cisão fez com que ocorressem duas formaturas diferentes da mesma turma de alunos. Os conservadores fizeram uma de gala, com todas as formalidades. “Nossa formatura não foi nada formal. Foi lá no Teatrinho da UFSC”, conta o colega de turma, Romeu Scirea Filho. No dia 31 de março de 1984, de calça jeans e camiseta branca com a escrita “Diretas Já!”, ao som do hino da Internacional Comunista, dez alunos se tornaram jornalistas. “Segundo minha mãe, a formatura mais linda que ela já viu”, conta com brilho no olhar.

A formatura aconteceu no Teatrinho da UFSC, sem formalidades, com tênis, jeans e camiseta. | Foto: Acervo pessoal



Uma década após a formatura, a jornalista retornou ao Departamento, dessa vez como professora substituta. Trabalhou na docência de Radiojornalismo, mas com um pensamento que transcendia o estúdio improvisado - queria mais para o Jornalismo UFSC. “Eu sempre trabalhei no sentido de estruturar este Departamento. Se isso implicaria trabalhar mais, para mim, de boas”. Em 1996, mesmo ano de sua efetivação como docente, desenvolveu o projeto de digitalização do laboratório em que trabalhava. “Foram 30 computadores, levamos uns três anos para pagar tudo”. Entretanto, sua proatividade e pragmatismo foram reconhecidos até fora do curso: Zeca foi convidada a coordenar a reforma do espaço físico do curso entre 1999 e 2000, juntamente com o professor Fernando Crocomo. “Nos disseram: ‘você sabem o que a gente quer. Então façam!’”.

A inovação e o trabalho duro sempre acompanharam Maria José, seja como estudante ou como professora. “Sempre flui pelas áreas de tecnologia”. Sem medo das novidades, coordenou e criou diversos projetos inovadores. Dentre eles está o site *Cotidiano UFSC*, em 2006. “Um site muito mais experimental. Para experimentar formatos. Sem a pressa do dia a dia”. Nele,

os estudantes podem se aventurar no mundo hipermídia, utilizando texto, fotografia, áudio e vídeo. “O aluno que experimenta o *Cotidiano*, sai um profissional diferente”. Ao mesmo tempo, coordenou o projeto EaD Letras Libras. “Eu coordenei toda a produção de vídeos de 2006 até 2011”. O curso foi pioneiro na América Latina e uma grande conquista para o movimento surdo. “Antes você não via o surdo. Eu não via o surdo”.

Enquanto estava engajada em diversos projetos, continuava atuando dentro das salas de aula do Departamento, seja qual fosse a área. “Com a nossa formação, tu tens capacidade de preparar uma aula de fundamentos, de teoria. Se hoje me disserem assim: ‘Zeca tu dá uma aula de Rádio? de Tele?’ Respondo: ‘Dou, mas me dê um tempo para planejar!’”. Nem mesmo durante o mestrado em Sociologia Política, entre 1997 e 1999, ficou afastada do trabalho. Durante o período vivia entre o Centro Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e o CCE, estudando sempre que houvesse um tempo vago. “É das minhas raízes proletárias. Quem vem de classe média baixa não tem tempo para ficar modelando por aí”.

Entre projetos, docência, pesquisa e a cozinha - uma paixão que aprendeu com o professor Sérgio Mattos, também do Curso de Jornalismo -, Zeca desempenhou funções de liderança. “Ela sempre liderou muito bem”, afirma a irmã gêmea. É uma característica que fica evidente considerando os cargos que assumiu ao longo do tempo: subchefe do Departamento em 1997, coordenadora de Curso entre 2006 e 2010 e chefe de Departamento de 2016 até início de 2019. A personalidade forte e o pragmatismo foram acrescidos de uma nova característica vinda do tempo como gestora - a normatividade. “A Zeca chefe de Departamento tem que ser normativa. A Zeca professora é outra coisa, é outro mundo”, esclarece.

As posições fortes e a liderança feminina não são facilmente aceitas por alguns. “Sempre foi uma mulher de esquerda, transparente e com posições firmes!, aponta a amiga Duda Hamilton. “Toda mulher que tem posições firmes e é livre de pensamento assusta homens e mulheres”, completa. Desde o início da sua trajetória acadêmica, Zeca não se deixou levar pelo sexismo estruturado na sociedade. “O Jornalismo ainda tem um perfil machista. Hoje um pouco menos”, afirma, para completar em seguida: “nunca



me deixei ser guiada ou me guiarem. Quando eu precisei discutir, eu discuti. Nunca admiti que alguém me dissesse ‘Cala boca!’”. Aos machistas, deixa o seu recado bem claro: “sou neta da minha avó, Olivia Copetti Baldessar, parteira em Urubici!”.

Zeca e sua amiga e colega no JOR UFSC, Eliana Arndt, enquanto participavam do Encontro Regional de Comunicação em Lages, 1981. |Foto: Acervo pessoal



Por trás dessa mulher forte – ou nem tão atrás assim – está sua sensibilidade. Ela não mede esforços para proporcionar auxílios àqueles que a procuram ou que ela vê que precisam de conselhos e ajuda. “‘Por que tu dormistes na sala?’”, eu pergunto. ‘Professora, foi porque eu trabalhei a noite inteira’. Então eu informo: ‘em julho, quando abrir uma bolsa no meu laboratório, tu vais vir trabalhar comigo, não vais mais precisar ficar acordada a noite inteira’”. Mas ela também é aquela pessoa que chama aluno para sua sala para conversar sobre frequência, notas e engajamento. “Eu sempre digo que quem defende a universidade pública não pode reprovar por fl”.

Além de ser defensora da universidade pública, também acredita que ela deva ser para todos. Durante seu tempo de aluna, foi colega e amiga de Valdir Cachoeira, o primeiro aluno negro do Jornalismo da UFSC. No entanto, ele era uma exceção. Somente em 2008, com o estabelecimento da política de ações afirmativas, pode ver com seus próprios olhos a diversificação do Departamento, que deixava – e deixa – de ser majoritariamente


branco, de classe média alta e vindo de escolas particulares. “Eu era coordenadora de Curso quando entrou a primeira turma de cotistas, naquele período entraram seis”. Entretanto, destaca que o acesso por si só não resolve tudo - pois acredita que a manutenção desses estudantes ainda deva ser pensada. “A universidade para todos exige outras condições: roupa, transporte, livros”.



Valdir Cachoeira,  
Aderbal João da  
Rosa Filho e Zeca, na  
fila do Restaurante  
Universitário em 1982. |  
Foto: Acervo pessoal

Desde abril de 2019, Zeca está um pouco distante do Departamento. Foi convidada pelo Reitor da UFSC, Ubaldo Balthazar, a assumir a Presidência da Coperve (Comissão Permanente de Vestibular). “Eu sou funcionária desta universidade. Eu trabalho para esta universidade”. Mesmo assim, ainda é - a certa distância - conselheira do Curso. Em qualquer lugar que esteja, busca entender os processos para que possa transformar o “não” em um “sim”. “Pra mim, ‘não’, não existe. Tu tens que pensar: como transformar o não em uma possibilidade”. Transformação essa que ela empreendeu várias vezes durante sua vida.

Após tantos anos crescendo dentro do Jornalismo UFSC, algumas coisas não mudaram - ou melhor, acentuaram-se. Entre elas, o gosto pela leitura, reforçado pelo conselho da professora - e amiga - Maria Elena Hermosilla. “Ela sempre dizia: ‘leia. Para construir teus argumentos, tu tens que



ler”. E ela com certeza leu. “Tenho coleções completas em casa”, diz, acrescentando que “são mais de 700 livros”. Todo o estudo e leitura permitiram que Zeca não somente criasse seus argumentos, mas a levaram à posição de professora - isto é, aquela que também aconselha. Suas palavras para cada jornalista que forma e formou são firmes: “ouse. Vá além do que lhe propõem, que assim você vai ser um bom profissional”.



**MARIA JÚLIA DOS  
SANTOS COSTA**

# A PEQUENA JULINHA: SONHOS DO SERTÃO AO LITORAL

Rafael Prudencio Moreira


Julinha ri enquanto diz, com seu sotaque alagoano carregado, que não gosta de ser fotografada. | Foto: Rafael Prudencio Moreira



A pele escura enrubescce enquanto sorri um belo e tímido sorriso. “Comigo? Mas eu nunca fiz isso!”, diz Maria Júlia dos Santos Costa ao receber o convite para ser perfilada para esta reportagem. Julinha, como é conhecida, é uma das responsáveis pela limpeza do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e não está acostumada a falar sobre sua história. Sua rotina é fundamental para o pleno funcionamento de equipamentos, espaços e relações das pessoas no Departamento de Jornalismo.

Limpar os corredores, salas, banheiros, uniformes de trabalho, descartar o lixo, passar pano sobre as mesas, tirar o pó de paredes, estantes e equipamentos são algumas das tarefas da equipe de limpeza que na UFSC é terceirizada.

Julinha já passou por duas empresas nos cinco anos em que trabalha na UFSC. A universidade funciona no regime de licitações, que determinam



a firma responsável pelos serviços. Os funcionários acabam permanecendo nesta mudança, entretanto, podem ser realocados para outras áreas. Nos primeiros dois anos de serviço, Júlia era responsável pelo Departamento de Artes Cênicas.

Em 2017 ocorreu uma nova licitação. Com a mudança, se tornou parceira de Dona Geni, a funcionária terceirizada mais antiga do Jornalismo, a quem hoje chama de “amiga, companheira e segunda mãe”. Oficialmente Julinha é a encarregada da limpeza do Departamento de Design, no primeiro andar do CCE, e Geni do Jornalismo, no térreo. Entretanto, tal em cima, qual embaixo, a dupla é sempre vista junta pelos corredores auxiliando uma à outra. Feito unha e carne, ela faz questão de dividir os louros do trabalho “as coisas só acontecem aqui por causa de mim e da Dona Geni”.

Um lugar em que gosta de ficar nas horas vagas é o quartinho ao lado da cozinha dos terceirizados. Naquela sala de cerca de três metros quadrados, encontra um pouco de paz e tranquilidade. Ali a nordestina se esconde dos maus olhares.

Com seu jeitinho discreto limpando os corredores, Julinha por vezes é invisível aos olhos menos atentos. Alagoana de poucas palavras, nasceu em casa no interior de Maceió, capital do Alagoas, em 1978. Ela cresceu na geração de ouro da televisão brasileira, dos fuscas e do Movimento Tropicalista. Infelizmente não há registros da infância de Júlia que tenham sobrevivido ao tempo. As poucas fotografias que tinha se perderam em um deslizamento. Hoje as câmeras não faltam a sua volta.

Gosta de ver os estudantes no Laboratório de Telejornalismo e na *Rádio Ponto*, “acho bonito”. No entanto, não se detém por muito tempo “normalmente: paro, fico olhando, sinto vergonha e saio”. Ela se impressiona com a habilidade dos locutores de decorar texto e com o projeto *TJ UFSC*, o qual acompanha esporadicamente pelo celular. Não se imagina na televisão, mesmo limpando o estúdio onde o projeto acontece diariamente. E apesar de gostar do *TJ*, nunca chegou a acompanhar uma gravação do telejornal universitário.

Quando pequena não tinha TV em casa, apenas um radinho com que sua mãe acompanhava rádio-novelas. Gostava de ir à casa do “vizinho rico” que tinha uma TV para ver o *Programa da Xuxa*, na *Rede Globo*. Ela nunca se imaginou na frente da câmera. Ao pensar sobre a possibilidade, solta uma gostosa gargalhada e balança negativamente a cabeça e os dedos indicadores.

No alto de seu metro e meio diz não saber essas “coisas de metro e centímetro”. Desde os seis anos acorda antes do galo cantar, à época, para trabalhar na enxada. Costumava jejuar até chegar na roça, onde tomava o café da manhã para não atrasar o serviço. Estudou até a 5ª série, “que era o que tinha na região”. Com traços negros e indígenas, carrega nas veias o amor pelo Nordeste. Sente falta dos “forrós de verdade”, de sua terra e de seu pai.

Com 15 anos de idade conheceu seu atual marido. Em uma folia de Carnaval, “um olhou pro outro e estamos aí até hoje”. No mesmo ano que se conheceram decidiram morar juntos, o que Júlia considera um casamento. Passaram a dividir a casa, de cinco quartos, dez pessoas: o pai, a mãe, seus seis irmãos e o esposo. A casa fora construída inicialmente com folhas de bananeira, em seguida de barro e, logo, de alvenaria. Tudo feito pelas mãos de seu pai, pedreiro e músico sanfoneiro, que morreu quando a última etapa da obra ainda não havia sido concluída.

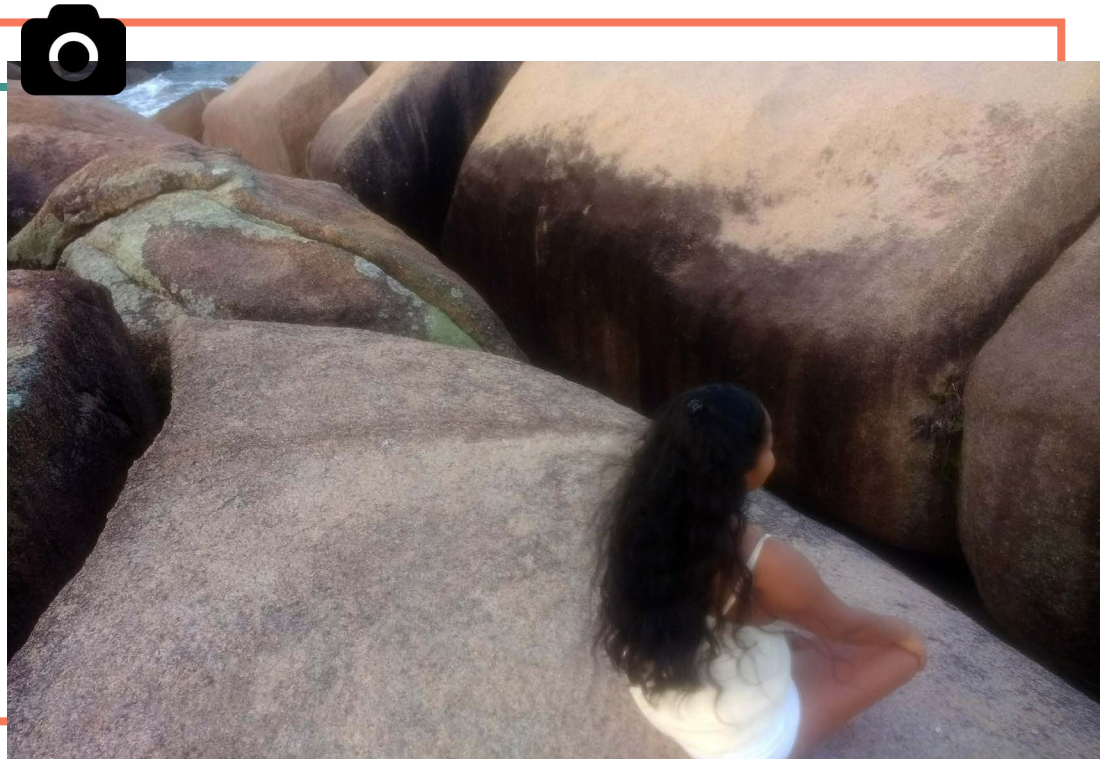
Viveu este luto aos 20 anos, grávida de cinco meses da sua primeira filha, Ana Paula. No ano seguinte perdeu um de seus irmãos. Conhecida no Departamento de Jornalismo principalmente por estar sempre sorrindo, Maria Júlia fala curto e sério sobre aquele período, “não foi fácil”.

De herança seu pai deixou o terreno da família, que foi dividido em duas partes. A primeira, com a casa, foi vendida, a outra foi loteada entre a mãe e os irmãos de Júlia. Com a morte do sogro, ela e o marido juntaram as heranças e construíram uma casinha de alvenaria no terreno herdado. Julinha espera poder voltar um dia para o seu cantinho, “não vendo, não dou, não empresto. É o que eu tenho de lembrança do meu pai”.

De ano em ano, após a morte do pai em 1998, a situação ficava cada vez mais difícil em Maceió. A roça já não era suficiente para alimentar toda a família e os empregos ofereciam menos de um salário mínimo: “não dava de comer para todo mundo”. Então decidiu migrar. O marido foi o primeiro a vir para Florianópolis. Trabalhando como pedreiro, função que exerce até hoje, juntou dinheiro para comprar as passagens de ônibus para a esposa e os três filhos.

Em 2014, Julinha estava descendo o Brasil junto de Ana Paula, 15 anos, João Paulo, 14 anos, e Gean Henrique Costa Santos, 12 anos. Foram quatro dias de viagem até a capital catarinense, onde sua irmã e uma amiga viviam. Essa amiga foi responsável pela sua entrada na UFSC, um mês após o desembarque no Terminal Rodoviário Rita Maria.

Com a vinda para Florianópolis, os filhos de Julinha puderam concluir os estudos. O artigo de luxo da infância, a televisão, hoje faz parte da sua mobília, todavia confessa não ter muito tempo para usufruir dele. O que era motivo de briga na infância entre o pai e a filha (Julinha amava ver a Xuxa), atualmente só serve para ver alguma notícia que desperta a sua curiosidade após um dia cansativo de trabalho na universidade.



Julinha de costas sob as pedras que tanto gosta. Conta que gostaria de levar todas para casa para dormir nelas. Foto: arquivo pessoal



Muita coisa mudou com a vinda para a Ilha da Magia. Se encantou pelas praias e pela cidade. Julinha fantasiava com a possibilidade de levar grandes pedras dos costões rochosos para casa e dormir nelas.

Gostou muito do campus da UFSC e as possibilidades que ele oferecia. “Na outra firma trabalhava da 13h às 22h, e depois na Concha [pequeno palco aberto frente ao CCE], eu ia de noite assistir filme no banquinho com dona Maria [primeira companheira de trabalho]”. Foi também na UFSC que a nordestina do interior viu casais homossexuais pela primeira vez. “Logo quando cheguei, ignorei, achei feio, mas agora não acho mais nada. Eu acho até bonito”.

Ao longo do tempo, desenvolveu uma boa relação com os alunos, professores e servidores. Entretanto, de pé apoiada no rodo confessa, “mas tem uns aí que só por Deus mesmo”. A companheira de trabalho, Dona Geni, conta que tem alunos de “nariz empinado”, que às vezes trombam nelas como se não existissem, “e ainda tem uns que nunca deram bom dia”. Quando as coisas ficam mais sérias costuma levar as reclamações para a chefia de Departamento.

O expediente começa ao meio dia, mas às 5h40, chama o filho mais novo para o banho e café da manhã rotineiro pré-aula. Cuida das tarefas domésticas e desce o morro em direção à universidade. Mora no bairro Serrinha, mais especificamente no ponto final, quase no cume do Morro da Cruz, no centro da cidade.

Tem dias que acorda mais cedo. Aproveita para fazer a feira e desce para o trabalho. São oito horas de serviço diários, cinco dias por semana, além de um extra aos sábados na casa do professor de Cinema da UFSC. E mesmo com essa carga pesada de serviço tanto em casa quanto fora, Roque Bezerra, técnico do Laboratório de Rádio do Curso de Jornalismo, diz nunca ter visto Julinha triste ou de “cara amarrada”.

“Não sei ficar triste, posso vir de casa com o problema que for. Ajuda eu a não ficar pensando. Acho que se eu rir a tristeza sai. É melhor do que chorar e ficar triste. E eu gosto de rir para ver os outros rirem também”, conta

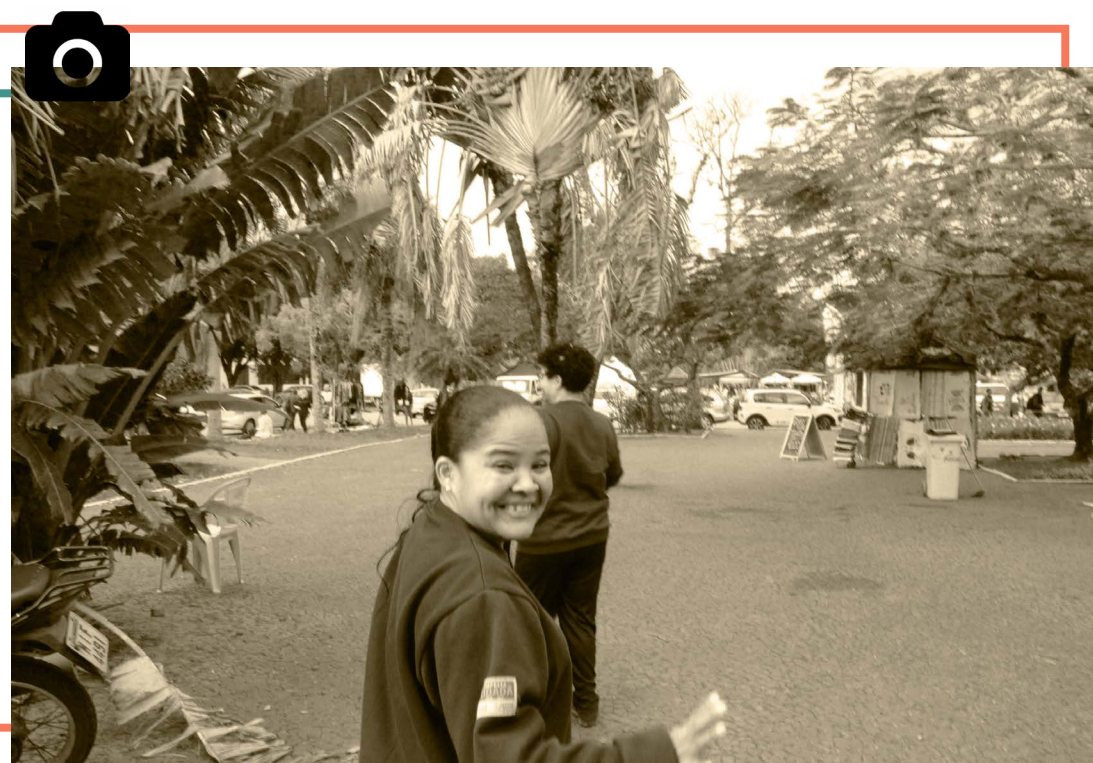
Julinha. Não guarda rancor de ninguém a não ser do atual presidente Jair Bolsonaro: “tem tanta coisa errada nesse mundo. Começando pelo Bolsonaro. Ele tá tirando muita coisa da gente, às vezes eu fico triste, como que meus filhos vão crescer, estudar?”.

Religiosa, tem o costume de carregar um terço na bolsa. Não importa se tem trabalho em casa, às 18h, quando não consegue ir para Igreja da Trindade, reza onde estiver.

Em primeiro de fevereiro de 2019 completou 41 anos. Gosta de trabalhar com a limpeza, acredita que deve ser por estar acostumada ao trabalho pesado desde nova. Da mesma forma justifica o porquê de não conseguir ficar enrolando na cama, “fico entediada rápido”. Não pensa em fazer faculdade, nem em continuar os estudos, “não tenho mais cabeça para isso, não. Estou bem assim”.

O apelido Julinha vem do seu 1,50m de altura. O uso do diminutivo é um costume bem brasileiro, mas é também a forma mais comum de se referir a uma pessoa simples, de vida profunda que, na descrição de seus passos, é muitas vezes invisível para os livros oficiais da História que, por muito tempo, deixaram de olhar para quem realmente merece que sua vida seja escrita.

“Chega Rafael!”, diz Julinha enquanto segue até o brechó da UFSC acompanhada de sua “amiga, companheira e segunda mãe” Dona Geni. | Foto: Rafael Prudencio Moreira





**RAQUEL E LUARA  
WANDELLI LOTH**

# CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA VIDA E NA PROFISSÃO

*Bianca Nery*

**A**o som de palmas, o filho abriu a porta.

- Oi?, disse Maitã.
- A Raquel, por favor, disse eu.
- Ela vai demorar. Quer entrar? - respondeu.

Atrasos acontecem, pensei. O trânsito desta cidade muitas vezes pode ser infernal. Quadros pela parede e algum programa futebolístico da *ESPN* ao fundo, Maitã, o filho mais velho, ligou para mãe para saber onde ela estava. Sem sucesso, discou o número do pai em busca de notícias. Acostumados com o trabalho de Raquel Wandelli Loth, a família aceitou a falta de combustível como justificativa do atraso. No entanto, a verdadeira explicação estava relacionada com questões humanas. Raquel é uma dessas pessoas que para na rua para ajudar estranhos, sem se apegar a prazos e horários de sua agenda.

Depois de duas horas, Raquel chegou. Acomodada em um banquinho, a esperei na biblioteca da casa, modestamente chamada pela família de garagem. O cômodo de paredes verdes retrata o repertório cultural da jornalista. As estantes e os armários de madeira estão repletos de revistas, jornais, livros e produções de toda a família. Seu marido, Moacir Loth e sua filha Luara também são jornalistas; o filho mais velho, Maitã, é advogado e filósofo.

Clássicos chilenos e colombianos, sucessos de Literatura e Cinema, obras de Direito e, claro, vastos exemplares de Jornalismo enchem as prateleiras. Abrindo a porta, o pedido de desculpas pelo atraso e o belo sorriso já antecipavam traços de sua personalidade.

Parte da biblioteca, com centenas de exemplares que deixam claro o vasto repertório de leituras de Raquel e de sua família. | Foto: Bianca Nery



Os quadros que enfeitam o térreo da casa também acompanham o andar de cima. Com mulheres e paisagens pelas paredes, nos acomodamos no sofá do escritório. A história de 34 anos de Jornalismo começou ali a ser descrita.

Raquel fez parte da terceira turma de Comunicação Social habilitação Jornalismo da UFSC, formada em 1985. “Na verdade, eu queria ser escritora”. Com influências em casa, já que a mãe era da área de Filosofia e o pai do Direito, gostava de ler e escrever. Suas matérias favoritas na escola eram Português e Literatura.

A vida acadêmica de Raquel foi construída na UFSC. Graduação, especialização, mestrado e doutorado foram obtidos pela instituição. O último título deu à jornalista a oportunidade de fazer parte dos estudos no exterior. Morou quatro meses na França, onde pesquisou sobre Teoria Literária e Literatura Brasileira. Ao todo, foram 11 anos sendo aluna da federal e cinco sendo servidora. “A UFSC é uma paixão! Eu tenho amor por essa universidade”.

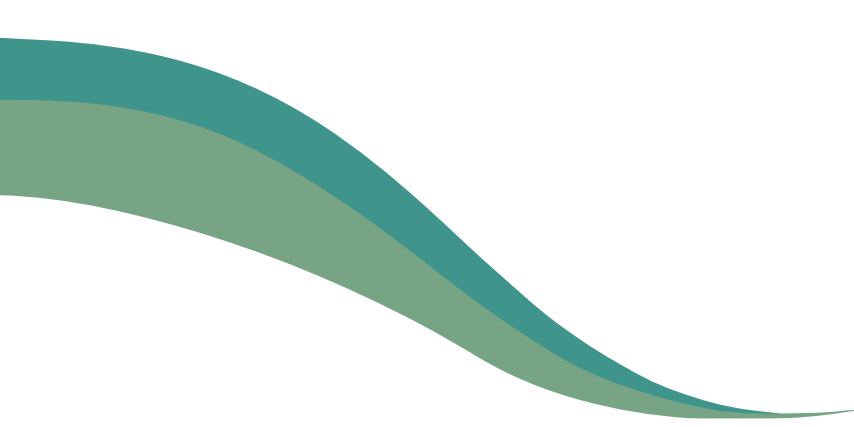
Na graduação, Raquel foi aluna de Adelmo Genro Filho, referência até hoje nos estudos de Teoria do Jornalismo. Há quase 20 anos atuando como professora na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), usa as contribuições do teórico em suas ministrações. Também foi colega de jornalistas que hoje em dia compõem o corpo docente do Departamento.

De suas memórias do Curso, destaca sua preferência teórica à prática. E, mesmo assim, em mais de uma década na universidade, contribuiu com dezenas de publicações pela Editora da UFSC. Também recorda a dificuldade em se apaixonar por notícia e reportagem. Mas a paixão vingou. A reportagem lhe rendeu prêmios, publicações e apresentações de trabalhos em grandes eventos. Já a notícia, está presente constantemente na vida da jornalista.



Publicações e contribuições de Raquel Wandelli; os três primeiros livros foram publicados pela Editora da UFSC. | Foto: Bianca Nery

Por trabalhar voluntariamente desde 2016 para o veículo *Jornalistas livres*, Raquel produz matérias de forma frequente. Trabalhando para este meio, cobriu o assassinato de um jovem haitiano que morava em Florianópolis, em junho de 2019. Foi por esta razão que se atrasou para minha entrevista. Ela foi dar suporte à família e amigos do imigrante no dia do crematório. “Eu sinto o cheiro de injustiça de longe”, diz, usando um *botton* lilás escrito 8Marielle.



O gosto pela escrita e Literatura, a preferência pela teoria e a vontade de colocar o Jornalismo em ação em busca de acabar com as injustiças, não descrevem somente Raquel. O processo de influência pode ter sido invisível, mas afetou diretamente a filha caçula Luara, que também escolheu ser jornalista.

Na infância, Lua, como é chamada, tinha facilidade de escrever e até era considerada prolixa. No último ano do ensino médio, passou no vestibular de História, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no entanto, o Jornalismo falou mais alto. A escolha pela UFSC foi fácil, desde cedo tinha um vínculo com a universidade já que foi aluna do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC). Sua mãe e seu pai trabalharam na UFSC. Lua cresceu ali.

Se Raquel teve dificuldades em se apaixonar por notícia e reportagem, Luara custou a se apaixonar pelo Curso no geral. Até pensou em deixar o Jornalismo, mas não teve coragem. Lua iniciou a graduação em 2011, período em que os equipamentos que são utilizados nas disciplinas já estavam atualizados. Para alguns estudantes daquela época, a modernização era um grande privilégio, no entanto, para Luara, era um problema. “Eu era uma menina muito velha, analógica”. Luara tinha dúvidas quanto à tecnologia.

As inovações ainda não eram o principal problema. Assim como a mãe, ela acredita que a teoria é essencial e realizar tarefas sem a devida reflexão não faz sentido. Por isso, ao longo da graduação se matriculou em diversas matérias em outros cursos. Disciplinas nos cursos de Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia e História contribuíram para a formação mais fundamentada da futura jornalista.

Após algumas fases no Curso, ainda sem paixão, Luara decidiu fazer intercâmbio no México. O país que até hoje tem sua admiração foi notícia em todo o mundo em setembro de 2014, logo após sua chegada: 43 estudantes no estado de Guerrero desapareceram. Testemunha daquela situação, Luara participou das manifestações juntamente de 200 mil estudantes pedindo respostas ao governo. O intercâmbio acabou e a paixão pelo Jornalismo vingou.

Em dezembro de 2015, retornou à mesma cidade do massacre no sudoeste do México, para investigar o caso. Por três meses ficou hospedada na casa de famílias dos desaparecidos e foi exposta aos riscos do narcotráfico que sondavam aquela região. “A gente é meio doido lá em casa”, brinca, quando relembra o perigo da viagem. Sua condição de mulher, estrangeira, viajando sozinha, alavancaram a possibilidade de alguma ameaça surgir, no entanto, tudo correu como desejado. O resultado do esforço e coragem foram transformados em nota máxima na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). *Guerrero dos desaparecidos: imersão em um estado onde o povo reage às ausências no México*, orientado pelo professor Carlos Locatelli.

Já formada, em 2017, Luara foi selecionada para o 1º Programa de Treinamento em Jornalismo de Imagem da *Folha de S. Paulo* e passou três meses na capital paulista aprendendo sobre Design Gráfico, Fotografia e Videojornalismo. Também trabalhou como assessora de imprensa e em diversas ONG’s feministas que se dedicam à saúde das mulheres. No mesmo ano, a grande reportagem multimídia, que virou o TCC, alcançou outros patamares.

Reunindo duas reportagens, 13 perfis e 47 fotografias, o trabalho de Lua virou livro. *Sepultura de palavras para os desaparecidos*, publicado pela Editora Insular, foi lançado em 27 de setembro de 2018, data propositalmente escolhida por marcar os quatro anos do desaparecimento dos estudantes mexicanos.



Capa do livro de Luara,  
publicado em 2018, mostra  
pai à procura do filho. | Foto:  
Divulgação Editora Insular



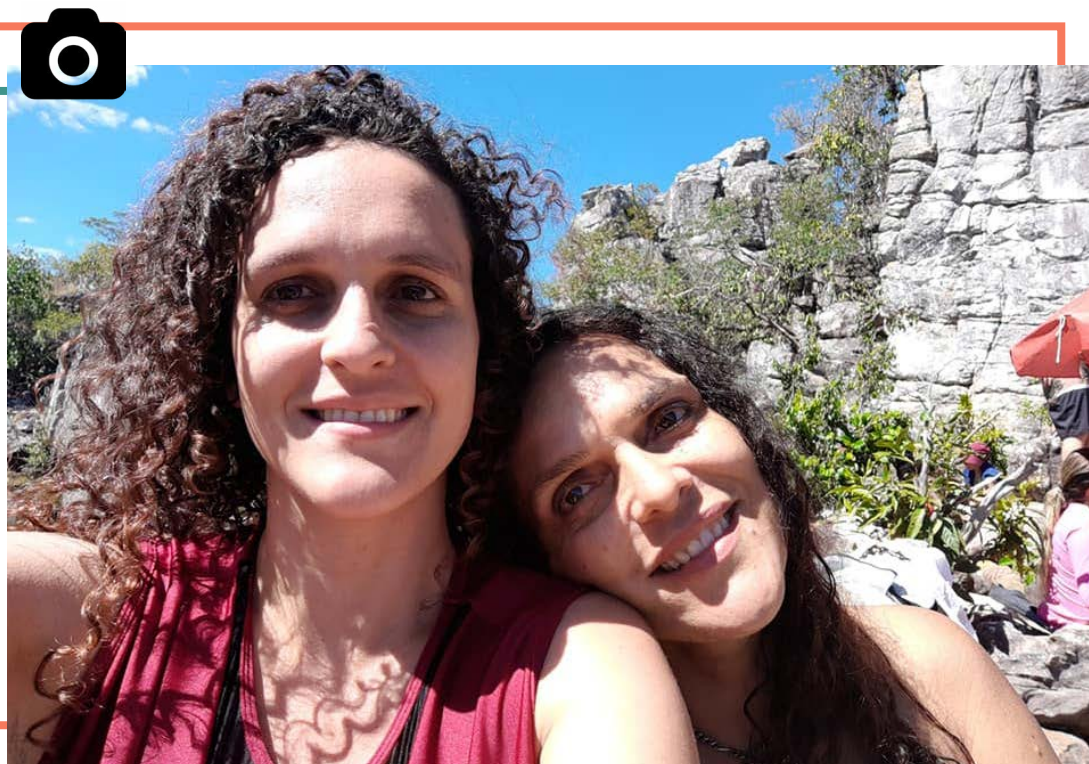
Luara está distante da família. Hoje faz mestrado na Universidade de Brasília (UnB). Sua pesquisa envolve o tema do seu livro. Ela quer dar continuidade aos estudos realizando doutorado no México e pretende seguir carreira acadêmica. Mas, mesmo longe do Jornalismo da UFSC, não esquece dos encontros. “É o que é mais bonito. Contar a história da pessoas. Eu gosto mais do contato com as pessoas”.

Do Curso, Lua reconhece sua excelência. “Super bem-visto, é referência. Te olham de outro jeito”. Na graduação, teve a oportunidade de ir a várias comunidades, quilombos, ocupações e garante que “não ia ser feliz sem o contato com a diversidade”.

Já Raquel, com quase duas décadas de docência, vai se aposentar em breve na UNISUL. O seu jeito inquieto, porém, não vai deixá-la descansar. Continuará produzindo muitas matérias. Acerca do Jornalismo na UFSC, destaca que “o olhar político sobre a realidade é o diferencial”.

Os caminhos entrelaçados possibilitaram que as duas trabalhassem juntas. Através dos coletivos de Jornalismo alternativo como *Jornalistas livres* e *Maruim*, realizaram matérias sobre a questão indígena e quilombola, a criminalização dos movimentos sociais e a literatura de resistência.

Mãe e filha. Jornalistas que tiveram o início do caminho profissional e acadêmico traçado pelo mesmo Curso, compartilham o amor pela escrita e a revolta pelas injustiças. Nutrem o olhar humano sobre quaisquer trabalhos que já realizaram e sobre aqueles que ainda estão por vir.



Luara e Raquel, de férias pelo Cerrado brasileiro, em julho de 2019. |Foto: Acervo pessoal



**TATIANA  
TOMBINI WITTMANN**

# "MEU PROPÓSITO DE VIDA É COMPARTILHAR CONHECIMENTO"

Gabrieli Schlickmann

Tatiana Tombini  
Wittmann decupando  
fita de vídeo para  
Universidade Aberta na  
TV (1998). | Foto: Acervo  
pessoal



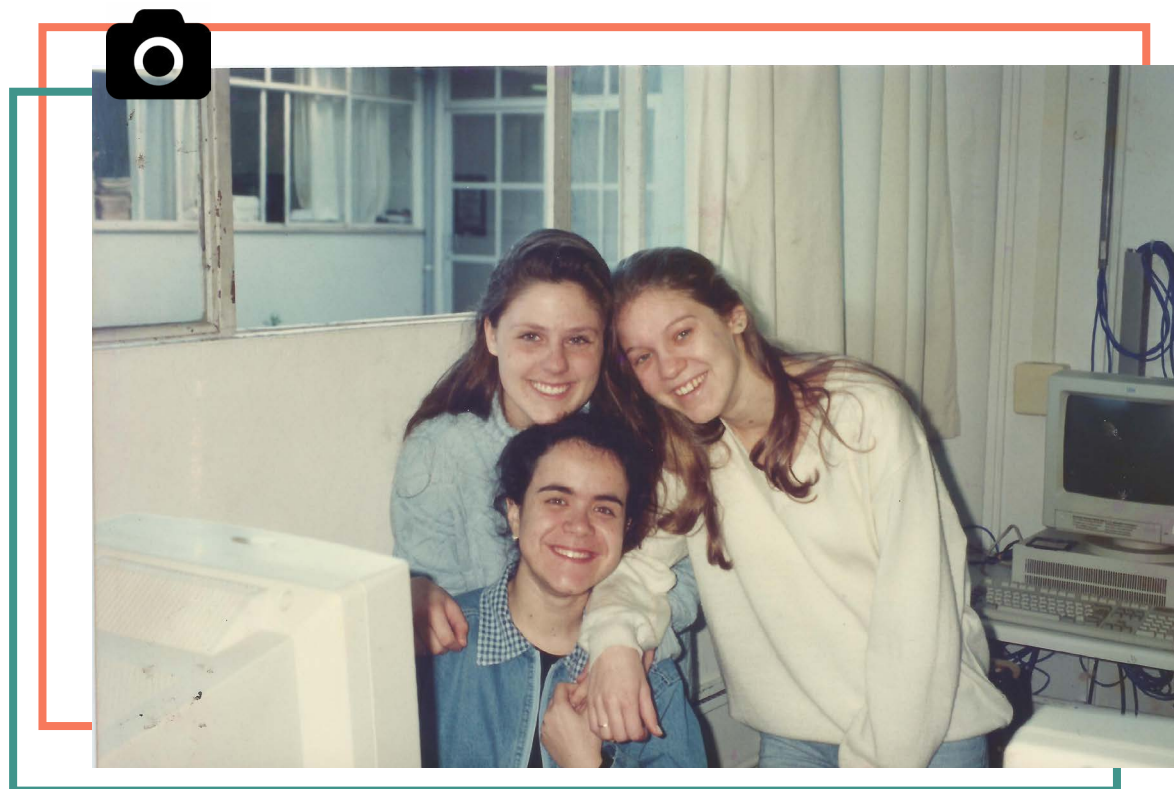
Quem via a pequena perua Fiat Palio branca rodando pela Avenida Paulista, em São Paulo, não imaginava quantas pessoas cabiam ali dentro. Muito menos o tamanho dos sonhos guardados nas malas.

O carro ficava minúsculo diante da maior metrópole da América Latina. Cinco meninas-mulheres estavam prontas para descobrir o mundo além dos portões da universidade. No banco de trás, quatro delas se apertavam enquanto observavam pela janela a Zona Oeste da cidade. No banco da frente, Tatiana Tombini Wittmann era copilota de Fernando Albuquerque. Ele dividia o apartamento com a namorada do padrinho da Tati, também jornalista, e hospedou algumas das meninas em sua casa.

Era um passeio cultural de uma semana, enquanto a UFSC estava em greve, em 1998. As amigas foram assistir as gravações do *Programa do Jô*, foram às redações da revista *Isto É*, da *Folha* e à Bienal. Fer-

nando as levou a todos os lugares. “Coloquei as cinco no carro e fiquei rodando a cidade com elas”.

Tatiana (esquerda),  
Carolina Cordioli  
(direita), Camila  
Gouvêa Manfredini  
(embaixo) na aula  
de Editoração, com o  
professor Clóvis Geyer.  
Única sala de aula com  
computadores em  
setembro de 1996. | Foto:  
Acervo pessoal.



É comum fazer amigos no Curso de Jornalismo, pois ele aproxima os alunos. Ainda mais quando uma turma de 40 passa a ser apenas de dez. É assim que acontece com as aulas laboratoriais, que são divididas para que cada aluno tenha um equipamento a sua disposição e um professor atento para auxiliar. A divisão era feita por ordem alfabética, mas em sua sala os nomes iam de A a G. Nela estavam Carolina Cordioli e Camila Gouvêa Manfredini, que completavam o trio de CDF's da turma 1996. Tati era a “diferentona” por seu nome começar com a letra T.

Diferentona também por ser dois anos mais velha e ter entrado na universidade de forma “peculiar”: um processo administrativo. Como sempre foi uma boa aluna, achava que seria “natural” passar no primeiro vestibular. Mas não conseguiu entrar para o Jornalismo na UFSC, e durante um semestre e meio fez o curso de Comércio de Exterior em Itajaí. No ano seguinte, fez novamente a prova para Jornalismo. Não passou, mas ficou na lista de espera, em quinto lugar na classificação. Na época, não havia uma regra que estabelecesse um período máximo para chamar os classificados nessa lista. Quem entrou com a ação foi sua mãe. Ela descobriu que

mais inscritos, de outros cursos, haviam entrado com um processo conjunto para serem chamados e para que se definissem regras claras. Os alunos ganharam e, então, se estabeleceu a data limite da lista de espera. “Foi uma loucura. Não estava sabendo do processo e fui pega de surpresa”. Tati ingressou no segundo semestre de 1995, com 19 anos. Até então, o Curso não abria vagas no meio do ano, ela foi a única a entrar assim. Por isso, acabou sendo acolhida pela turma das meninas que ingressaram em 1996.

Turma de Tatiana na sala de aula, em agosto de 1998. Da esquerda para direita: Tatiana, Camila Gouvea Manfredini, Cleide Klock, Roberta Lemos, Keila Cristina Ribeiro, Carline Piva, Carolina Apolinario Cardiolli e Mônica Ramos. | Foto: Acervo pessoal



Desde pequena, antes mesmo de começar a dar aulas em uma escola de inglês, aos 13 anos, Tati já sabia que Jornalismo era o Curso que desejava e, se fosse preciso, continuaria tentando até passar no vestibular. Depois de um tempo, entendeu o motivo: “meu propósito de vida é compartilhar conhecimento”.

Quando entrou na faculdade, pensou que trabalharia em jornal impresso. A área de rádio nem passava por sua cabeça, mas na primeira disciplina se apaixonou “loucamente”. Tanto que ganhou um prêmio de primeiro lugar na IV Expocom Nacional, em 1997, em Santos (SP), com o programa *Golpe Militar de 64*.

Tatiana e o professor Eduardo Meditsch recebem o prêmio de 1º lugar Programa de Rádio, com o trabalho *Golpe militar de 64*. | Foto: Acervo pessoal



Ela se testou e se aventurou em várias áreas. Participou do Universidade Aberta no Rádio e na TV, um projeto de extensão do Jornalismo da UFSC que criava conteúdo para a *TV Anhatomirim*, afiliada da *TV Cultura* na época. “Minha mãe me assistia de casa”. Participou de um projeto do CNPq e fez o primeiro site do Curso de Jornalismo, assinado pelo professor Nilson Lage. A *Home Page* ganhou Menção Honrosa no V Expocom Nacional, na categoria Multimídia, em 1998. Acredita que aproveitou da graduação o máximo que pode, mas hoje, com um olhar mais maduro, acha que “devia ter aprontado mais”, era muito “certinha”.

O Curso de Jornalismo da UFSC tem o diferencial de oferecer aulas práticas desde o primeiro semestre. Essa era uma das características de que mais gostava. “Lembro que a gente saía com as camerazinhas F1000, sei lá... eram umas câmeras muito velhas, para tirar fotos e revelar no laboratório. Isso, para mim, era muito mágico!”, relembra.

O “tatatatatatata” ouvido por quem passava pelos corredores do Departamento anunciava que dentro das salas já estavam em aula: eram as máquinas de escrever. No início da transição para era digital, os únicos computadores eram usados para a editoração.

Aula de Redação para a rádio, em março de 1996. Na frente, Camila Gouvea Manfredini e Ana Cristina de Oliveira. | Foto: Acervo pessoal



No Laboratório de Telejornalismo, não havia Teleprompter (equipamento acoplado às câmaras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador), os apresentadores decoravam todas as falas. Nos Laboratórios de Rádio, as fitas cassetes eram cortadas e colocadas durante a edição. “Se no final a gente descobria que o áudio estava desconectado, tinha que gravar tudo de novo. Era uma loucuuuura”. Professores e alunos aprendiam juntos. Pediam ajuda até ao pessoal de informática. Ganhavam manuais e iam se aperfeiçoando. “No final, a gente já ria da gente mesma por usar máquina de escrever”.

Quase terminando sua passagem pela UFSC, Tati e Carol fizeram o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com ajuda dos alunos de Tecnologia da Informação. Numa época em que estavam começando a usar *hyperlink*, “a gente fez um CD-ROOOOOOOOM! Links... CLICÁVEIS!”. Vinte anos depois do CD-ROM as amigas estão juntas novamente em um projeto de *startup*. Tatiana e Carolina estão desenvolvendo uma espécie de “Netflix do Jornalismo”. Uma plataforma onde uma única assinatura possibilita o acesso a conteúdos de vários jornais.



Tatiana e Carolina na defesa do TCC inovador, o CD-ROM *Um mergulho nas ilhas de Santa Catarina*, orientado pela professora Maria José Baldessar, em novembro de 1999. | Foto: Acervo pessoal



Nos anos 1990, era tudo feito à mão, inclusive os bilhetinhos trocados pelas meninas durante as aulas. Escrever à mão é um hábito que Tati mantém ainda hoje, como anotar tudo em um caderninho. Esse costume chamava a atenção de Janine Saporana, sua chefe na *Lead Comunicação e Sustentabilidade*, de 2004 a 2006, em São Paulo. “Ela sempre falava: espera aí que vou pegar meu caderno ou espera aí que tenho anotado”, lembra Janine. Questionada sobre o hábito de escrever, ela garante: “eu tô sempre com um caderninho. Na bolsa tem um. Eu não consigo viver sem”. No mestrado conseguiu criar o hábito de ler *online*, mas foi apenas no segundo mês de aula. No primeiro, imprimiu os textos para rabiscar. “Eu gosto de escrever, né? Com a mão!”. Na *Lead*, levava livros e apostilas da faculdade para o trabalho sempre que precisava tirar alguma dúvida.

Dúvidas, tinha muitas. Principalmente quando chegou em São Paulo, em 2000, e viu seus antigos veteranos voltando para Florianópolis. “Eu pensava: como ele tá voltando pra Floripa???”. Mais tarde entendeu. Sentia falta da Ilha.


Sempre gostou muito de Florianópolis e teve dificuldade de viver em outra cidade, ainda mais uma que nunca dorme. “São Paulo é uma cidade que suga muito”. Nos finais de semana não queria ver ninguém e escutar

nenhum barulho. “Não aguentava mais aquele ‘zzzzzzzzzzzz’ o tempo todo”. Até para alguém que é ligada no 220v, às vezes falta energia. Quando foi para São Paulo, ela ainda sonhava em ser “a jornalista”, um destaque nacional. Com o tempo, só queria ter uma vida tranquila e o direito de ir e vir à praia. “Tem gente que se adapta e tem gente que não. Eu não me adaptei”.

Foi para São Paulo assim que se formou, quando a internet estava se consolidando. Seu padrinho disse que aquela era a hora de ir, porque todos os veículos estavam contratando. “Vem pra cá!”. Ela foi. Por diferentes motivos, as amigas da faculdade também foram e a amizade se fortaleceu. Moravam todas no mesmo prédio, em apartamentos de frente um para o outro, como se fosse *Friends* (série famosa na década de 1990), “a gente deixava as portas abertas”.

A selva de pedra pode até ser intimidadora, mas se engana quem acredita no *rapper* brasileiro Criolo, quando ele diz que “Não existe amor em SP”. Entre o grupo de amigas, Carol diz que “Tati sempre foi a mais careta”. Gostava de namorar e sempre soube que seria mãe. Tanto que, quando Camila e Carol fizeram um mochilão pela Europa, em todas as igrejas que entravam acendiam uma vela para Santo Antônio, pedindo um namorado para ela. Tatiana fazia o mesmo em sua viagem ao Canadá e aos Estados Unidos. Uns dez dias após o retorno, em São Paulo, conheceu um “amigo de uma amiga”, que virou o pai dos seus dois filhos, com quem viveu por 13 anos. “E deu certo! Tanto que meu filho é Antônio”, brinca.

Os filhos nasceram em Floripa. “É aqui que me sinto em casa”. Ela se considera manezinha, apesar de ter vindo para cá apenas aos oito anos. Sua família é do Rio Grande do Sul, mas ela nasceu por “erro de percurso” no Rio de Janeiro. Na época, seu pai estava fazendo mestrado lá. Ela julga ser de uma “família intelectual”. Sua mãe e sua irmã também estão sempre envolvidas com estudos. Esse é um dos motivos pelo qual nunca parou de estudar. Apesar da sensação diferente que sente ao voltar à UFSC 20 anos de depois de formada, ainda lembra de muita coisa. Sentada em um banco no *hall* da Reitoria, é interrompida: “moça, sabe onde fica o prédio do CFH, da Psicologia?”. “Lááááá! Lá atrás! Se ainda é lá, né? Eu acho que ainda é”, responde, apontando com o dedo.



O carinho que sente pelo Curso transparece em seu olhar quando fala sobre as lembranças da faculdade. “Quando eu cheguei em São Paulo era uma moleca, mas era uma profissional porque eu já tinha bagagem. E quem me deu essa bagagem foi a UFSC e os professores com os quais tive a oportunidade de aprender muito”. Hoje, percebe que nas bagagens, em 1998, não havia só sonhos.



**TATTIANA  
GONÇALVES  
&  
TEIXEIRA**

# "EU SOU CERTINHA, MAS UMA CERTINHA ANÁRQUICA"

*Evelyse Porto*



Tattiana em frente ao Prédio I da Reitoria da UFSC.  
| Foto: Emily Leão

O décimo quinto aniversário de Tattiana Gonçalves Teixeira se aproximava. A expectativa de Manuel Carlos, ou Carlito – apelido pelo qual o padrinho de Tattiana atendia –, era de que a afilhada quisesse um daqueles clássicos presentes que algumas jovens sonham ganhar ao completar 15 anos, como um anel solitário. Mesmo com a quase certeza, Carlito, um dia, decidiu perguntar:

– O que você vai querer de aniversário?

– Eu quero uma máquina de escrever. – respondeu uma decidida Tattiana.

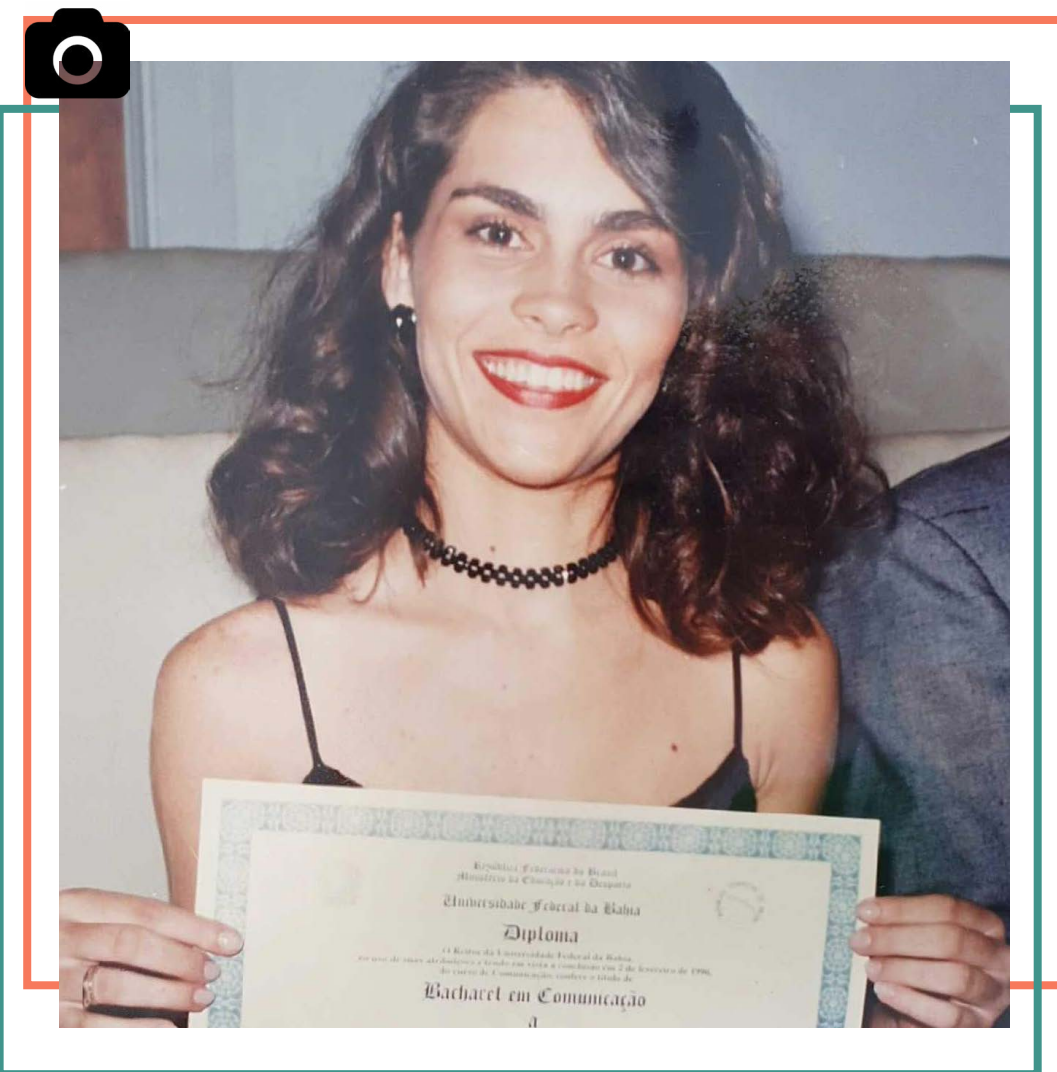
– Quê? –perguntou Carlito, incrédulo e confuso.

– É, ué. Eu quero uma máquina de escrever, porque quero ser jornalista.


A escolha profissional de Tattiana, professora associada do Curso de Jornalismo da UFSC há 14 anos, veio um pouco antes da conversa com seu

padrinho. Foi com um artigo publicado em uma revista adolescente, sobre a Perestroika (termo usado para a abertura econômica da União Soviética), que ela se apaixonou pela profissão. “Eu também vi algumas coisas [sobre o assunto] na TV, mas não entendi. Com o texto, eu compreendi e concluí que queria trabalhar com isso”.

A firmeza nas decisões sempre foi uma de suas características, bem como o gosto em trabalhar e estudar. Logo no primeiro semestre como graduanda em Jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quis ser bolsista de iniciação científica de um dos professores do curso. Durante uma aula, ele explicou que sua pesquisa era sobre as relações entre a Comunicação e a cultura na Bahia dos anos 1950, e ela se prontificou para ajudar na investigação. “Eu nem sabia o que diabos era PIBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica], porém, achei interessante. Levantei a mão e falei ‘eu também quero fazer isso aí’. Ele respondeu ‘mas você só está na primeira fase’, e eu ‘mesmo assim. Eu quero’”, relembra rindo.



O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Tattiana, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi uma análise histórico-discursiva do jornal *Correio da Bahia*. | Foto: Arquivo pessoal



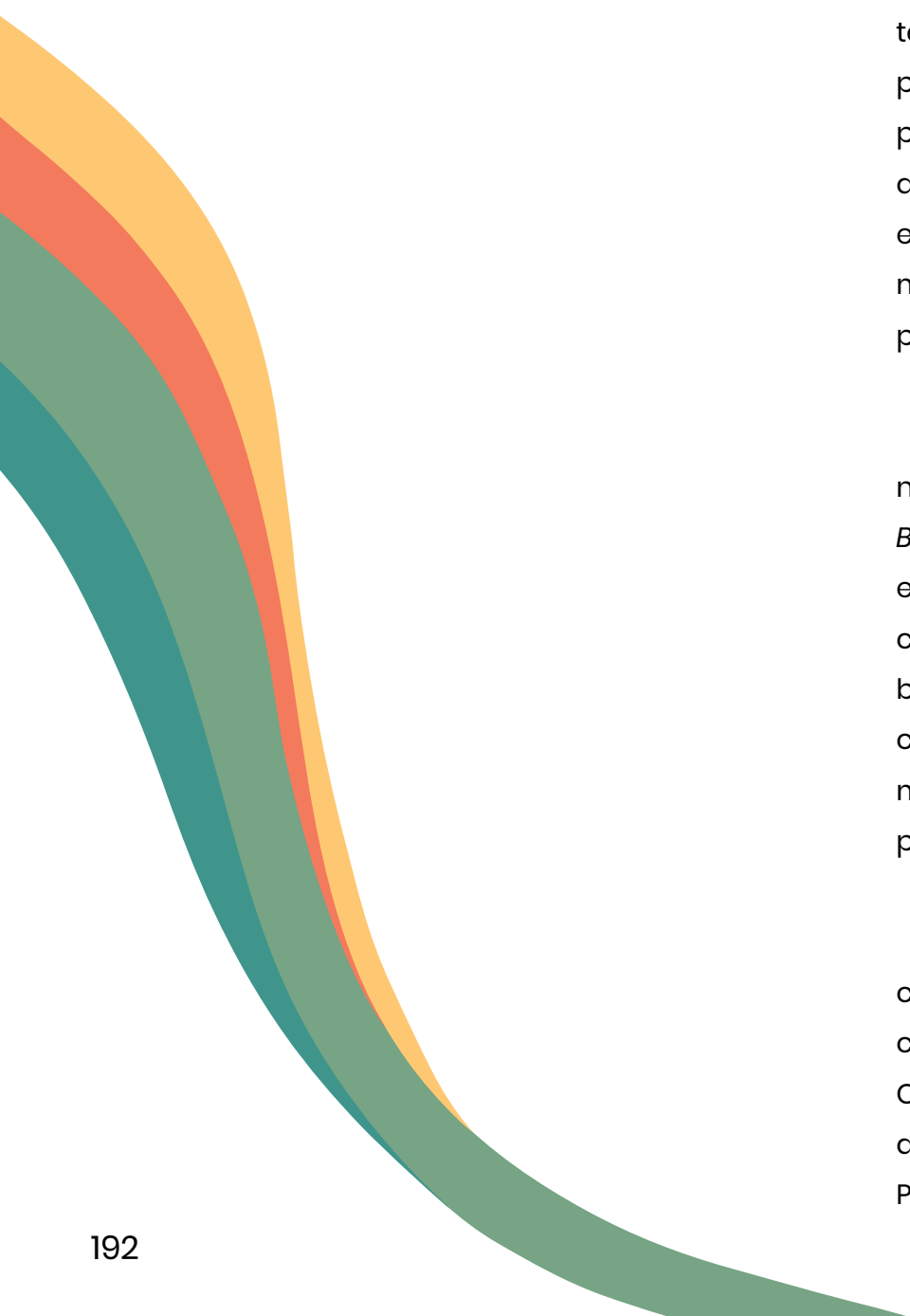
Quem convive com ela confirma sua determinação. “Quando ela decide, envia todos os esforços necessários para que dê certo”, afirma Mônica Celestino, amiga de Tattiana desde a faculdade. Em 1996, assim que concluiu a graduação, fez a escolha de continuar na academia, cursando o mestrado e doutorado na UFBA, onde ficou por dez anos.

Outra decisão certa foi a vinda para Florianópolis. Em 2004, um ano após concluir seu doutorado, visitou a Ilha para um congresso. Encantou-se com a tranquilidade da capital catarinense, e resolveu fazer concurso público para trabalhar no Departamento de Jornalismo da UFSC. Nessa época, já era casada e mãe de Júlia, de três anos.

Nem mesmo a descoberta de sua segunda gravidez a fez duvidar. Após realizar o concurso público da UFSC, ela e seu marido, o professor Elias Machado Gonçalves, com quem é casada há 18 anos, descobriram que Lucas estava à caminho. Mesmo com todas as adversidades, encarou o desafio, saindo sozinha de Salvador para assumir o posto de professora em Florianópolis.

O fator mais significativo para a sua escolha envolvia o fato de que, no mesmo período, o Departamento pretendia abrir o primeiro Programa de Pós-Graduação do Brasil voltado especialmente para a área do Jornalismo, o PPGJOR. Como queria contribuir com o processo de fundação, veio da Bahia a Florianópolis “de mala e cuia”. Em 2007, dois anos depois de entrar na UFSC, assumiu o cargo de vice-presidente da Comissão de Implantação do Programa. Naquele mesmo ano, assumiu a vice-coordenadoria do PPGJOR, cargo em que permaneceu até 2008. Foi professora do mestrado até 2012.

Ao iniciar seu trabalho na universidade, encarregou-se de quatro turmas de Redação logo no início. Elias, que já tinha uma carreira consolidada como professor na UFBA, viajava da capital baiana para Florianópolis a cada 15 dias. Ele só foi transferido para a UFSC um ano e meio depois, e “aí tudo se ajeitou”, lembra Tattiana. Esse período sozinha não foi fácil. “Houve momentos de eu estar em uma reunião de Departamento, ter que sair no meio, buscar o Lucas no NDI [Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC] e voltar à reunião com ele, porque precisava votar alguma coisa. Foi uma loucura”.



Por dois mandatos, de 2008 a 2010, e do mesmo ano até 2012, foi chefe do Departamento de Jornalismo. No primeiro mandato, Tattiana e seu vice, o professor Francisco José Castilhos Karam, enfrentaram o desafio da formalização da legislação interna do Departamento. “Existia uma legislação antes, mas ela foi se perdendo com o tempo. Os professores já estavam aqui há tanto tempo que virou uma tradição”. Para ela, o segundo mandato foi mais tranquilo; entretanto, afirma que os dois períodos foram de muito crescimento. “Eu aprendi muito sobre a universidade”.

Em 2010, também como chefe de Departamento, apoiou a fundação da *Comunica!*, Empresa Júnior (EJ) do Curso, e foi orientadora do projeto. Ela deu todas as diretrizes para a abertura da empresa, mostrando os trâmites necessários para a aprovação do colegiado e dos professores. Acompanhou as primeiras propostas a clientes e os primeiros trabalhos da empresa. “Desde o início, ela foi super aberta à ideia, e muito solícita. Íamos quase todos os dias conversar com ela por algum motivo [relacionado à empresa]”, conta Luiza Fregapani, uma das criadoras da *Comunica!*. Até mesmo a sede da EJ, localizada no primeiro andar do CCE, foi cedida pela professora, que abriu mão de parte da sua sala.

Não é só de ensino, pesquisa, extensão e administração que Tattiana vive. Trabalhou como repórter em empresas como o jornal *Correio da Bahia*, em 1996; entre os anos de 2012 e 2013, foi assessora no gabinete da então reitora Roselane Neckel. Até 2016 foi diretora da Agência de Comunicação da UFSC (Agecom). Para ela, esta última “foi uma experiência muito boa, do ponto de vista profissional, porque foi um novo contato com o mercado”. Nessa época, as redes sociais da UFSC passaram a ser usadas com maior frequência. “Foi possível trabalhar com novas linguagens e novos públicos, mesmo dentro de todas as limitações”.

O fato é que não se pode falar de Tattiana Gonçalves Teixeira sem mencionar seu envolvimento com as áreas de Infografia e Jornalismo Científico. Desde abril de 2006, ela coordena o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo Científico, Infografia e Visualização de Dados (NUPEJOC), projeto vinculado ao Departamento de Jornalismo. Inicialmente, seu nome era Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico; entretanto, como o foco



dos debates no núcleo se voltou principalmente à Infografia, o nome acabou mudando.

Na época da criação do núcleo, a Agecom já era referência em Jornalismo Científico, e no Curso havia uma disciplina sobre o tema que eventualmente era ofertada por outro professor do Departamento. Porém, não existia um grupo de pesquisa que estudasse as temáticas, e como Tattiana vinha de uma tradição de trabalho em núcleos de pesquisa, decidiu criar um que abordasse a Infografia no Jornalismo Científico. Os alunos, a princípio, eram voluntários, já que não havia bolsas PIBIC, e as reuniões envolviam discussões de textos. Graduandos de Jornalismo e Design podiam participar.

Com o tempo, o grupo foi sentindo a necessidade de colocar em prática os conceitos discutidos. Assim, no ano de 2010 surgiu o *Ciência em Pauta*, projeto de extensão vinculado ao NUPEJOC que contava com versões *online* e impressas. O *Ciência em Pauta* elaborava material jornalístico sobre produções científicas e tecnológicas da UFSC. O grupo também promoveu *workshops* e cursos sobre Divulgação Científica, sempre com apoio do Ministério da Educação (MEC), da Pró-Reitoria de Extensão da UFSC e da Agecom. Atualmente, tanto o *Ciência em Pauta* quanto o NUPEJOC estão inativos.

Ainda em 2010, Tattiana publicou o livro *Infografia e jornalismo - conceitos, análises e perspectivas*. Segundo ela, não havia bibliografia em português sobre Infografia e Jornalismo a partir de uma perspectiva de pesquisa, e “o livro seria importante para estimular novos trabalhos”.

Seis anos após o surgimento do *Ciência em Pauta* e da publicação do livro, decidiu realizar as atividades do núcleo de forma diferente. Desenvolveu uma Oficina de Divulgação Científica para jornalistas e estudantes de Ciências Biológicas da UFSC, com um diferencial: ao final, um produto jornalístico seria publicado na internet. A oficina ocorreu até julho de 2017, com a publicação do especial *Insetos, por que não?*, um multimídia que buscou desmistificar os insetos mostrando sua importância nos mais diversos contextos.

Foto tirada na última reunião da Oficina de Divulgação Científica, entre os anos de 2016 e 2017. Da esquerda para a direita: Evelyse Porto, Macelle Khouri, Luísa Scherer (acima de Macelle), Vera Helena, Tattiana Teixeira e André Amaral. | Foto: Arquivo pessoal



O fim da oficina coincidiu com a ida de Tattiana para Madrid, na Espanha, onde fez Pós-Doutorado na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED). Lá, teve a oportunidade de entrevistar alguns dos principais infografistas do mundo, além de debater com colegas espanhóis e aprofundar seus conhecimentos em Filosofia da Ciência, já que estava vinculada ao Departamento de Lógica, Historia y Filosofía de la Ciencia da instituição. “Eu voltei com muita coisa legal pra ensinar”.

Além das aulas na graduação em Jornalismo da UFSC, Tattiana integra, desde 2016, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (PPGICH), onde ministra a disciplina Teorias da História, da Cultura e do Indivíduo. | Foto: Emily Leão



Tattiana quer colocar esses conhecimentos em prática. O pós-doutorado e as experiências com a oficina de 2016 renderam frutos tão bons que pretende realizar novas atividades de divulgação científica. Ela está finalizando a segunda edição do livro *Infografia e jornalismo - conceitos, análises e perspectivas*, além de trabalhar em um segundo livro, sobre a história da Infografia no Brasil. No momento, os planos param por aí. “As pessoas acham que a minha vida foi muito planejada, mas não foi [nem é] bem assim”, conclui sorrindo.



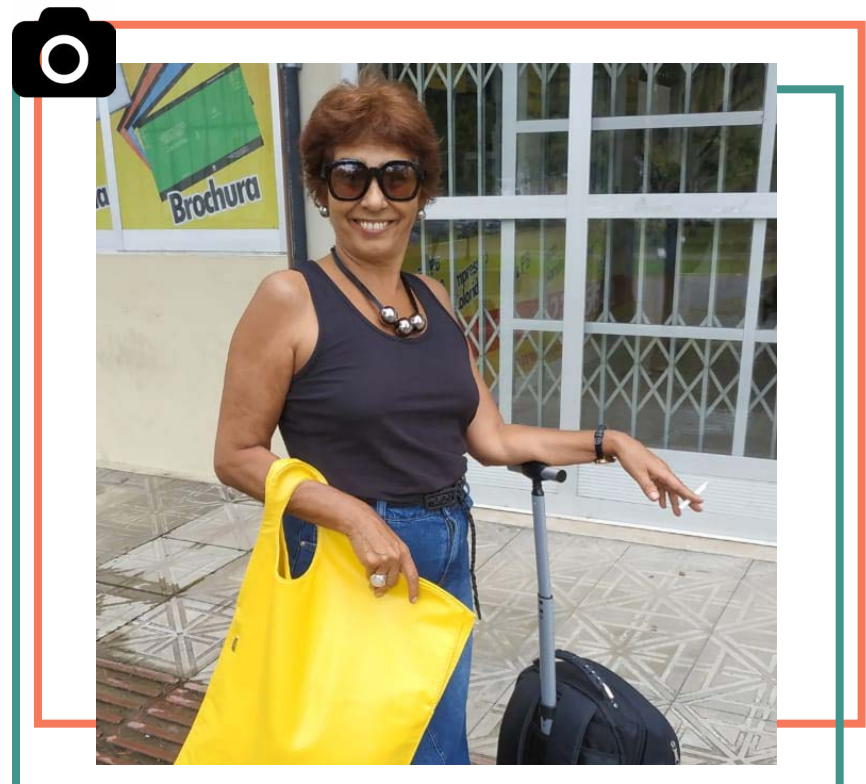
# VALCI ZUCULOTO

# A RAINHA DA RÁDIO PONTO

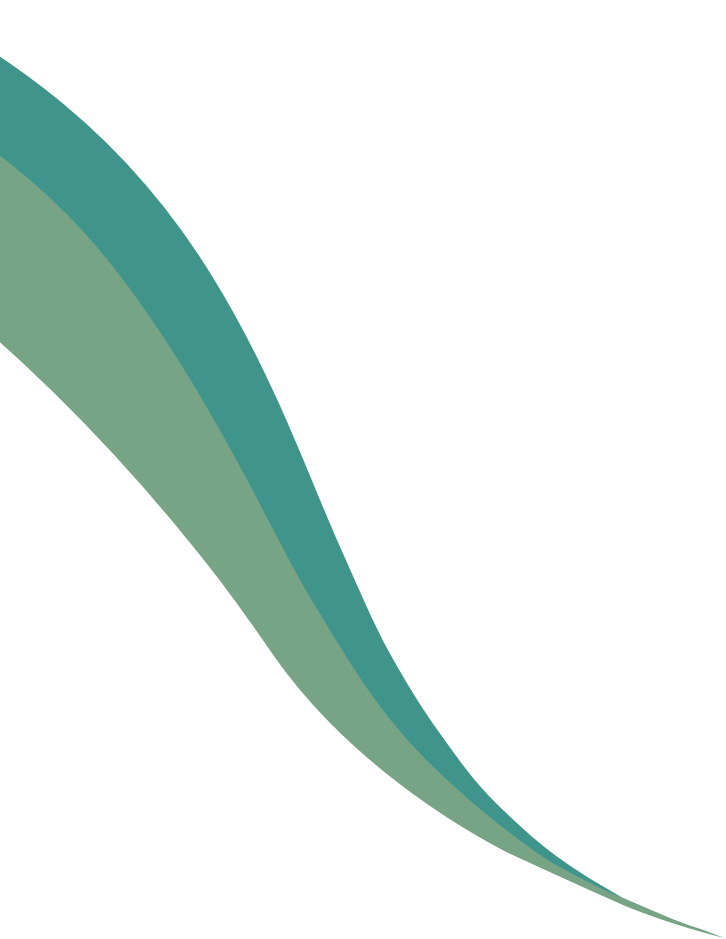
Lucas Stank

Uma mulher de estatura baixa, magra e aparentemente frágil torna-se uma gigante na sala 34 do Bloco A do CCE, da UFSC. Como boa radiojornalista, ela se faz ouvir: “ROQUEEE”, “GIOVANNI” [nomes, respectivamente, do técnico de som e do bolsista do Laboratório de Rádio] são as chamadas mais comuns de se ouvir nos dias em que Valci Zuculoto se encontra no seu “habitat natural”.

A sala onde leciona diversas disciplinas da área de Rádio tem a estrutura de uma redação, com vários computadores, equipamentos antigos utilizados em Radiojornalismo, como uma enorme mesa de som obsoleta, e uma estante cheia de discos de vinil, que vão desde Xuxa e Zezé di Camargo e Luciano até o *Sgt. Pepper* dos Beatles. Entre esses objetos também se destaca uma mala que ela carrega de cima para baixo com os livros que utiliza em suas disciplinas. O taca, taca, taca das rodinhas são o som que marca a chegada de Valci às suas aulas. A cena mais comum é ela no centro da sala, enquanto os alunos a observam atentos e absorvem toda a experiência que a professora tem a oferecer.



Valci e sua famosa mala de livros na entrada do CCE. | Foto: Lucas Stank



Nascida no Rio Grande do Sul, ela é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) e pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalhou em grandes jornais, como a sucursal de *O Globo* em Porto Alegre e em grandes rádios, como a lendária *Rádio Gaúcha*. Chegou na UFSC para ensinar Jornalismo no início da década de 1990.

Sentada em um banco em frente ao CCE, onde costuma ser encontrada nos intervalos fumando um cigarro e bebendo Coca cola, contou boa parte de sua trajetória acadêmica e profissional.

Escolheu Jornalismo pois sonhava em ser escritora. Quando fez o 2º Grau profissionalizante seguiu o curso de redatora auxiliar, que, segundo ela, era “um misto de jornalista, de secretário, era uma confusão”, mas gostava. O que aprendeu a incentivou a seguir a carreira de jornalista.

Valci prestou vestibular para Jornalismo e História em 1976, passou para ambos e cursou-os ao mesmo tempo. Além das duas graduações, na época já trabalhava como jornalista. “Iniciei na central do interior da *Zero Hora* e, depois de uns meses, fui para a *Rádio Gaúcha*. Aí eu não tinha mais como dormir, não sobrava tempo, por isso parei com a História na terceira ou quarta fase”.

Foi na cobertura da eleição de 1989, a primeira depois da ditadura, para *O Globo*, que Valci começou a cogitar a carreira acadêmica. “Foi um momento histórico que eu, como jornalista, acompanhei. Isso foi muito legal, mas ao mesmo tempo foi uma cobertura muito pesada”. Sabendo de sua exaustão, o ex-colega e amigo, Eduardo Meditsch, sugeriu-lhe que fizesse o concurso para ensinar Rádio no Curso de Jornalismo da UFSC. Valci pediu licença do *Globo*, no meio da cobertura da histórica eleição, para fazer o concurso. No final daquele ano foi chamada para dar aula no primeiro semestre de 1990.

Naquele momento precisou tomar uma decisão, pois ela havia sido convidada para ser coordenadora da editoria de política de *O Globo* em

Brasília, e para ser editora de política do extinto *Jornal da Tarde*, do *Estado*. Contudo, apesar das tentadoras propostas, escolheu ser professora. “Como eu tava precisando de um tempo para refletir sobre a profissão, pensei ‘eu vou passar um tempo em Florianópolis’”. Era para ser só por dois anos, mas já se passaram quase 30.

Ao chegar em Florianópolis, Valci conheceu um grande amigo e companheiro de sindicalismo, o jornalista e ex-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Sérgio Murillo. “Eu conheci a Valci no período em que eu estava mais à frente do sindicato dos jornalistas e ela fez concurso pra cá e passou a dar aula aqui e imediatamente se aproximou da direção do sindicato”. Além da aproximação sindical, os dois compartilharam a vida acadêmica e a militância política no Partido dos Trabalhadores (PT). Atuaram juntos em campanhas do partido, tanto profissionalmente como de forma voluntária. Sérgio a considera sua melhor amiga. Juntos vivenciaram muitos momentos importantes, e superaram dificuldades, como o falecimento de um amigo em comum, o professor Daniel Herz, que também lecionou no Jornalismo da UFSC.

Valci é atuante tanto na vida acadêmica como na sindical. Ela foi muito importante para a eleição de Sérgio para a presidência da FENAJ. “Mais do que me convencer, criaram [Valci e Fred Ghedini, que na época dirigia o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo] uma condição interna de maioria e depois de unanimidade em torno do meu nome”. Sérgio afirma que “não tem um sindicato, escola ou redação no Brasil que a Valci não tenha passado, e que essas pessoas não conheçam a Valci”.

Ouçã a entrevista de Valci ao *UpNotícias* sobre a necessidade de formação acadêmica para a prática jornalística.



Os amigos, como Sérgio, e os conhecidos do Rio Grande do Sul, foram de grande importância para sua adaptação na UFSC. Na década de 1990, muitos professores do Curso eram gaúchos e já conheciam Valci das redações, entre eles estavam: Sérgio Mattos, Francisco Karam e Eduardo Meditsch.


Eduardo e Valci têm uma história que se cruza em vários momentos, os dois foram colegas na UFRGS, na *Rádio Gaúcha* e no Curso de Jornalismo da UFSC. Foram casados por dois anos e mantêm a amizade e os projetos acadêmicos até hoje.

Ambos coordenaram o Universidade Aberta (UnAberta). O projeto de extensão começou em 1991, com um programa de rádio sobre a universidade, transmitido no horário nobre de uma rádio comercial, a *Rádio Cultura FM*. O programa de 15 minutos era gravado num rolo de fita e levado na noite anterior à transmissão, de ônibus, até a sede da *Cultura*.

O programa fez muito sucesso tanto dentro, quanto fora do ambiente universitário. Segundo o professor, esse sucesso se deveu à conjuntura da comunicação da UFSC. “Naquele tempo, a Agecom [Agência de Comunicação da UFSC] era muito frágil e acabou sendo a principal vitrine sobre a universidade”. Depois que a *Cultura* foi vendida, o programa da UnAberta foi para a *Rádio Barriga Verde* e, posteriormente, para a *CBN Diário*, última emissora a transmitir seus conteúdos.

Naquele momento, o projeto já tinha um espaço na *TV UFSC* e em alguns jornais impressos da cidade, o que lhe deu sustentação para continuar. Em 1997, a UnAberta criou um site na internet, o primeiro com atualizações diárias em universidades brasileiras e o primeiro site de notícias com atualizações diárias no estado de Santa Catarina. Essa inovação de Valci, Eduardo e outros professores aumentou a visibilidade do Curso e, por consequência, incentivou a Reitoria a dar mais verba para a compra de equipamentos. Eduardo lembra que, no auge do projeto, havia 30 bolsistas e seis professores trabalhando. “Era uma grande redação multimídia focada nisso”.





Para Valci, o principal momento do UnAberta foi quando os bolsistas do projeto foram à Brasília, para cobrir a tramitação da Reforma da Previdência, em 2003, diretamente do Congresso Nacional. Os estudantes ganharam credenciais e tiveram o próprio espaço de trabalho dentro do Congresso, juntamente com profissionais de jornais da grande mídia brasileira. Outro projeto que foi viabilizado pelo UnAberta foi a *Rádio Ponto UFSC*, uma webrádio universitária, com conteúdo noticioso educativo e cultural.

A ideia dessa webrádio, que completou 20 anos em 2019, teve origem em um TCC de duas bolsistas da UnAberta, orientadas por Eduardo, e que afinal foi colocado em prática. “Elas pesquisaram como funcionava a rádio na Internet, quais *softwares* a gente precisava, pensaram um tipo de programação e nós criamos a *Rádio Ponto*”, recorda o professor.

No ano de criação da *Rádio Ponto*, Valci tinha se afastado da UFSC para trabalhar na *Rádio Cultura FM* de Porto Alegre (onde ficou de 1999 até 2003). Porém, desde que voltou, é quem se responsabiliza pela coordenação da rádio, ajudando e colocando-a, juntamente com estudantes e técnicos, no ar todos os dias, com informação, diversão e grandes coberturas como eleições gerais, Copa do Mundo e a Semana de Pesquisa e Extensão (SEPEX) da UFSC.

Giovanni Vellozo, bolsista da *Rádio Ponto*, é quem trabalha ao lado de Valci desde o primeiro semestre de 2017. Ele diz que ela é uma ótima chefe. “Eu acho que foi um ótimo trabalho, a Valci tem esses momentos de dizer que vai te demitir pra sempre [uma brincadeira da professora que acontece quando alguém faz algo de errado], mas eu nunca senti uma pressão a níveis extremos”. Para ele, Valci sempre é compreensiva com as questões dos bolsistas do laboratório, mesmo com algumas “broncas épicas”. Apesar de muito atarefada, divide seu tempo entre as aulas, os projetos de extensão, a pesquisa, e a vida sindical, sempre está atenta ao trabalho no laboratório.

Uma grande característica da personalidade da professora em suas relações com colegas, bolsistas e alunos, é o carinho e a descontração. Um lugar onde essa descontração fica registrada é o grupo dos bolsistas da

Rádio no *Facebook*, onde ficam as atas das reuniões e, por consequência, as grandes frases de Valci. Um grande exemplo disso aconteceu no dia em que ela carinhosamente chamou o técnico de som Peter Lobo, seu colega de trabalho há seis anos, de “momoso”.

No Laboratório de *Rádio da UFSC*, Valci (no centro) acompanhada (à esquerda) pelo técnico de rádio Zé Maia, Giovanni Vellozo e Natália Walter, no primeiro semestre de 2019. | Foto: Acervo pessoal



Com o mesmo carinho que trata seus colegas de trabalho e estudantes, ela lembra de seus alunos do passado. Dentre os nomes mais conhecidos, estão Yan Boechat, jornalista que trabalha para a *Band*; Laine Valgas, apresentadora do *Jornal do Almoço da NSC TV* (afilhada da *Globo* em Santa Catarina), e Matheus Boaventura, repórter da *CBN Diário* de Florianópolis.

A sensação é de missão cumprida. “É isso que eu quero, eu batalho pelo Jornalismo”. Olhando para trás, Valci diz não se arrepender de ter vindo para UFSC e deixado passar a oportunidade de trabalhar em Brasília. “Eu ganhei muito mais e consegui dar muito mais”. Com certeza, não só Valci, mas todo o Jornalismo brasileiro ganhou muito com essa decisão.



**VANESSA PEDRO**

# UMA JORNALISTA PROFESSORA EM CONTÍNUA FORMAÇÃO

Ana Luíza Pedroso

“Eu decidi que queria fazer Jornalismo, eu decidi que queria morar sozinha, decidi que queria fazer mestrado e doutorado, decidi ter um filho”. E assim é a vida de Vanessa Pedro, jornalista, graduada pela UFSC em 1997. Segundo sua mãe, Nilva Maria Lehmkuhl Pedro, ela é uma mulher que sabe o que quer e que compra briga se for necessário.

Seus pais nunca lhe impuseram nenhuma carreira profissional, mas, na adolescência, estava claro que ela queria fazer uma graduação. Jornalismo era uma das opções. O que a encantou na profissão, embora não soubesse na época, eram as entrevistas, o contato com o público e as diferentes histórias que perpassam a vida dos jornalistas. A graduação de Arquitetura e Direito ficaram de lado. Seu pai ainda hoje acredita que ela deve estudar Direito para complementar sua formação, mesmo depois de ter cursado dois pós-doutorados.

A herança que sua família deixou não foi material, mas sim a educação, algo que acompanhou toda a vida de Vanessa. Concluiu o ensino primário em escola particular, logo depois ingressou no Instituto Estadual de Educação (IEE) e foi da primeira turma de ensino médio integral. O sucesso da aprovação no vestibular da UFSC no primeiro semestre de 1993, em uma única tentativa, é creditada à escola pública de qualidade.

A escolha pela UFSC foi fácil. “A UFSC sempre foi referência, foi uma grande alegria ela cursar a graduação lá”, destaca seu pai, Manoel Pedro. Os seus colegas também tinham o mesmo pensamento, ingressar na UFSC era um sonho para quase todos os seus amigos do tempo do colégio.

No Curso de Jornalismo, Vanessa fez parte da geração que viveu a transição tecnológica do analógico para o digital. Como o Curso foi sendo equipado paulatinamente, enquanto uns laboratórios ainda usavam má-

quina de escrever, outros já tinham a “tela branca”, que facilitava o trabalho. Assim, diminuíram significativamente a quantidade de laudas rasgadas por alguns erros.

Vanessa, na área externa do Curso, fazendo apuração para uma de suas matérias. Ao seu lado, o jornalista Sérgio Murillo. | Foto: Acervo pessoal



Uma vez dentro da universidade, ela não quis mais sair da vida acadêmica. A carreira de pesquisadora começou cedo. Como aluna dedicada, sempre participou dos projetos de extensão. Um deles foi o Universidade Aberta, que ampliou seus conhecimentos e fez com que se aproximasse da coordenadora do projeto, a professora Valci Zuculoto. “Eu vivi a universidade”, conta com orgulho sobre o seu tempo no Curso, “chegava de manhã e ia para casa à noite”. A vontade de unir o Jornalismo com os projetos acadêmicos já estava presente naquela época.

A sua turma, a 1993.1, ficou conhecida por um episódio que deixou marcas no Departamento. Em junho de 1996, no mês de orgulho gay, foram fixados cartazes nos murais para apoiar a causa. Esses panfletos foram vandalizados com a frase “morte à viadagem”. Logo em seguida, para levantar o contraponto, foi produzido um jornal mural, sem assinatura, intitulado *O cretino*. Os assuntos abordados tinham incitação ao ódio, em tom humorístico, principalmente contra homossexuais.

O acontecimento parou o Curso para um momento de reflexão e debates sobre diversos aspectos éticos da produção jornalística. Duas correntes se formaram, uma argumentava que censurar o conteúdo seria uma forma de violar a liberdade de expressão dos alunos. Outra defendia que o conteúdo com tom machista e homofóbico feria a ética jornalística e as individualidades. Abriu-se então um espaço de debate, foram trazidos juristas e professores para fomentar a reflexão com a seriedade necessária.

Vanessa liderou, junto com seus colegas, o grupo que mostrou a importância de que conteúdos com esse teor não fossem produzidos por profissionais do Jornalismo. O seu grupo de amigos conseguiu levar a situação à Reitoria da universidade, que abriu uma sindicância para apurar quem eram os autores de *O cretino* e averiguar a forma como tinha sido feito o jornal.

Por mais que o conteúdo não tenha sido assinado, os alunos conheciam os responsáveis pelos textos e isso quase fez com que a turma tivesse duas formaturas. A ideia era separar os alunos que criaram *O cretino* dos que não concordavam com a posição do jornal. Os alunos que não assumiram nenhum posicionamento sobre a produção apaziguaram a situação e a turma 1993.1 teve uma única formatura.

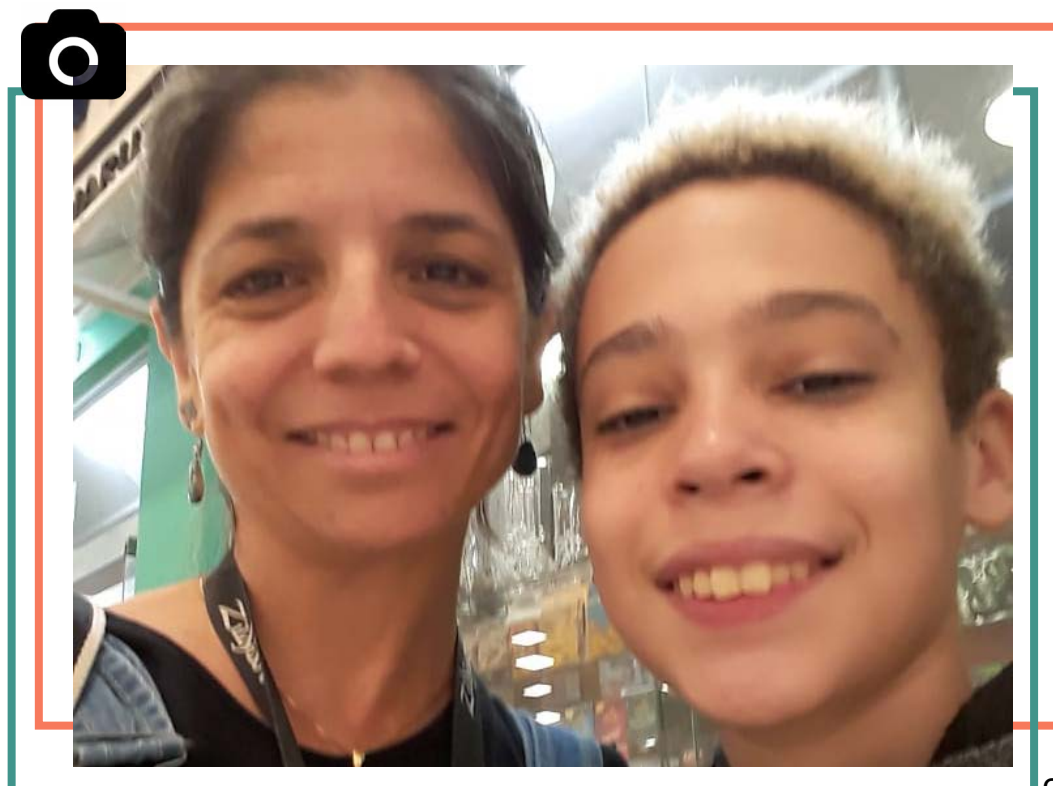


Formatura de Vanessa Pedro, em 1997, junto com todos os integrantes da turma. | Foto: Acervo pessoal


A discordância de ideias e abertura do debate consolidou o Curso como um lugar em que todas as existências devem ser respeitadas. Esse foi o seu legado. Na época, a discussão sobre igualdade estava entrando em pauta dentro do Curso de Jornalismo. A professora Sônia Maluf, por exemplo, oferecia uma disciplina optativa chamada Comunicações e Relações de Gênero, dedicada a esse campo de conhecimento.

Logo depois de formada, Vanessa começou a atuar como jornalista. Apesar de não ter ingressado no mercado de trabalho durante a graduação, conseguiu seu primeiro emprego como assessora de imprensa no Sindicato dos Servidores Públicos Federais (SINTRAFESC) alguns meses após a formatura. Aos 22 anos, com diploma em mãos e carteira de trabalho assinada, foi tempo de dar o próximo passo: sair da casa dos pais e conquistar a sua independência.

Mesmo com sua carreira encaminhada, o campus da UFSC ficava próximo à sua casa e ela sentia o desejo de retornar. A decisão de ingressar no mestrado veio dois anos depois de sua formatura, a sua carreira de pesquisadora estava só começando. Em 2001, conquistou o seu diploma de mestra e, em 2007, se tornou doutora. No mesmo ano recebeu outro título, um dos mais importantes de sua vida: mãe do Gabriel.



Vanessa com seu filho, em 2019. Hoje ele tem 12 anos e é a grande inspiração para seus trabalhos acadêmicos e pessoais. | Foto: Acervo pessoal



As suas pesquisas acadêmicas foram realizadas no Programa de Pós-Graduação de Literatura da UFSC, mas sempre voltadas para o diálogo com o Jornalismo e as entrevistas. No mestrado estudou as narrativas a respeito dos negros na Guerra do Paraguai. Seu doutorado foi dedicado às histórias dos contadores de histórias: os jornalistas brasileiros que fizeram coberturas da Guerra do Iraque. Na época do doutorado desenvolveu sua investigação, durante um ano, na Birkbeck College, em Londres.

As pesquisas não pararam por aí, Vanessa fez um pós-doutorado em História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Para complementar, fez outro pós-doc em Letras na Universidade de São Paulo (USP), que teve como produto final sua pesquisa em audiovisual *Guerra.doc: entrevistas sobre cobertura de guerra*. A investigação para o documentário foi realizada na Universidade de Columbia, em Nova York, ali participou como *visiting scholar*, acadêmico visitante que busca aprimorar seu trabalho na universidade estadunidense. Na época em que esteve nos Estados Unidos, já era mãe e aproveitou para mostrar novos horizontes ao seu filho. “Fiquei um ano lá, me virando só com o Gabriel”, que na época tinha seis anos.

Vanessa é professora de Jornalismo, Publicidade e Propaganda na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), desde 2015. Ministra aulas de Audiovisual, Jornalismo e Literatura, entre outras. Ela diz que leva consigo e passa para seus alunos o que aprendeu com seus professores na época da graduação, como, por exemplo, o rigor na apuração, a seleção de fontes, a leitura, a ética profissional e a linguagem, principalmente a radiofônica.

Mesmo trabalhando como docente, nunca saiu do mercado jornalístico. Continua fazendo trabalhos como *freelancer* para diversos meios. “Tem gente que acha que o mercado está à frente da universidade, mas eu não acredito nisso. Para mim, a universidade é um espaço de vanguarda, um lugar de laboratório, para experimentar novos formatos”.

Para ela o Jornalismo é uma profissão privilegiada, que ainda possui um papel protagônico na sociedade. “Nós temos que nos apropriar da prática como intelectuais, nos apropriar da palavra e não nos afastar dela, porque a produção jornalística é, sim, uma prática intelectual”. Portanto, a prática



precisa ser bem fundamentada, com apurações bem feitas e não de forma rasa. A produção de conteúdo deve ampliar o conhecimento das pessoas.

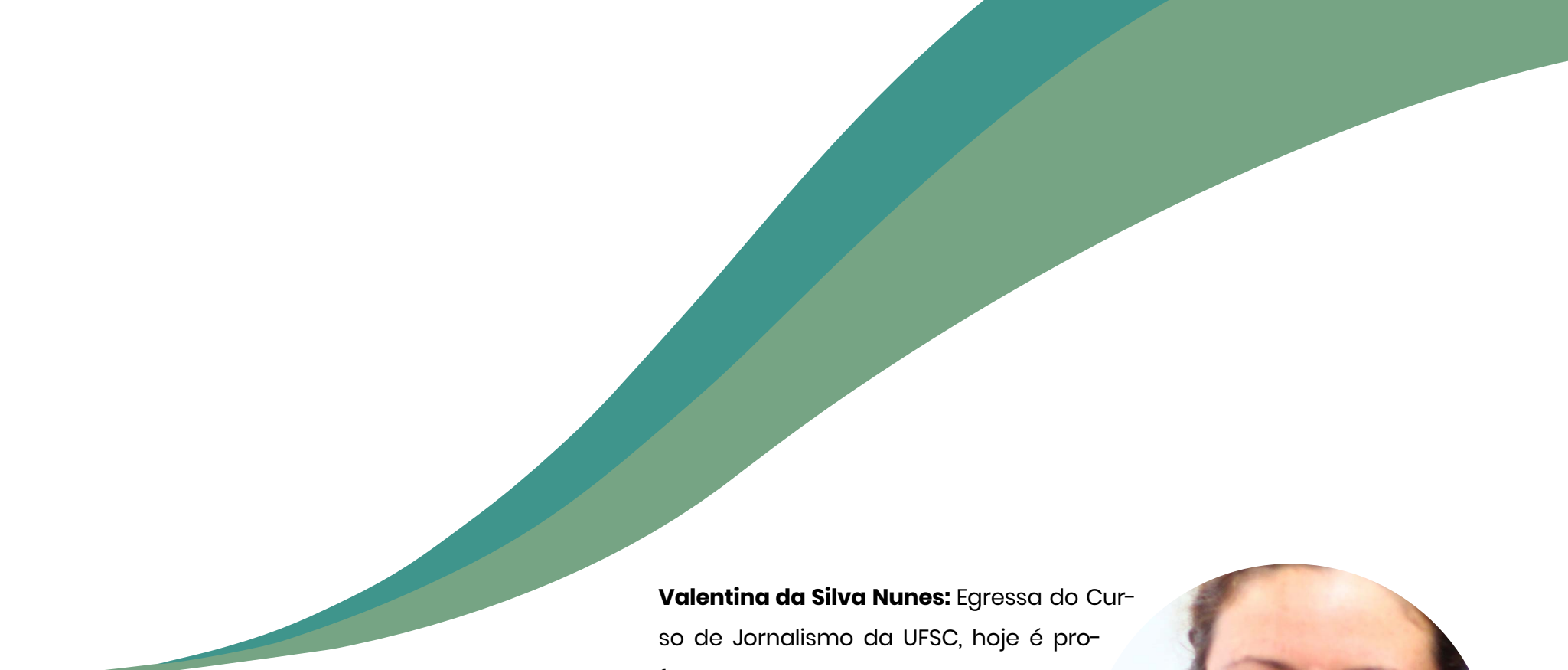
Como professora, busca incentivar os alunos a investir em produções transmídia, o que, segundo ela, os estimula a prestar atenção em novos formatos e modelos, observando as tecnologias emergentes como facilitadores do seu trabalho. Assim foi com ela quando, na década de 1990, os computadores foram incorporados às salas de aula do Curso da UFSC. O processo ensinado por ela em suas disciplinas também busca fazer a integração dos meios *offline* em conjunto com os conteúdos disponibilizados *online*, sendo um complementar ao outro.

Apesar de todas as qualificações, Vanessa ainda quer fazer mais uma pesquisa voltada especificamente para entrevistas. A vontade de continuar sempre se aprimorando fica evidente em todos os campos da sua carreira profissional. “Ainda estou aprendendo a escrever. Se você considerar que já sabe de tudo, vai perder a oportunidade de aprender muita coisa”.

## AS ORGANIZADORAS

**Melina de la Barrera Ayres:** Formou-se em Jornalismo na Universidade Católica do Uruguai. Em Montevideu, trabalhou como repórter de TV e assessora de imprensa em diversas organizações. Veio de “mala e cuida” - como dizem os gaúchos - para Florianópolis em 2007, perseguindo o sonho de continuar sua formação. Naquele ano ingressou na primeira turma do Mestrado em Jornalismo da UFSC, logo fez o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, também na instituição. Em 2016 voltou ao JOR UFSC como pós-doutoranda e dali não saiu mais. Docente do Curso de Jornalismo desde 2017, ano em que iniciou o trabalho como substituta, foi efetivada na UFSC em 2018. Tem se dedicado às disciplinas da área de Apuração, Redação e Edição. Nesse percurso, a escrita de perfis, na disciplina da terceira fase, tem sido uma experiência riquíssima, que oportuniza a produção jornalística voltada às histórias de vida.





**Valentina da Silva Nunes:** Egressa do Curso de Jornalismo da UFSC, hoje é professora no mesmo Departamento em que se formou em 1985, sob a batuta dos docentes que primeiro lhe mostraram o papel transformador do Jornalismo: mestres como Adelmo Genro Filho, Daniel Herz, Sergio Mattos e Eduardo Meditsch, todos homenageados neste livro – entre outros. Doutora em Literatura, depois de ouvir muitas histórias e escrever outras tantas em jornais e revistas de Santa Catarina e de São Paulo, em 2017 deixou o mercado de livros, onde trabalhou por 15 anos, decidida a contribuir com a tradição de um Curso lembrado por formar jornalistas cidadãos.



## OS REPÓRTERES

**Ana Luiza Pedroso:** Estudante de Jornalismo da quarta fase, entrou no Curso com o sonho de contar boas histórias. Ao escrever o perfil de Vanessa Pedro, teve a oportunidade de fazer o que tinha se proposto antes do início da graduação.



**Amanda Regina Rosa:** Aluna da oitava fase, simpatizou com diversas áreas do Jornalismo ao longo do Curso, mas manteve na escrita a sua maior paixão. Escolheu perfilar as irmãs Luna, Laryssa e Nayara porque acredita que os estudantes são parte importante da história do Curso e que trajetórias de quem passou por ele precisam ser contadas. Além disso, possui afinidade com temáticas relativas às mulheres.

**Bianca Nery:** Amante de histórias cativantes, a escolha de Bianca Nery pelas perfiladas não poderia ser diferente: Raquel e Luara Wandelli são mãe e filha, jornalistas que se formaram pela UFSC. Ambas trilham um caminho de revolta contra as injustiças, o mesmo de Bianca, que escolheu produzir esse perfil duplo no primeiro semestre de 2019, quando cursava a disciplina Apuração, Redação e Edição III.



**Evelyse Porto Ferraz:** É estudante da quarta fase de Jornalismo na UFSC. Escolheu perfilar Tattiana Teixeira por possuir grande carinho e admiração pela docente. Tattiana foi uma pessoa importante na decisão da aluna de trocar de graduação, de Ciências Biológicas para Jornalismo.

**Fernanda Kleinebing:** Entre teoria e prática, a aluna da quinta fase do Curso descobre, na escrita, a melhor forma de fazer e expressar o Jornalismo. Ao perfilar Eduardo Meditsch, sentiu-se mais próxima da profissão, compreendendo a importância do estudo de uma teoria aplicada ao Jornalismo.



**Gabriel Guimarães:** Cursa a quinta fase de Jornalismo. A escolha de escrever sobre o professor Serginho se deve ao nome dado ao Laboratório de Telejornalismo, o LabTele, onde mais esteve durante seu período na universidade. A apuração foi de descobertas de grandes afinidades, que deixaram ainda mais prazerosa a experiência de conhecê-lo mesmo após sua morte.



**Gabriele de Oliveira da Silva:** Desde que entrou no Curso, Gabriele sempre viu na professora Gislene Silva uma inspiração como mulher, jornalista e professora. Escrever o perfil foi uma experiência um tanto difícil, mas que aumentou ainda mais sua admiração pela docente. Atualmente cursa a quarta fase de Jornalismo.



**Gabrieli Schlickmann de Melo:** Em Apuração, Redação e Edição III, no primeiro semestre de 2019, escolheu perfilar Tatiana Tombini Wittmann, devido a um interesse em comum: sustentabilidade. Conhecer um pouco mais sobre a história de Tatiana e seu propósito de compartilhar conhecimento influenciou Gabrieli a tomar decisões importantes em sua vida.

**Georgia Rovaris:** Atualmente está na quarta fase de Jornalismo na UFSC. cursou a disciplina de Apuração, Edição e Redação III no primeiro semestre do ano de 2019. Escolheu Zeca Pires para ser o seu perfilado na disciplina. Apesar de simpatizar com a escrita, sentiu dificuldades na elaboração do perfil, pois não queria fazer algo comum. No final saiu satisfeita com o resultado.



**Iraci Helena de Oliveira Falavina:** cursou a disciplina de Apuração, Redação e Edição III no primeiro semestre de 2019. Apesar de sempre ter gostado de escrever, sentiu que não deu tudo de si na disciplina. As reportagens do semestre foram um desafio pessoal, mas que acabaram tendo um resultado surpreendente. Jornalismo ainda é sua grande paixão.





**Julia Breda:** Cursa a quarta fase de Jornalismo e escolheu fazer sua reportagem-perfil sobre Jade Gandra, para a disciplina Apuração, Redação e Edição III. Sempre teve afinidade com a escrita, mas o perfil foi um desafio à parte: como colocar a essência de uma pessoa em quatro páginas? No fim, adorou conhecer a história de vida de Jade e ficou satisfeita com o resultado final da reportagem.



**Leon Ferrari:** É estudante da quarta fase de Jornalismo. Optou por fazer o perfil da professora Isabel Colucci para a disciplina Apuração, Redação e Edição III. Mal sabia ele que se apaixonaria pela história dela e por fazer perfis. A convite da professora Melina Ayres, também reconstruiu a trajetória da professora Maria José Baldessar no Curso.

**Luana Moreno:** Cursa a quarta fase do Jornalismo UFSC. Escolheu fazer o perfil de Luiza Fregapani, ex-aluna do Curso, pelo fato de Luiza ter fundado a *Comunica!* Empresa Júnior de Jornalismo, em que Luana é, atualmente, diretora de marketing e comercial. Conhecer a história da *Comunica!* através da trajetória de uma das fundadoras da EJ foi uma experiência incrível.



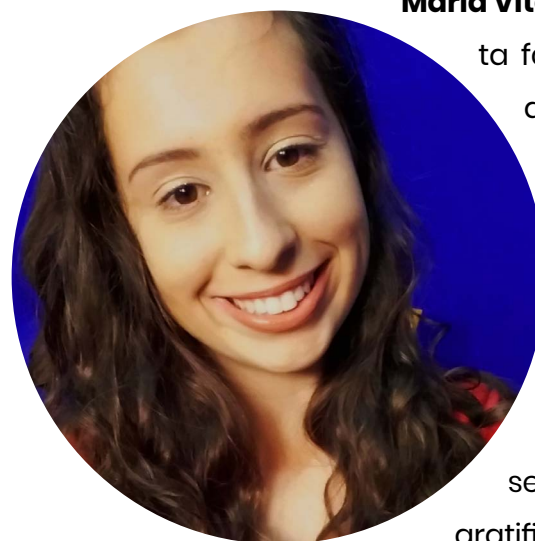
**Lucas Vinicios Stank da Silva:** É estudante da quarta fase do curso de Jornalismo. Optou por fazer o perfil de Valci Zuculoto por ter certa afinidade com a professora e lembrar carinhosamente das aulas de rádio que ela lhe deu em seu semestre como calouro. Para Lucas, foi engrandecedor e muito divertido descobrir sobre esta lenda viva do rádio sob vários pontos de vista. Segundo ele, a produção do perfil fez dele um repórter melhor.



**Maria Gabriella Schwaemmle:** A aluna da sétima fase do Curso de Jornalismo tinha escolhido Dona Geni como perfilada já na terceira fase, durante a disciplina de Apuração, Redação e Edição III, por considerá-la uma figura indispensável na rotina de quem frequenta o Departamento. A oportunidade de revisitar, corrigir e evoluir o texto escrito há dois anos foi uma experiência gratificante e esclarecedora do seu tempo no Curso.



**Maria Vitória Woldan:** Atualmente cursa a quarta fase de Jornalismo. Por possuir grande admiração pelo servidor, aluno e profissional Carlos Henrique Guião, decidiu produzir a reportagem perfil sobre sua história. A escolha também foi influenciada pela afinidade da repórter e do perfilado em relação ao Telejornalismo. Ao final do processo, ver Guião se emocionar ao ler o perfil foi a melhor gratificação que Maria poderia desejar.



**Rafael Prudencio Moreira:** É formando do Curso de Jornalismo em 2019. Suas principais afinidades são o audiovisual e a fotografia. Possui experiências na produção de documentários e em projetos de educomunicação. Escolheu perfilar Maria Júlia dos Santos Costa, a Julinha, por perceber o quanto a história dela representa uma grande parcela da população brasileira, e como seu trabalho é importante para o Departamento.

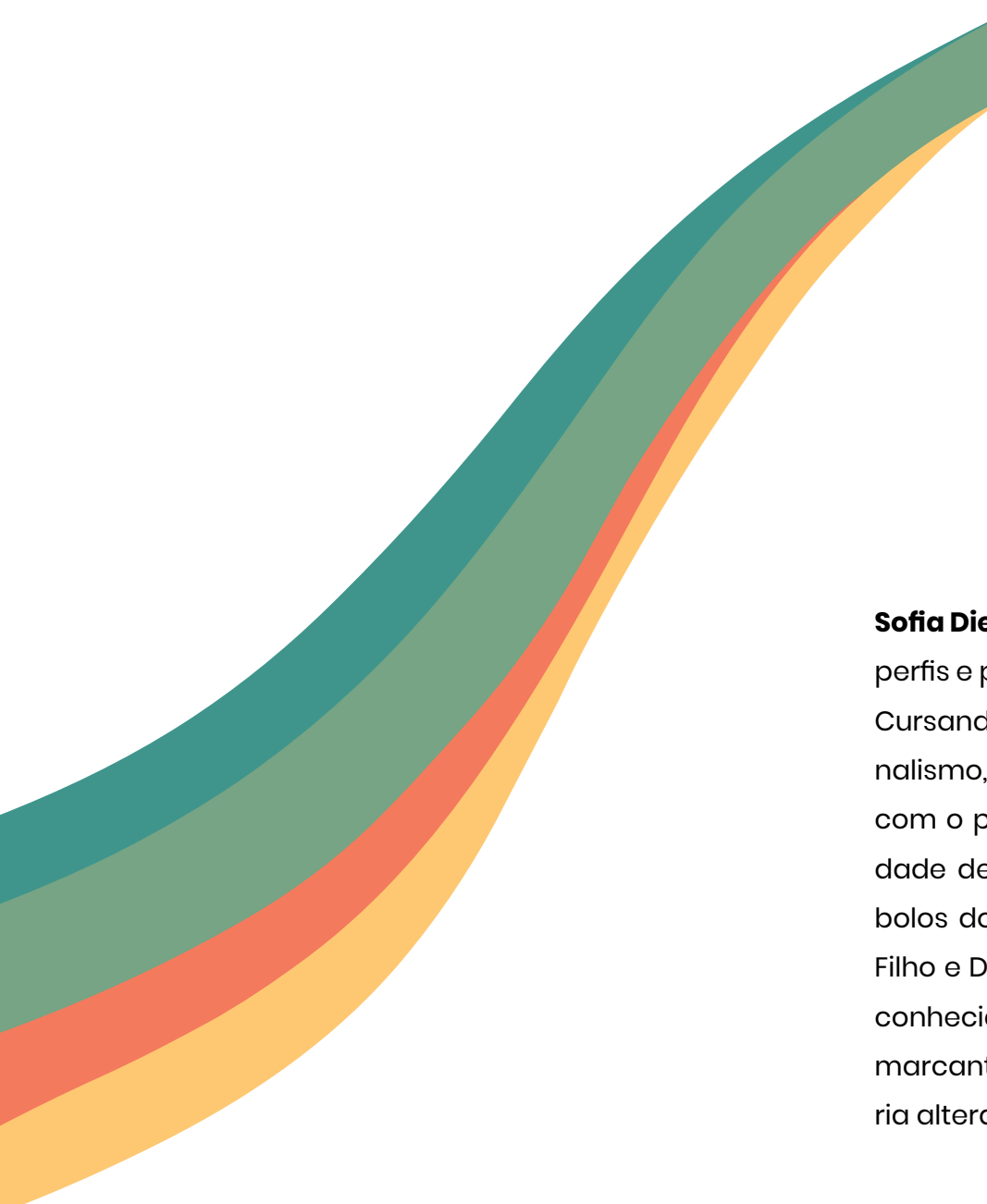


**Renan Schwingel:** Aluno da quarta fase do Curso e autor do livro *#fazendo-diferença*. Foi editor-chefe do *Coneção UFSC* e é apresentador do *TJ UFSC*, telejornais produzidos por estudantes. A proximidade com o Telejornalismo e admiração o levaram a perfilar a repórter Kíria Meurer.

**Rodrigo Barbosa Perez Pedrosa:** Estudante de Jornalismo (atualmente cursa a quarta fase), apaixonado por viagens, histórias e, há um ano, fotografia. Esta última paixão o levou a escrever o perfil do professor Ivan, a primeira pessoa que o fez ter contato com uma câmera - ou câmara - fotográfica.



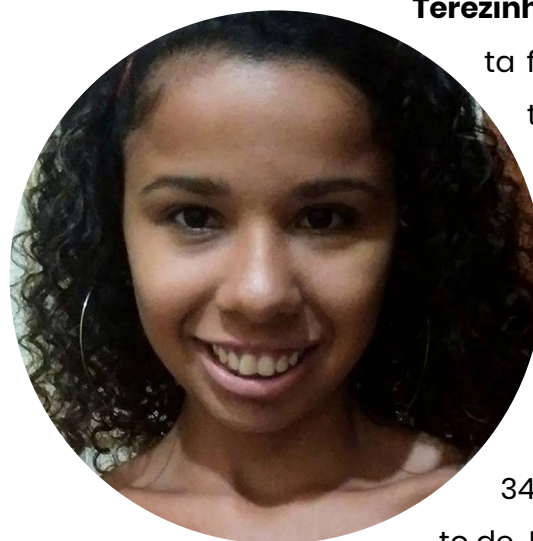
**Rosângela de Matos:** cursa a quinta fase da graduação em Jornalismo, tem afinidade com reportagens perfis. “Gosto de ouvir as pessoas”. Escolheu perfilar a professora e chefe de Departamento Leslie Chaves, pela qual possui um grande carinho e admiração.




**Sofia Dietmann:** Bolsista responsável por dois perfis e pelo projeto gráfico deste *e-book*. Cursando a sexta fase do Curso de jornalismo, se envolveu de corpo e alma com o projeto. Recebeu a oportunidade de perfilar dois grandes símbolos do Jornalismo: Adelmo Genro Filho e Daniel Herz. Apesar de não ter conhecido esses dois personagens tão marcantes, certamente teve sua trajetória alterada por essas duas figuras.



**Terezinha Lima de Quadros:** É aluna da quinta fase de Jornalismo. Sempre teve muita afinidade e admiração pelo texto escrito. Considera as disciplinas de Apuração, Redação e Edição como suas favoritas no Curso. A escolha por Dalton Barreto como seu perfilado foi motivada pelo árduo e incansável trabalho realizado ao longo de 34 anos na secretaria e no Departamento de Jornalismo.





**Zé Maia:** Em Apuração, Redação e Edição III, no primeiro semestre de 2019, escolheu o professor Fernando Crocomo como seu perfilado, pela afinidade. No entanto, se identificou com a história de Crocomo a cada relato que descobriu. Para Zé Maia, que sempre se envolveu mais com as disciplinas de Rádio e Telejornalismo, a reportagem perfil em texto foi uma ótima experiência.





Florianópolis, 2019.